



NORA
ROBERTS

*Os Céus de
Montana*

Tradução de Eduardo Fernandes



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido



À família



O mundo pende de um lado e de outro
Não mais amplo do que o coração;
Por cima do mundo abre-se o céu,
Não mais amplo do que a alma.
O coração pode empurrar o mar e a terra
Para mais longe, para lados opostos;
A alma pode rasgar o céu em dois,
E deixar que o rosto de Deus o invada.
Mas o Este e o Oeste ferirão o coração
Que não consegue mantê-los afastados;
E aquele cuja alma é plana — o céu
Abater-se-á sobre ele.

— EDNA ST. VINCENT MILLAY



PRIMEIRA PARTE

OUTONO

O ano belo e afligido pela morte.
— A. E. HOUSMAN



1.

Estar morto não tornava Jack Mercy um homem melhor. Uma semana de falecimento não minimizava sessenta e oito anos de maldade. Muitos dos que se reuniam em torno da sua campa estavam declaradamente felizes por poderem fazê-lo finalmente.

A verdade era que, com ou sem funeral, Bethanne Mosebly murmurava essas emoções ao ouvido do marido enquanto aguardavam entre a erva alta do cemitério. Estava ali apenas por consideração pela jovem Willa e debitera repetidamente esses motivos aos ouvidos cansados do marido, durante toda a viagem desde Ennis.

Enquanto homem que ouvira a esposa tagarelar durante quarenta e seis anos, Bob Mosebly resmungava apenas, bloqueando a voz dela e a voz ainda mais monótona do pregador.

Não se podia dizer que Bob acalentasse boas memórias de Jack. Detestava o sacana, tal como qualquer pessoa no estado do Montana.

Mas o homem estava mais que morto, pensava Bob, e os que não gostavam dele tinham ocorrido à cerimónia para o mandarem bem depressa para o inferno.

Aquele pacífico recanto do Rancho Mercy, escondido entre as sombras das Montanhas Rochosas, perto das margens do rio Missouri, estava agora apinhado de rancheiros e cowboys, comerciantes e políticos. Ali, onde o gado pastava nas colinas e os cavalos dançavam em pastagens soalheiras, sob a relva ondulante, jaziam enterradas gerações dos Mercy.

Jack representava a mais recente. Encomendara um caixão em castanho envernizado, mandara-o fazer à medida e incrustar a ouro os M interligados que formavam a insígnia do rancho. O caixão era forrado a cetim branco e Jack estava agora nele deitado, calçando as suas melhores botas em pele de cobra, usando o seu chapéu Stetson preferido e mais antigo, e empunhando o chicote.

Jack jurara morrer da mesma forma como vivera. Arrogantemente.

Dizia-se que Willa tinha encomendado a lápide de acordo com as instruções do pai. Seria de mármore branco, pois um granito simples não era suficiente para Jackson Mercy, e a inscrição era uma citação sua:

*Aqui jaz Jack Mercy.
Viveu como quis e morreu como quis.
Que se lixem todos os que não gostarem disso.*

O monumento seria erguido assim que a terra assentasse, para se alinhar com todas as outras lápides que pontilhavam o terreno cravejado de pedras, desde o avô de Jack Mercy, Jebediah Mercy, que atravessara as montanhas e reivindicara o seu terreno, à última das mulheres de Jack e a única que morrera antes de ele se conseguir divorciar dela.

Era interessante, ponderava Bob, que cada uma das três mulheres de Mercy o tivesse presenteado com uma filha quando ele estava determinado a ter um rapaz. Bob gostava de pensar que era uma espécie de piada divina contra um homem que pisara tudo e todos para conseguir o que queria em todos os aspectos da sua vida.

Recordava-se bem de cada uma das mulheres de Jack, muito embora nenhuma o tivesse sido por muito tempo. Lembrava-se de que eram todas bonitas, e as meninas que tinham nascido não ficavam nada atrás. Bethanne quase consumira as linhas telefónicas desde que soubera que as duas filhas mais velhas de Mercy estavam a caminho. Nenhuma delas pusera os pés na terra de Mercy desde que começara a andar.

Nem teriam sido bem recebidas.

Só Willa tinha ficado. Mas Mercy pouco pudera fazer para o evitar, uma vez que a mãe da criatura morrera quase antes de deixar de amamentar. Sem parentes a quem entregar a criança, confiara-a à governanta, e Bess criara-a o melhor possível.

Cada uma das mulheres apresentava um traço de Jack, observava Bob, espreitando-as sob a aba do chapéu. O cabelo escuro, o queixo afiado. Via-se que eram irmãs, sem dúvida, mesmo à primeira vista. O tempo diria de que forma lidariam umas com as outras e se Willa teria o suficiente de Jack Mercy dentro de si para gerir sozinha um rancho de dez mil hectares.

Ela, por sua vez, pensava no rancho e no trabalho que era preciso fazer. A manhã estava bonita e límpida, com os montes a providenciarem uma cor tão arrojada e intensa que quase lhe feria os olhos. As montanhas e o vale podiam ter já as cores do Outono, mas o vento das planícies era quente, seco e denso. No início de Outubro ainda estava suficientemente quente para mangas de camisa, mas o tempo podia mudar no dia seguinte. Já havia neve nas terras altas e ela conseguia divisar apontamentos brancos nos cumes pretos e cinzentos que cobriam timidamente as florestas. O gado teria de ser reunido, as cercas verificadas, reparadas e controladas novamente. O trigo de Inverno teria de ser plantado.

Agora estava nas suas mãos. Estava tudo nas suas mãos. Jack Mercy já não era o Rancho Mercy, recordava Willa. Era ela.

Ouviu o pregador falar de vida eterna, perdão e entrada no céu. E pensou que Jack Mercy cuspiria na cara de quem o convidasse para um

sítio que não lhe pertencesse. O Montana pertencera-lhe — aquela terra ampla de montanhas e prados, de águias e lobos.

O seu pai seria tão infeliz no céu como ela no inferno.

Manteve o rosto calmo à medida que o caixão ia descendo pela mais recente cicatriz rasgada na terra. A sua pele era de um dourado pálido — um legado da mãe e do seu sangue da tribo Blackfoot, mas também do sol. Os seus olhos, quase tão negros como o cabelo que ela prendera apressadamente numa trança antes do funeral, mantinham-se concentrados no caixão que transportava o corpo do pai. Não tinha chapéu, e o sol reverberava como fogo nos seus olhos. Mas não se permitiu lacrimejar.

Possuía um rosto orgulhoso, maçãs do rosto aguçadas, uma boca grande e carnuda, olhos negros e exóticos de pálpebras densas e pestanas luxuriosas. Partira o nariz ao cair do dorso de um cavalo selvagem aos oito anos de idade. Willa gostava de pensar que o pequeno desvio para a esquerda lhe dava personalidade.

A personalidade significava muito mais para Willa Mercy do que a beleza. Acreditava que os homens não respeitavam a beleza. Usavam-na.

Ficou muito quieta enquanto o vento despenteava alguns fios do seu cabelo, agora desalinhado numa dança divertida. Uma mulher de altura mediana e de complexão robusta, vestida com um vestido preto mal-amanhado e uns sapatos pretos bonitos que tinham deixado a caixa apenas aquela manhã. Uma mulher de vinte e quatro anos que pensava em trabalho e sentia uma dor avassaladora no peito.

Apesar de tudo, tinha amado Jack Mercy. E nada dissera — nem uma palavra — às duas mulheres, às duas estranhas que partilhavam o seu sangue e tinham ido enterrar o seu pai.

Por um momento, um breve momento, deixou que o olhar deambulasse, pousando na campa de Mary Wolfchild Mercy. A mãe de que não tinha memória repousava sob um leito suave de flores silvestres que floresciam como pedras preciosas à luz do sol outonal. Eram coisas de Adam, pensava, olhando para os olhos do meio-irmão. Só ele saberia que ela tinha o coração inundado de lágrimas que jamais poderia libertar.

Então, Adam tomou-lhe a mão e Willa entrelaçou os dedos nos dele. Sabia, no fundo do coração, que ele era a única família que lhe restava.

— Viveu a vida que quis — murmurou Adam. O seu tom era calmo, tranquilo. Se estivessem sozinhos, Willa voltar-se-ia para ele, encostaria a cabeça ao seu ombro e deixá-lo-ia reconfortá-la.

— Sim, viveu. E agora acabou.

Adam olhou para as duas mulheres, as filhas de Jack Mercy, ocorrendo-lhe que algo estava prestes a começar.

— Tens de falar com elas, Willa.

— Estão a dormir na minha casa, a comer da minha comida. — Foi-tou deliberadamente a campa do pai. — Chega.

— São sangue do teu sangue.

— Não, Adam, tu és sangue do meu sangue. Elas não me são nada.

Willa virou-se de costas para ele e preparou-se para receber as condolências.

* * *

Os vizinhos traziam comida para a morte. Não havia forma de pôr termo àquela tradição tão enraizada, assim como Willa não conseguira evitar que Bess cozinhasse três dias seguidos para providenciar aquilo a que a governanta chamava comida de luto. E aí Willa via uma grande hipocrisia. Não havia luto. Curiosidade, sim, certamente. Muitas das pessoas que estavam na casa já tinham sido convidadas. Mas eram ainda mais as que nunca o tinham sido. A morte dele dera-lhes acesso e isso agradava-lhes.

A casa principal era um palco, ao estilo de Jack Mercy. Em tempos, houvera uma cabana de troncos e lama, mas isso fora há mais de cem anos. Agora impunha-se uma estrutura robusta e imponente de pedra e madeira, de vidro polido. Havia tapetes dos quatro cantos do mundo sobre os diferentes soalhos de pinho envernizado ou tijoleira brilhante. Jack Mercy gostava de coleccionar. Quando se tornara o chefe do Rancho Mercy, passara cinco anos a converter um belo lar no seu palácio pessoal.

Os ricos viviam ricamente, como costumava dizer.

E assim fizera. Coleccionara quadros, esculturas, acrescentando divisões para exibir as obras de arte. A entrada era um átrio enorme, pavimentado com lajes em tons de rubi e safira, repetindo num padrão o monograma do Rancho Mercy. A escadaria que abria para o segundo andar era de carvalho envernizado, brilhante como cristal, com o pilar principal trabalhado de forma a parecer um lobo uivante.

As pessoas rodeavam-no, de olhos esbugalhados, equilibrando os pratos. Outros apinhavam-se na sala de estar com a sua imensidão de chão polido e um sofá enorme e curvo, revestido a couro creme. Por cima da elegante lareira cravejada de seixos do rio pendia um quadro em tamanho real de Jack Mercy, montado num puro-sangue negro. A sua cabeça estava bem erguida, tinha o chapéu descaído para trás e segurava o chicote numa mão. Muitos sentiam que aqueles olhos azuis intensos os amaldiçoavam enquanto bebiam uísque e brindavam à sua morte.

Para Lily Mercy, a segunda filha que Jack concebera e descartara, era terrível. A casa, as pessoas, o barulho. O quarto que a governanta lhe dera na véspera era tão bonito. Tão tranquilo, pensava, agora que avançava para

a balaustrada do alpendre lateral. A bonita cama, a madeira clara em contraste com o papel de parede sedoso.

O sossego.

Queria tanto um pouco de sossego, pensava, fitando as montanhas. E que montanhas. Tão altas, tão agrestes. Nada que se parecesse com as bonitas colinas do seu lar na Virgínia. E o céu, aquele azul vibrante e interminável que se curvava em direcção a territórios que pareciam nunca mais acabar.

As planícies, aquela imensidão selvagem, e o vento que parecia nunca parar de correr. As cores, os dourados e os castanhos, os vermelhos e o bronze das colinas e das planícies, numa explosão de Outono.

E aquele vale, onde o rancho se abria numa mancha de força e beleza impossíveis. De manhã, vira veados a beber de um ribeiro que cintilava como prata à luz da alvorada. Ouvira cavalos, vozes masculinas, o cantar de um galo e o que pensava — esperava — ser o piar de uma águia.

Perguntava-se se, sendo capaz de se embrenhar pela floresta que dançava no sopé dos montes, conseguiria encontrar o alce, o veado, a raposa que vira correr tão avidamente pelos campos.

Perguntava-se se lhe seria permitido ficar um dia mais que fosse — e para onde iria, o que faria, se lhe pedissem que partisse.

Não poderia voltar para a costa leste, ainda não. Com cuidado, palpou a nódoa amarelada que disfarçara com maquilhagem e óculos de sol. Jesse descobrira-a. Fora tão cuidadosa, mas ele encontrara-a e as ordens de afastamento não tinham travado a força dos seus punhos. Nunca conseguiram. O divórcio não o travara. As mudanças, as fugas não o travaram.

Mas ali, pensava, talvez ali, a milhares de quilómetros, numa região enorme, ela pudesse finalmente recomeçar. Sem medos.

A carta do advogado que a informara da morte de Jack Mercy, pedindo-lhe que viajasse até ao Montana fora como uma dádiva divina. Embora todas as despesas tivessem sido pagas, Lily trocara o bilhete de avião em primeira classe e reservara vários voos através do país em três nomes diferentes. Queria desesperadamente acreditar que Jesse Cooke não a descobriria ali.

Estava tão cansada de fugir, de sentir medo.

Pensara em mudar-se para Billings ou Helena e arranjar um emprego. Um emprego qualquer. Tinha algumas competências. Era professora licenciada e sabia trabalhar com computadores. Talvez pudesse arranjar um apartamento só seu, ou mesmo um quarto, apenas para começar e até conseguir desenvencilhar-se sozinha.

Podia viver ali, pensava, fitando o espaço vasto, assustador e glorioso. Talvez aquele fosse o seu lugar.

Saltou quando uma mão lhe tocou o ombro, mal contendo um grito e sentindo o coração bater desenfreadamente no peito.

Não era Jesse, concluiu, sentindo-se tola. O homem a seu lado era moreno e Jesse era loiro. Aquele homem tinha a pele bronzeada e o cabelo pelos ombros. Os olhos eram meigos, escuros, muito escuros, num rosto tão belo como o de um quadro.

Mas Jesse também era belo. E ela sabia quão cruel poderia ser a beleza.

— Desculpe. — O tom de Adam era apaziguador, como se tivesse acabado de assustar um cachorrinho ou uma cria ferida. — Não quis assustá-la. Chá gelado. — Pegou na mão dela, vendo que tremia, e fê-la segurar o copo. — Está um dia quente.

— Obrigada. Não vi que estava atrás de mim. — Num gesto que se tornara habitual mas que Lily não percebera, deu um passo para trás, proporcionando alguma distância entre ambos. Distância para fugir. — Estava só a... olhar. — Isto é tão bonito.

— Sim, é.

Lily bebeu, refrescando a garganta seca, e fez um esforço por se acalmar e ser educada. As pessoas faziam menos perguntas quando estava calma.

— Mora aqui perto?

— Muito. — Ele sorriu e aproximou-se da balaustrada, apontando para leste. Gostava da voz dela, do sabor lento e quente do Sul que ela revelava. — Na casinha branca do outro lado da cavalaria.

— Sim, eu vi-a. Tem portadas azuis e um jardim, e vi também um cão a dormir no terreiro. — Lily lembrou-se do seu aspecto acolhedor e bem mais simpático do que o da casa principal.

— É o Beans. — Adam voltou a sorrir. — O cão. Adora feijões cozidos. Chamo-me Adam Wolfchild, sou o irmão da Willa.

— Oh. — Lily observou a mão que ele lhe estendia por um momento, obrigando-se a aceitá-la. Conseguia, de facto, perceber as semelhanças, as maçãs do rosto aguçadas e altas, os olhos. — Não sabia que ela tinha um... Então nós somos...

— Não. — A mão dela pareceu-lhe muito frágil e libertou-a com suavidade. — Vocês partilham um pai. Eu e a Willa partilhamos uma mãe.

— Compreendo. — E, percebendo que mal tinha pensado no homem que acabara de ser enterrado, sentiu vergonha. — Era próximo dele... do seu padrasto?

— Ninguém era. — A resposta fora proferida com simplicidade e sem ponta de amargura. — Não se sente bem aqui. — Reparara que ela se mantinha afastada de concentrações de pessoas, fugindo de todo o contacto,

como se o mais leve roçar de ombros a pudesse ferir. Notara também as marcas de violência que ela tanto se esforçara por esconder.

— Não conheço as pessoas.

Ferida, concluiu Adam. Ele sempre se sentira atraído pelos feridos. Ela era linda e estava magoada. Bem vestida com um fato preto simples e sapatos de tacão alto, era ligeiramente mais baixa do que ele, mas demasiado magra para a sua altura. O cabelo era escuro, sugerindo um brilho avermelhado, e caía em ondas suaves que o faziam pensar em asas de anjos. Não conseguia ver os olhos dela através dos óculos de sol, mas gostaria de lhes conhecer a cor e tudo o que eles escondiam.

Tinha o queixo do pai, mas a boca era suave e até pequena, como a de uma criança. Esboçara uma pequena covinha quando tentara sorrir para ele. A pele era cremosa, muito branca — um frágil contraste com as marcas nela deixadas.

Estava só, pensava, e com medo. Era capaz de levar algum tempo a conseguir influenciar Willa a respeito daquela mulher, daquela irmã.

— Tenho de ir ver um cavalo — começou a explicar.

— Oh. — Surpreendeu-a o facto de se sentir desiludida. Tinha querido estar sozinha. Era melhor quando estava sozinha. — Não o detenho mais.

— Gostaria de vir comigo? E ver os animais?

— Os cavalos? Eu... — *Não sejas covarde*, pensou. *Ele não te vai magoar*. — Sim, gostaria muito. Se não estiver a atrapalhar.

— Não está.

Sabendo que ela se retrairia, Adam não lhe ofereceu a mão nem lhe deu o braço, mas indicou a direcção apontando para as escadas e atravessando o caminho de terra batida.

* * *

Várias pessoas viram-nos partir. E os cochichos começaram, como seria de esperar. Lily Mercy era uma das filhas de Jack Mercy, afinal, embora fosse de poucas falas. Algo que nunca fora um problema para Willa, não senhor. Ora ali estava uma rapariga que dizia muito, sempre que sentia vontade de o fazer.

E quanto à outra, bem, eram outros quinhentos. Empertigada, sim senhora, a pavonear-se com um fato fino e a olhar de cima para os outros. Qualquer pessoa com olhos na cara via a forma como assistira ao funeral, fria como gelo. Era uma bonita visão, sem dúvida. Jack tivera belas filhas e aquela, a mais velha, tinha os olhos dele. Duros, incisivos e azuis.

Era evidente que ela se achava melhor do que todos os presentes, com o seu verniz californiano e sapatos caros, mas muitos se lembravam de que a sua mãe fora uma bailarina de Las Vegas, com uma gargalhada aberta e louca e uma boca pouco limpa. Os que dela se lembravam de imediato decidiram que preferiam a mãe à filha.

Tess Mercy não queria saber. Estava ali, naquelas traseiras do mundo, mas só até à leitura do testamento. Levaria o que lhe pertencia, que era menos do que o velho sacana lhe devia, e limparia o pó dos seus sapatos Ferragamo.

— Estarei de volta na segunda-feira, o mais tardar.

Falava ao telefone enquanto caminhava pelo espaço, agitando os braços, espalhando uma energia nervosa pela divisão. Fechara as portas daquilo que seria, supostamente, um escritório, esperando conseguir alguns momentos de privacidade. Esforçava-se por ignorar os animais empalhados espetados nas quatro paredes.

— O argumento está terminado. — Sorriu levemente, entrelaçando os dedos numa madeixa de cabelo negro que se curvava no queixo. — Podes crer que é brilhante e que vai estar nessas mãozinhas na segunda-feira. Não me chateies, Ira — avisou o agente. — Vais ter o teu guião e só tens de conseguir a venda. Estou com alguns problemas de liquidez.

Trocou o telefone de posição e concentrou-se em servir um copo de brandy do *decanter*. Ainda escutava as promessas e súplicas de Hollywood quando viu pela janela Lily e Adam a passearem.

Interessante, pensou, bebendo. *O Ratinho e o Bom Selvagem*.

Tess fizera umas pesquisas antes de ir para o Montana. Sabia que Adam Wolfchild era filho da terceira e última mulher de Jack Mercy. Que tinha oito anos quando a mãe se casara com Mercy. Wolfchild era da tribo Blackfoot — pelo menos, em parte. A sua mãe era parte índia. O homem vivera vinte e cinco anos no Rancho Mercy e tinha pouco mais do que uma casinha e um emprego a cuidar de cavalos.

Tess tencionava ter muito mais.

Já Lily estava divorciada, sem filhos e parecia movimentar-se muito. Provavelmente porque o marido a usara como saco de porrada, concluiu Tess, controlando uma onda repentina de solidariedade. Não podia permitir-se apegos emocionais. Era tudo uma questão de negócios.

A mãe de Lily fora uma fotógrafa que viera para o Montana para tirar fotografias do Oeste real. Acabara por se envolver com Jack Mercy — para o melhor e para o pior.

E depois havia Willa. O rosto de Tess ficou tenso ao pensar em Willa. A filha que ficara. A única com que o sacana ficara.

Bem, agora aquilo era dela, pensava Tess, encolhendo os ombros. E

achava muito bem. Merecera-o, sem dúvida. Mas Tess Mercy não ia sair dali com uns trocos.

Espreitando pela janela, observou as planícies que se estendiam na distância, desenrolando-se interminavelmente, vazias como a Lua. Com um tremor, voltou as costas à vista. Céus, como precisava da Rodeo Drive.

— Segunda-feira, Ira — repetiu, agressivamente, já irritada com a voz dele. — No teu escritório, ao meio-dia em ponto. E então levas-me a almoçar.

Assim terminando a chamada, pousou o auscultador no descanso.

Três dias, no máximo, prometeu a si mesma, brindando a um alce com o seu balão de brandy. Então sairia da parvónia, directa para a civilização.

* * *

— Não devia ser preciso lembrar-te de que temos convidados lá em baixo, Will.

Bess Pringle estava de pé, com as mãos nas ancas largas, usando o mesmo tom que usava quando Willa tinha dez anos.

Willa vestiu as calças de ganga. Bess não acreditava em tolices como a privacidade e mal batera à porta antes de entrar esbaforida pelo quarto. Willa respondeu como se tivesse dez anos.

— Então não lumbres.

Sentou-se para puxar as botas.

— Educação é uma palavra de oito letras.

— Trabalho também e alguém tem de o fazer.

— E tens gente aqui que chegue para não o fazeres por um dia. Não vais sair daqui, logo hoje. Não parece bem.

O que parecia bem ou mal era o máximo que o código moral de Bess conseguia atingir. Era uma mulher magra, toda ossos e dentes, embora conseguisse arar sozinha um campo de pedras e fosse lambareira como uma criança de oito anos. Tinha cinquenta e oito — mudara a data de nascimento na certidão para o provar — e possuía uma juba de cabelo vermelho que pintava em segredo e usava sempre apertado num puxo discreto.

A sua voz era áspera como a casca de um pinheiro e o rosto suave como o de uma menina — surpreendentemente bonito com os seus olhos verdes como musgo e um nariz irlandês arrebitado. Tinha mãos pequenas, ágeis e competentes. Assim era também o seu temperamento.

Com os punhos ainda colados às ancas, marchou na direcção de Willa e fitou-a com seriedade.

— Mexe-me esse rabo atrevido pelas escadas abaixo e recebe os teus convidados.

— Tenho um rancho para gerir. — Willa levantou-se. Pouco importava que com as suas botas ficasse mais alta do que Bess. A luta de vontades sempre fora tensa entre elas. — E não são meus convidados. Não fui eu que os convidei.

— Vieram transmitir condolências. Fica bem.

— Vieram gabar-se e pavonear-se pela casa. E já deviam ter ido embora.

— Talvez alguns tenham ido. — Bess apontou com um aceno nervoso de cabeça. — Mas ainda há muitos que vieram por ti.

— Não quero saber deles. — Willa voltou-se, pegou no chapéu e ficou a contemplar o exterior da janela, esmagando a aba com os dedos. A janela dava para as montanhas, para a cordilheira escura e cheia de árvores, para os cumes aguçados que continham toda a beleza e mistério do mundo. — Não preciso deles. Não consigo respirar com tanta gente à minha volta.

Bess hesitou antes de pousar a mão no ombro de Willa. Jack Mercy não quisera uma educação delicada para aquela filha. Sem mimos, sem cuidados, sem carinhos. Deixara-o bem claro ainda Willa andava de fraldas. Por isso, Bess mimara, protegera e acarinhara a menina apenas quando sabia que não seria apanhada e mandada embora como uma das mulheres de Jack.

— Querida, tens muito por que chorar.

— Ele está morto e enterrado. Ter pena não ajuda nada. — Mas ergueu a mão e cobriu a mão mais pequena de Bess. — Não me disse que estava doente, Bess. Nem me deixou cuidar dele naquelas últimas semanas, nem dizer adeus.

— Era um homem orgulhoso — comentou Bess, embora pensando em como tinha sido um sacana. Um sacana egoísta. — Foi melhor o cancro tê-lo levado rapidamente do que deixá-lo a sofrer. Teria detestado isso e teria sido ainda mais difícil para ti.

— Seja como for, está feito. — Ajeitou a aba larga do chapéu e colocou-o na cabeça. — Tenho animais e pessoas à minha espera. Todos precisam de saber — já que, agora, quem manda aqui sou eu — que o Rancho Mercy ainda é gerido por um Mercy.

— Então faz o que tiveres a fazer. — A sua longa experiência dizia-lhe que o que ficava bem pouco importava quando era preciso resolver assuntos do rancho. — Mas volta à hora do jantar. Vais sentar-te e comer em condições.

— Tira esta gente toda de casa e eu venho.

Saiu da divisão, dirigindo-se às escadas das traseiras. Davam para a parte este da casa e permitiam-lhe acesso ao vestíbulo. Até ali conseguia escutar o zumbido das conversas vindo das outras divisões e, por vezes, uma gargalhada. Infeliz com aquele cenário, bateu com a porta e parou quando viu dois homens a fumarem amigavelmente no alpendre lateral.

O olhar dela concentrou-se no mais velho e na garrafa de cerveja que lhe pendia dos dedos.

— Estás a divertir-te, Ham?

O tom sarcástico de Willa não afectara Hamilton Dawson. Fora ele que a ensinara a montar o seu primeiro pónei, que lhe ligara a cabeça depois da primeira queda. Ensinara-a a usar uma corda, a disparar uma espingarda e a preparar um veado. Agora, limitava-se a enfiar o cigarro pela pequena abertura rodeada de pêlos grisalhos e a exalar um anel de fumo.

— Está — desenhou mais um anel — uma bela tarde.

— Quero a cerca da fronteira noroeste verificada.

— Já está — respondeu placidamente, continuando a apoiar-se na balaustrada. Era um homem baixo, largo e as pernas curvavam como uma fúrcula. Como capataz do rancho sabia o que era preciso fazer tão bem quanto Willa. — Tenho uma equipa a tratar das reparações. Mande o Brewster e o Pickles para as terras altas. Perdemos duas cabeças de gado. É capaz de ser um leão-da-montanha. — Fumou novamente, exalando mais fumo. — O Brewster resolve o problema. Gosta de andar aos tiros.

— Quero falar com ele quando voltar.

— Contava que sim. — Endireitou-se e afastou-se da balaustrada, ajustando o seu chapéu velho e escuro. — É altura do desmame.

— Sim, eu sei.

Já esperava que ela soubesse e assentiu novamente.

— Vou ter com os que andam a verificar as reparações. Lamento pelo teu pai, Will.

Willa sabia que aquelas palavras entaladas entre assuntos relacionados com o rancho eram mais sinceras e pessoais do que as toneladas de flores enviadas por estranhos.

— Depois vou ter convosco.

Ele acenou para ela e para o homem a seu lado. Depois seguiu caminho com as suas pernas arqueadas até ao carro.

— Como te estás a aguentar, Will?

Ela encolheu um ombro, frustrada por não saber o que fazer a seguir.

— Quero que seja amanhã — disse. — Amanhã será mais fácil, não te parece, Nate?

Porque não lhe queria dizer que não, Nate bebeu um gole de cerveja. Estava ali como amigo, como companheiro de rancho, como vizinho.

Também estava ali como advogado de Jack Mercy e sabia que, dentro de momentos, ia destruir a mulher que estava a seu lado.

— Vamos dar um passeio. — Pousou a cerveja na balaustrada e tomou o braço de Willa. — Preciso de esticar as pernas.

E que pernas. Nathan Torrence era muito alto. Atingira um metro e noventa aos dezassete e continuara a crescer. Agora, aos trinta e três, media dois metros de altura. O cabelo era da cor da palha e escondia-se por baixo do seu chapéu. Os olhos eram azuis como o céu do Montana, encaixados num rosto belo e marcado pelo sol e pelo vento. Na extremidade de uns braços muito longos surgiam umas mãos enormes. E no final das suas pernas compridas espreitavam uns pés igualmente imensos. Apesar de tudo, era surpreendentemente gracioso.

Parecia um cowboy e andava como um cowboy. Quando se tratava de assuntos de família, cavalos e a poesia de Keats, o seu coração era doce como mel. Quando o assunto era relacionado com a lei, sobre justiça ou apenas distinguir o bem do mal, a sua mente era fria como granito.

Sentia um profundo afecto por Willa Mercy. E detestava o facto de não poder evitar fazê-la sofrer.

— Nunca perdi ninguém próximo — comentou. — Não posso dizer que saiba o que estás a sentir.

Willa continuou a andar, passando pelo refeitório, pelo dormitório e pelo galinheiro, onde as galinhas começavam a dormir.

— Ele nunca permitiu que ninguém se aproximasse dele. Não sei como me sinto.

— O rancho... — Era um assunto melindroso e Nate tentava sondar com cuidado. — É muito trabalho para uma só pessoa.

— Temos boa gente, um belo gado e um terreno maravilhoso. — Não era difícil sorrir para Nate. Nunca era. — Bons amigos.

— Podes chamar-me sempre que precisares, Will. A mim ou a qualquer outra pessoa da terra.

— Eu sei disso. — Olhou para além dele, para os currais, os edifícios, as casas e mais além, para onde a terra se perdia na base do céu. — Há mais de cem anos que é um Mercy que gere isto. Cria gado, semeia a terra, cria os cavalos. Eu sei o que precisa de ser feito e como fazê-lo. Nada muda, nunca.

Tudo muda, pensou Nate. E o mundo de que ela acabara de falar preparava-se para sofrer uma reviravolta graças ao coração frio de um homem morto. Era melhor que isso se desse agora, de uma vez por todas, antes de ela montar um cavalo ou subir a um camião e desaparecer.

— Acho melhor darmos início à leitura do testamento — decidiu Nate.

2.

O escritório de Jack Mercy, no segundo piso da casa principal, era grande como um salão de baile. As paredes estavam cobertas por tábuas de pinho das suas próprias árvores, envernizadas num tom que providenciava uma luz dourada ao espaço. As janelas enormes ofereciam vistas para o rancho, a terra e o céu. Jack gostava de dizer que conseguia ver o que um homem precisava de ver através daquelas janelas, sem cortinas, mas faustosamente trabalhadas.

No chão dispunham-se os tapetes que colecionara. As cadeiras eram revestidas a pele, como era da sua preferência, em tons verdes e castanhos.

Os seus troféus estavam expostos nas paredes — cabeças de alces, carneiros, ursos e veados. Aninhado a um canto, como se prestes a atacar, estava um enorme urso-pardo, de presas expostas e olhos vítreos carregados de ódio.

Algumas das suas armas favoritas estavam expostas numa vitrina fechada à chave. A espingarda e o revólver Colt Peacemaker do seu bisavô Henry, a caçadeira Browning que abatera o urso, a Mossberg 500 que ele apelidara de limpa-pombas e a Magnum de calibre 44 que usava para caça corpo a corpo.

Era o espaço de um homem, com os aromas masculinos do couro e da madeira e uma leve insinuação de tabaco deixada pelos charutos cubanos que gostava de fumar.

A secretária, que ele mandara fazer por encomenda, era um lago de madeira envernizada, um labirinto de gavetas com dobradiças em latão polido. Nate estava sentado atrás dela, verificando os papéis, enquanto esperava que os presentes se instalassem.

A Tess parecia que aquele homem estava tão deslocado quanto um barril de cerveja numa igreja. *O advogado-cowboy*, pensou, sorrindo levemente, *vestido com o seu fato domingueiro*. Embora fosse um homem interessante, no seu estilo rude e campesino. Um jovem Jimmy Stewart, concluía, todo braços e pernas e com uma sexualidade silenciosa. Mas homens grandes e desengonçados que calçavam botas e vestiam gabardinas não faziam bem o seu género.

E ela queria acabar com o assunto e voltar para Los Angeles. Revirou os olhos quando vislumbrou o urso-pardo ameaçador, a cabeça da cabra-montês toda despenteada, as armas que os tinham caçado. Que sítio, pensou. E que gente.

Para além do advogado-cowboy, havia a governanta esquelética de cabelo fofoso que estava sentada numa cadeira de costas altas, com os joe-

lhos unidos e modestamente tapados por uma saia preta perfeitamente horrível. Então surgiu o Bom Selvagem, de rosto espantosamente belo, olhos enigmáticos e um leve odor a cavalos que não parecia largá-lo.

A Lily nervosa, pensou Tess, continuando a sua pesquisa, unindo as mãos como torniquetes e baixando a cabeça, como se isso conseguisse esconder as nódoas negras do seu rosto. Bela e frágil como um pássaro perdido e lançado para o meio de um bando de abutres.

Quando o coração de Tess começou a agitar-se, voltou-se deliberadamente para Willa.

A vaqueira Mercy, pensou, desdenhosa. Amuada, provavelmente estúpida e calada. Pelo menos, a mulher ficava melhor de calças de ganga e camisa de flanela do que com o vestido largo que usara no funeral. Na verdade, até tinha uma bela figura, ali sentada no cadeirão de pele, com a bota pousada no joelho e o rosto estranhamente exótico plácido como o de uma estátua.

E visto que ainda não conseguira divisar uma lágrima a derramar-se dos seus olhos negros, Tess partiu do princípio de que Willa não nutria mais sentimentos por Jack Mercy do que ela própria.

Eram apenas negócios, concluiu, tamborilando com os dedos impacientemente no braço da cadeira.

Vamos lá resolver isto.

Precisamente nesse momento, Nate ergueu o olhar que se cruzou com o dela. Por um momento desconfortável, sentiu que ele sabia o que lhe ia na cabeça. E a censura de tudo o que lhe dizia respeito tornou-se evidente como o céu que se abria pela janela por trás dele.

Pensa o que quiseres, decidiu, mantendo o contacto ocular. *Mas dá-me o meu dinheiro.*

— Podemos fazer isto de duas maneiras — começou Nate. — Formalmente: posso ler o testamento do Jack palavra a palavra e explicar o que todos os termos legais significam. Ou posso explicar o significado, as condições e as opções. — Deliberadamente, olhou para Willa. Ela era a mais importante para ele. — Decide.

— Faz da forma mais fácil, Nate.

— Muito bem, então. Bess, ele deixou-te mil dólares por cada ano que passaste no rancho. Isso perfaz trinta e quatro mil dólares.

— Trinta e quatro mil — repetiu Bess, de olhos esbugalhados. — Céus, Nate. O que vou eu fazer com tanto dinheiro?

Ele sorriu.

— Ora, gasta-o, Bess. Podes investir parte. Posso ajudar-te com isso.

— Céus. — Incrédula, olhou para Willa e para as suas mãos, voltando o olhar para Nate. — Céus.

E Tess pensou: *se a governanta tem direito a trinta mil, eu devo receber, pelo menos, o dobro*. E sabia muito bem o que faria a tanto dinheiro.

— Adam, de acordo com um acordo que o Jack estabeleceu com a tua mãe quando se casaram, receberás vinte mil dólares ou dois por cento do Rancho Mercy, como preferires. Posso dizer-te que a percentagem vale muito mais do que o dinheiro, mas a decisão é tua.

— Não chega. — A voz de Willa surgiu num berro, assustando Lily e fazendo Tess arquear uma sobrancelha. — Não está certo. Dois por cento? O Adam trabalha neste rancho desde os oito anos. Ele...

— Willa. — Sentado na cadeira atrás dela, Adam pousou uma mão no ombro dela. — Chega perfeitamente.

— Não chega nada. — Furiosa por ele, pela injustiça que estava a testemunhar, afastou a mão dele. — Temos uma das melhores estirpes de cavalos do estado. Graças ao Adam. Os cavalos deviam ser dele. Assim como a casa onde vive. Ele devia receber terra e dinheiro para investir nela.

— Willa. — Paciente, Adam voltou a tranquilizá-la com a mão, deixando-a pousada no ombro dela. — Foi isso que a nossa mãe pediu e foi isso que ele deu.

Willa cedeu porque alguns olhares estranhos os fixavam. E porque estava decidida a alterar a decisão. Pediria a Nate que preparasse os documentos antes do final do dia.

— Desculpa. Pousou as mãos calmamente nos braços da cadeira. — Força, Nate.

— O rancho e o que lhe está ligado — recomeçou Nate —, o gado, o equipamento, os veículos, as madeiras... — Fez uma pausa e preparou-se para a infeliz tarefa de destruir as esperanças das pessoas. — O negócio do Rancho Mercy deverá continuar como de costume, com as despesas salda-das, os salários pagos, os lucros poupados ou reinvestidos, à tua responsabi-lidade, Will, sob a supervisão de um executor durante um ano.

— Espera. — Willa ergueu uma mão. — Ele quer que tu supervisio-nes a gestão do rancho durante um ano?

— Em determinadas condições — acrescentou Nate, com os olhos carregados de desculpas. — Se essas condições forem cumpridas no perí-odo de um ano, começando dentro de quinze dias após a leitura do testa-mento, o rancho e todo o seu conteúdo será propriedade e rendimento das beneficiárias.

— Que condições? — quis saber Willa. — Que beneficiárias? Mas que raio se passa aqui, Nate?

— O Jack deixou um terço da propriedade a cada uma das suas filhas. — Observou o rosto de Willa ficar automaticamente sem cor e, amaldi-

çoando Jack Mercy, continuou a explicar. — Para herdar, as três deverão viver no rancho, não deixando a propriedade por mais do que uma semana, durante um ano inteiro. No final desse período, se as condições tiverem sido observadas, cada beneficiária receberá a sua parte. Durante dez anos, essa parte não poderá ser vendida nem transferida a outra pessoa senão uma das beneficiárias.

— Espere um minuto. — Tess pousou a sua bebida. — Está a dizer que tenho direito a uma terça parte de um rancho de gado no meio de nenhures, no Montana, e para ter direito a ela tenho de me mudar para cá? Viver aqui? Abdicar da minha vida por um ano? Nem pensar. — Levantou-se, graciosamente, descruzando as suas longas pernas. — Não quero o teu rancho, menina — disse a Willa. — Podes ficar com cada grão de poeira e cada vaca. Isto não vai funcionar. Dá-me a minha parte em dinheiro, que eu desapareço da tua vista.

— Perdoe-me, menina Mercy. — Nate pôs-se ao nível dela, levantando-se da cadeira. *Louca como uma galinha de duas cabeças*, pensou, *e suficientemente fria para o disfarçar*. — Vai ter de funcionar. As condições e os desejos dele estão bem pensados, bem claros e, se não concordarem com estas exigências, o rancho será doado inteiramente à Reserva Natural.

— Doado? — Apanhada de surpresa, Willa levou as mãos à cabeça. Apoderara-se dela uma onda de mágoa e raiva e um medo terrível que lhe tolhia as entranhas. Teria de ultrapassar aquela barreira de emoções e pensar.

Ponderou no prazo dos dez anos. Serviria para impedir que a terra fosse avaliada pelo IRS pelo valor de mercado em vez de o ser pelo valor real. Jack detestava o governo como se fosse veneno e não permitiria que um tostão lhe fosse parar aos cofres. Mas ameaçar doar tudo ao tipo de organização a que ele costumava chamar “namorados das baleias” ou “amantes das árvores” não fazia qualquer sentido.

— Se não aceitarmos — continuou, tentando manter a calma — ele pode doar tudo simplesmente? Dar as terras que foram dos Mercy durante mais de um século se aquelas duas não fizerem o que diz no papel? E se eu não aceitar?

Nate exalou profundamente, detestando-se por ter de desempenhar aquele papel.

— Lamento, Willa. Não houve forma de lhe dar a volta. Foi assim que ele quis que isto se processasse. Se qualquer uma das duas for embora, se as condições não forem cumpridas, o rancho é doado. Recebem cem dólares e nada mais.

— Cem dólares? — O absurdo da possibilidade apanhou Tess completamente desprevenida, fazendo-a recostar-se na cadeira a rir-se. — Que sacana.

— Cala-te. — A voz de Willa era como um chicote quando se levantou. — Cala-te de uma vez. Podemos contestar o testamento, Nate? Vale a pena tentar?

— Se queres a minha opinião legal, não. Demoraria anos e consumiria muito dinheiro. O mais certo era perderes.

— Eu fico. — Lily esforçava-se por controlar a respiração. Um lar, segurança, conforto. Estava tudo ali, mesmo à sua frente, como um estranho presente. — Lamento muito. — Levantou-se quando Willa deu meia-volta para a enfrentar. — Não é justo para ti. Não está certo. Não sei porque fez isto, mas eu fico. Quando o ano terminar, vendo-te a minha parte pelo que achares justo e correcto. É um belo rancho — acrescentou, tentando sorrir quando Willa apenas a fitava. — Todos aqui sabem que é teu. Afinal de contas, é só um ano.

— Que querida — comentou Tess. — Mas era o que me faltava ficar aqui um ano. — Vou voltar a Los Angeles amanhã de manhã.

Com a cabeça a andar à roda, Willa fitou-a com cuidado. Por muito que quisesse as duas irmãs fora dali, queria muito mais poder ficar com o rancho. Muito mais.

— Nate, o que acontece se uma de nós morrer de repente?

— Engraçadinha. — Tess voltou a pegar no seu balão de brandy. — Humor à moda do Montana?

— No caso de uma das beneficiárias falecer dentro de um ano, as restantes terão direito a metade da propriedade, nas mesmas condições.

— Então estás a pensar matar-me enquanto durmo? Enterrar-me na pradaria? — Tess dedilhou no vazio, demonstrando indiferença. — Não me podem obrigar a ficar aqui, a viver assim.

Talvez não, pensou Willa, mas o dinheiro parecia saber falar com algumas pessoas.

— Eu não te quero aqui. Não quero nenhuma das duas, mas faço o que for preciso para ficar com o rancho. A menina Hollywood poderá querer saber o valor dos seus hectares de poeira, Nate.

— Podemos estimar, de acordo com o valor actual do mercado e tendo em conta apenas os edifícios, excluindo o gado... que valerá entre oitenta a vinte milhões.

Uma pequena onda de brandy transpôs a delicada orla do copo que Tess segurava, quando esta agitou a mão em sobressalto.

— Céus.

A reacção de Tess mereceu um olhar de desdém de Bess e um riso trocista de Willa.

— Bem me parecia que a mensagem passaria melhor assim — mur-

murou Willa. — Quando foi a última vez que ganhaste seis milhões num ano... mana?

— Arranjam-me um copo de água? — sussurrou Lily, atraindo a atenção de Willa.

— Senta-te antes que caias. — Empurrou Lily sem grande cuidado, fazendo-a sentar-se numa cadeira e começando a caminhar nervosamente pela sala de seguida. — Quero que leias o testamento, palavra por palavra, Nate. Quero meter isto muito bem na minha cabeça.

Dirigiu-se a um armário de bebidas lacado e fez algo que nunca tinha feito quando o pai estava vivo. Abriu o uísque dele e bebeu.

Bebeu em silêncio, deixando que o ardor do álcool descesse devagar pela garganta, enquanto escutava a leitura de Nate. E tentou não pensar nos anos que dedicara a tentar conquistar o amor do pai, para não falar do seu respeito. E confiança.

No final, ele atirara-a para o meio das filhas que nem conhecia. Porque, pensando bem, nenhuma das duas alguma vez significara algo para ele.

Um nome que Nate balbuciou arranhou-lhe os ouvidos.

— Espera lá. Espera lá, se fazes o favor. Disseste Ben McKinnon?

Nate endireitou-se na cadeira e pigarreou. Tivera esperança de que aquele pormenor lhe passasse ao lado, por enquanto. Já recebera demasiadas novidades para um dia.

— O teu pai escolheu-nos, a mim e ao Ben, para supervisionar a gestão do rancho durante o ano probatório.

— Esse cabeça de peru vai andar em cima de mim durante um ano inteiro, porra?

— Não praguejes nesta casa, Will — resmungou Bess.

— Praguejo até a casa vir abaixo, se me apetecer. Mas por que raio escolheu ele o McKinnon?

— O teu pai achava que o rancho Três Rochedos só era inferior ao Mercy. Queria alguém que conhecesse os altos e baixos do negócio.

O McKinnon sabe ser mau como as cobras, dissera Mercy a Nate. E não aceitava tretas de uma mulher.

— Nenhum de nós vai andar em cima de ti — tranquilizou Nate. — Também temos ranchos para gerir. É só um pormenor.

— Tretas. — Mas Will controlou-se. — O McKinnon já sabe disto? Não veio ao funeral.

— Tinha assuntos para tratar em Bozeman. Deve voltar logo ou amanhã. E sim, sabe.

— Deve ter-se fartado de rir, claro.

Nate recordava-se de que o homem quase morrera às gargalhadas, mas controlou a expressão do olhar.

— Não é uma piada, Will. São negócios. E a situação é temporária. Só precisas de aguentar quatro estações. — Nate sorriu. — Só temos de fazer isso.

— Vou conseguir dar conta disto. Deus saberá se estas duas conseguirão. — Fitou as irmãs e abanou a cabeça. — Porque estás a tremer? — perguntou a Lily. — Estão em causa milhões de dólares e não um pelotão de fuzilamento. Credo, mulher, bebe isto.

Willa espetou o copo de uísque na mão de Lily.

— Pára de implicar com ela. — Arreliada, querendo instintivamente proteger Lily, Tess colocou-se entre as duas.

— Não estou a implicar com ela. E desaparece-me da frente.

— Vou estar à tua frente durante um ano. Habitua-te.

— Então é melhor habituares-te à maneira como as coisas funcionam aqui. Ficas, mas não vais sentar esse rabinho mimado. Vais trabalhar.

Ao som do comentário sobre o seu “rabinho mimado”, Tess inalou profundamente. Eliminara cada quilo a mais que acumulara no liceu à custa de muita fome e muito exercício, e estava muitíssimo orgulhosa dos seus resultados.

— Fixa bem isto, seu peito de tábua de engomar arrogante: se eu for embora, perdes tudo. E se achas que vou aceitar ordens de uma vaqueira ignorante e com cara de sonsa, és bem mais estúpida do que pareces.

— Vais fazer exactamente o que te disser — corrigiu-a Willa. — Ou, em vez de teres uma caminha agradável nesta casa, vais ter de montar uma tenda no monte durante o próximo ano.

— Tenho tanto direito de estar debaixo deste telhado como tu. Até mais, porque ele casou com a minha mãe primeiro.

— Isso só faz de ti a mais velha — retrucou Willa, apreciando com prazer o efeito do comentário. — E a tua mãe era uma corista de cabelo pintado com mais mamas que miolos.

O que quer que Tess pudesse fazer ou dizer em resposta foi evitado pelas lágrimas repentinas de Lily.

— Satisfeita? — perguntou Tess, empurrando Willa com força.

— Parem. — Cansado da discussão, Adam travou-as com um olhar. — Deviam ter vergonha. — Debruçou-se com cuidado, murmurando para Lily e ajudando-a a levantar-se. — Precisas de apanhar ar fresco — sugeriu, com simpatia. — E comida. Vais sentir-te melhor num instante.

— Leva-a a dar um passeio — sugeriu Bess, levantando-se com dificuldade. A cabeça latejava-lhe como se a estivessem a martelar. — Vou preparar o jantar. Estou muito envergonhada por ambas — disse a Tess e a Willa. — Conheci as mães das duas. Esperariam muito mais de vocês.

Resfolegou e, com dignidade, voltou-se para Nate.

— Fica para jantar, se quiseres, Nate. Há comida que chegue.

— Obrigado, Bess, mas... — Tinha de fugir dali antes que o matassem. — Preciso de ir indo para casa. — Juntou os papéis, atento às duas mulheres que ainda estavam na sala, fitando-se ameaçadoramente. — Vou deixar três exemplares de cada um dos documentos. Se tiverem dúvidas, sabem onde estou. Se não me disserem nada, volto cá daqui a uns dias para ver... Para ver — concluiu.

Nate pegou no chapéu e na pasta e abandonou o campo de batalha.

Novamente calma, Willa respirou fundo.

— Verti suor e lágrimas neste rancho desde o dia em que nasci. Tu não queres saber disto para nada, nem eu me importo com isso. Mas não vou perder o que é meu. Tu achas que isso me deixa indefesa, mas eu sei que não vais voltar as costas a esta quantidade inominável de dinheiro que nunca esperaste ter ao teu alcance. Por isso, estamos quites.

Com um aceno de cabeça, Tess sentou-se no braço da cadeira e cruzou as pernas sedosas.

— Então definimos as nossas condições para vivermos em conjunto durante o próximo ano. Achas que é fácil para mim deixar o meu lar, os meus amigos, o meu estilo de vida por um ano. Não é. — Tess pensou com saudade no seu apartamento, na discoteca, na Rodeo Drive. Depois ergueu o queixo. — Mas não, não vou voltar as costas ao que é meu.

— Teu, o tanas.

Tess limitou-se a inclinar a cabeça.

— Gostemos ou não, e duvido que qualquer uma de nós goste, sou tão filha dele como tu. Não cresci aqui porque ele me pôs na rua com a minha mãe. Isso é um facto e, depois de ter passado aqui um dia, começo a ficar-lhe grata por isso. Mas vou aguentar-me por um ano.

Pensativamente, Willa pegou no uísque que Lily não bebera. A ambição e a ganância eram excelentes fontes de motivação. Ela aguentaria, sem dúvida.

— Até ao fim?

— Podes comprar a minha saída. — A imagem de tanto dinheiro fazia-a sorrir por dentro. — Ou, se não for possível, podes enviar-me cheques da minha parte dos lucros para Los Angeles. Que é onde estarei depois de este ano terminar.

Will bebeu um pouco mais de uísque e fez um esforço por se concentrar.

— Sabes montar?

— Montar o quê?

Rindo-se de forma trocista, Will voltou a beber.

— Típico. Nem deves saber distinguir um pito de um peru.

— Ora, acho que sei bem o que é um pito — brincou, admirada por ouvir Willa rir-se.

— As pessoas daqui trabalham muito. É outro facto. Tenho preocupações que cheguem, entre trabalhadores e gado, por isso, não quero ter de me preocupar contigo. Terás de aceitar as indicações da Bess.

— Esperas que aceite ordens de uma governanta?

O olhar de Willa era frio como aço.

— Aceitarás as ordens da mulher que te dará de comer, te tratará da roupa e limpará a casa onde vives. E a primeira vez que a tratares como uma criada será a última. Prometo-te. Já não estás em Los Angeles, menina Hollywood. Aqui toda a gente dá o corpo ao manifesto.

— Acontece que tenho uma carreira.

— Sim, a escrever coisas para o cinema. — Devia haver trabalhos mais inúteis, mas Willa não conseguia pensar em nenhum. — Bem, o dia tem vinte e quatro horas. Vais aprender isso num instante. — Cansada, Will caminhou até à janela por trás da secretária. — Que raio vou fazer com o passarinho ferido?

— É mais uma flor esmagada.

Surpreendida pela empatia expressa no tom de voz de Tess, Willa olhou para trás e encolheu os ombros.

— Ela contou-te alguma coisa sobre as nódoas negras?

— Falei com ela tanto como tu. — Tess tentou afastar o sentimento de culpa. Não podia envolver-se. — Não é propriamente uma reunião familiar.

— Ela vai contar ao Adam. Mais tarde ou mais cedo, toda a gente conta ao Adam o que a magoa. Deixaremos o Adam tratar dela, por agora.

— Perfeito. Amanhã volto a Los Angeles. Para fazer as malas.

— Um dos homens leva-te ao aeroporto. — Dispensando Tess, Willa voltou-se para a janela. — Faz um favor a ti mesma, menina Hollywood, e compra roupa interior comprida.

* * *

Will saiu a cavalo ao final do dia. O sol sangrava sobre os picos ocidentais, mergulhando o céu num vermelho rico e maduro. Precisava de pensar e de se acalmar. Debaixo dela, a égua Appaloosa parecia agitada e mordida o arreio.

— Certo, Moon, vamos correr até isto nos passar.

Puxando as rédeas, Will mudou de direcção e deu a ordem à égua ansiosa. Afastaram-se das luzes, dos edifícios, dos sons do rancho, embrenhando-se na terra aberta, lá onde o rio curvava.

Seguiram pelas suas margens, cavalgando para este na noite, à medi-

da que as primeiras estrelas surgiam no céu e os únicos sons que escutavam eram o correr da água e o ribombar dos cascos. O gado pastava e os falcões pairavam no ar. No cimo de uma elevação, Will observava quilómetros e quilómetros de silhuetas de árvores altaneiras, a ondulação da erva no prado, o desenho interminável das cercas. E, à distância, na noite cristalina, a luz suave de um rancho vizinho.

A propriedade dos McKinnon.

A égua agitou a cabeça e resfolegou quando Will a mandou parar.

— Ainda não libertámos tudo, pois não?

Não, a raiva ainda fervia dentro dela, tal como a energia ainda vibrava nos músculos da sua montada. Willa queria que desaparecesse, aquela fúria violenta e amarga, e a dor que se agitava sob ela. Não a ajudaria a enfrentar o ano que se avizinhava. Não a ajudaria a lidar com a hora que se seguia, pensava, fechando os olhos com força.

Não derramaria uma lágrima sequer. Nem por Jack Mercy, nem pela sua filha mais nova.

Respirou fundo, inalou o aroma da erva, da noite e da égua. Precisava de controlo, de um controlo implacável e calculado. Descobriria uma forma de lidar com as duas irmãs que lhe tinham sido impostas, de as manter na linha e no rancho. Custasse o que custasse, certificar-se-ia de que levariam o desafio avante.

Arranjaria uma forma de lidar com os supervisores que também lhe tinham sido impostos. Nate era um problema irritante mas não sério, decidiu, ordenando a Moon uma passada tranquila. Não faria mais nem menos do que o seu dever legal. O que significava, na opinião de Willa, que se manteria afastado dos assuntos do dia-a-dia do Rancho Mercy e cumpriria o seu papel sem muitas interferências.

Até conseguia sentir pena dele. Conhecia-o há muito e sabia que ele não apreciaria minimamente a posição em que fora colocado. Nate era justo, honesto e vivia satisfeito com a vida que levava.

Ben McKinnon, pensou Will, sentindo a raiva agitar-se novamente.

Esse era um assunto diferente. Não tinha dúvidas de que saberia apreciar cada minuto. Meteria o bedelho a cada oportunidade e ela teria de o aceitar. Mas, pensava com um sorriso sinistro, não teria de o aceitar a bem, nem de lhe facilitar a vida.

Oh, ela conhecia bem as intenções de Jack Mercy e isso fazia-lhe ferver o sangue ainda mais. Conseguia sentir o calor da fúria incendiar-lhe a pele, esfumando-se no ar frio da noite, enquanto observava as luzes e silhuetas do Rancho Três Rochedos.

As terras dos McKinnon e dos Mercy tinham vivido lado a lado durante gerações. Alguns anos depois de os Sioux terem tratado de Custer,

dois homens que caçavam nas montanhas e haviam reivindicado as suas terras no Texas tinham comprado gado barato que conduziram como companheiros até ao Montana. Mas a parceria fora interrompida e cada um reivindicara a sua terra, o seu gado e construíra o seu rancho.

Assim, houvera sempre o Rancho Mercy e o Rancho Três Rochedos a expandir, a prosperar, a lutar e a sobreviver.

E Jack Mercy sempre sonhara com as terras dos McKinnon. Terras que não podiam ser compradas, roubadas, nem angariadas de qualquer forma. *Mas podiam ser fundidas*, ponderava agora Willa.

Se as terras dos Mercy e dos McKinnon se unissem, o resultado seria um dos maiores e mais importantes ranchos do Oeste.

Só precisava de vender a filha. Para que mais serviria uma filha mulher, afinal? Para trocar, como um belo vitelo. Bastava pô-la diante do touro algumas vezes, que a natureza tratava do resto.

Por isso, porque não tinha um filho, tentava fazer o melhor que podia. Poria a filha diante dos olhos de Ben McKinnon. E todos saberiam disso, pensava Will, tentando não apertar demasiado as rédeas. O velho não conseguira concluir o negócio em vida, por isso tentava fazê-lo da campa.

E se a filha que o apoiara a vida toda, que trabalhara a seu lado, que suara e chorara na terra não fosse atractivo suficiente, bem, tinha mais duas.

— Maldito sejas, papá. — Com as mãos trémulas, voltou a pôr o chapéu na cabeça. — O rancho é meu e vai continuar a ser meu. Jamais abrirei as pernas ao Ben McKinnon ou a qualquer outro.

Willa avistou a luz de faróis e murmurou à sua égua para que ficasse calma. Não conseguia ver o veículo, mas reparou na direcção que tomava. Um sorriso ténue abriu-se nos seus lábios quando viu que o carro seguia pela casa principal do Três Rochedos.

— De volta de Bozeman, não é? — Instintivamente, endireitou-se na sela e ergueu o queixo. O ar estava suficientemente límpido para conseguir ouvir o bater da porta do carro e o ladrar alegre dos cães. Perguntou-se se olharia para a elevação onde ela estava. Veria a silhueta escura do cavalo e do cavaleiro. E perguntou-se se ele saberia quem o observava na fronteira da sua propriedade.

— Veremos o que nos espera, McKinnon — murmurou. — Veremos quem gere o Mercy quando tudo terminar.

Um coioote uivou aos três quartos de Lua que brilhavam no céu. E ela sorriu novamente. Havia muitos tipos de coiootes no mundo, concluiu. Por mais bonito que fosse o seu uivar, eram matreiros.

Mas não iria permitir a matreiros acesso às suas terras.

Voltando a montada, dirigiu-se para casa, iluminada pela meia-luz.

3.

— O grande sacana. — Ben apoiava-se estrutura da sela, abanando a cabeça para Nate. Os seus olhos, escondidos pela aba grande de um chapéu cinzento-escuro, cintilavam um verde frio. — Tenho pena de ter perdido o funeral dele. Os meus pais dizem que foi um grande acontecimento.

— Sem dúvida. — Nate deu uma sapatada distraída no dorso da montada. Apanhara Ben minutos antes de o amigo partir para as terras altas.

Na opinião de Nate, o Três Rochedos era um dos terrenos mais bonitos do Montana. A casa principal era um belo exemplo de eficiência e estética. Não era um palácio como a de Mercy, mas um edifício bonito revestido a madeiras de qualidade e uma boa estrutura de pedra. Possuía vários níveis de telhados que proporcionavam um aspecto interessante à construção, e vários alpendres e varandas para contemplar os montes.

Os McKinnon geriam um espaço arrumado, atarefado, mas sem confusões.

Conseguia ouvir os protestos bovinos vindos do curral. Os vitelos eram separados das mães para o desmame e não estavam felizes.

Os machos vão ficar ainda mais infelizes depois de castrados e privados dos cornos, pensava Nate.

Esse era um dos motivos por que preferia trabalhar com cavalos.

— Sei que tens trabalho para fazer — continuou Nate. — Não te quero reter, mas lembrei-me de passar por cá para fazermos o ponto de situação.

— Sim. — Ben estava de facto a pensar em trabalho. Outubro passara demasiado depressa e aquela fronteira ténue antes do Inverno não durava muito. Naquele momento, o sol brilhava sobre o Três Rochedos como um anjo. Os cavalos pastavam ali perto e os homens prosseguiam com o serviço de mangas arregaçadas. Mas precisava de verificar as vedações e colher o grão. O gado que não ia continuar nas terras teria de ser encaminhado para a morte e enviado para o seu destino.

Contudo, o seu olhar perdia-se nos prados e pastagens mais acima, em direcção às terras dos Mercy. Imaginava que Will Mercy pensasse em mais do que em trabalho naquele momento.

— Não tenho nada contra as tuas capacidades enquanto advogado, Nate, mas essas tretas legais não vão funcionar, pois não?

— As condições do testamento são muito claras e precisas.

— Continuam a ser coisas de advogados.

Os dois homens conheciam-se há demasiado tempo para se ofenderem.

— Ela pode contestar o testamento, mas vai ser uma viagem acidentada.

Ben olhou novamente para sudoeste, imaginando Willa Mercy e abanando a cabeça. Sentava-se tão confortavelmente numa sela como qualquer outro homem se sentaria numa cadeira. Depois de trinta anos de vida de rancho, aquele era o seu *habitat* natural. Não tinha a altura de Nate, mas tinha um bom metro e oitenta e uma estrutura robusta e musculada. O cabelo era castanho-claro, alourado por horas de exposição ao sol e suficientemente longo para lhe roçar o pescoço moreno. Os seus olhos eram atentos como os de um falcão e frequentemente frios, num rosto marcado e desalinhado de um homem claramente à vontade com a vida no exterior. Uma cicatriz horizontal atravessava-lhe o queixo, recordação da juventude e de um deslize de mãos quando brincava com um canivete com o irmão.

Ben passou a mão pela cicatriz, num gesto distraído e habitual. Achava alguma piada quando Nate lhe contara do testamento. Agora que as indicações de Mercy tinham sido postas em prática, não lhe parecia tão engraçado.

— Como recebeu ela a notícia?

— Mal.

— Merda. Lamento. Ela adorava o velho sacana, sabe-se lá porquê.

— Tirou o chapéu, passou os dedos pelo cabelo e voltou a colocá-lo. — E agora tem de levar comigo.

Nate sorriu.

— Bem, sim, mas acho que se passava o mesmo se fosse outra pessoa.

Não, pensou Ben, não era bem assim. Perguntava-se se Willa saberia que o pai dela em tempos lhe oferecera quatro mil hectares de terra de qualidade se ele se casasse com a filha dele. Como se fosse um rei a tentar fundir reinados.

Mercy preferia dar a terra, pensava, pestanejando contra o sol. Preferia dar a terra a perder o controlo das rédeas.

— Ela não precisa de nenhum dos dois para gerir o Mercy — comentou Ben. — Mas farei o que me foi pedido. E bolas... — Sorriu um sorriso lento, arrogante, mudando a expressão do rosto. — Vai ser divertido vê-a a medir forças comigo de cinco em cinco minutos. Como são as outras duas?

— Diferentes. — Ponderando, Nate apoiou-se no pára-choques do seu Range Rover. — A do meio, a Lily, assusta-se com facilidade. Parece que se vai desfazer se fizermos um movimento mais brusco. Estava com a cara toda marcada.

— Teve um acidente?

— Parece que embateu acidentalmente nos punhos de alguém. Tem um ex-marido. E uma ordem de afastamento contra ele. Já foi detido várias vezes por violência doméstica.

— Sacana.

Se havia coisa pior do que um homem que ferisse o seu cavalo era um homem que magoava uma mulher.

— Aceitou logo ficar — continuou Nate, começando a enrolar um cigarro à sua maneira calma e metódica. — Acho que estava à procura de um bom sítio para se esconder. A outra é toda espevitada. Acabada de sair de Los Angeles, de fato italiano e relógio de ouro. — Guardou a bolsa de tabaco no bolso e acendeu um fósforo. — Escreve argumentos de cinema e está francamente irritada com a ideia de ficar aqui enfiada durante um ano. Mas quer o que o dinheiro lhe pode proporcionar. Está de viagem para a Califórnia para fazer as malas.

— Ela e a Will devem dar-se como cão e gato.

— Já se pegaram. — Nate exalou uma baforada de fumo pensativamente. — Tenho de admitir que foi divertido observá-las. O Adam acalmou-as.

— É capaz de ser o único homem com capacidade de acalmar a Willa. — Ben reposicionou-se na sela, fazendo o couro chiar. O cavalo Spook começava a ficar inquieto, assinalando com trejeitos de cabeça a sua vontade de partir. — Vou ter de falar com ela. Preciso de ir verificar uma equipa que preparámos para as terras altas. Tem havido algumas tempestades. A minha mãe tem café acabado de fazer em casa.

— Agradeço, mas tenho de ir andando. Também tenho trabalho para fazer. Vemo-nos num dia ou dois.

— Sim. — Ben chamou o cão, observando Nate a entrar no seu Range Rover. — Nate, não a vamos deixar perder o rancho.

Nate ajustou o chapéu e procurou as chaves do carro.

— Não, Ben. Não a vamos deixar perder o rancho.

* * *

A distância era considerável, através do vale e até ao sopé da montanha. Ben seguia num ritmo tranquilo, observando o território pelo caminho. O gado estava farto e tinham já separado alguns dos touros Angus para abate antes da chegada do Inverno. Os outros rodariam de pastagem em pastagem, aguentando-se por mais um ano.

A selecção e venda eram da sua responsabilidade há já quase cinco anos e os pais começavam a transferir gradualmente a gestão do rancho para os filhos.

A erva estava alta e ainda muito verde, cintilando em contraste com o maciço de árvores. Ouvia o barulho de um motor e olhou para cima, sorrindo. O seu irmão, Zack, estava a sobrevoar a área. Ben tirou o chapéu e acenou com ele. Charlie, o Border collie de pêlo comprido desatou a correr em círculos e a ladrar. A pequena avioneta inclinou as asas, cumprimentando-os.

Ainda era difícil para ele pensar no irmão mais novo como marido e pai. Mas assim era. A Zack bastara olhar uma vez para Shelly Petersen para ficar de esporas para o ar. Menos de dois anos depois, fariam dele um tio. E, pensava Ben, fá-lo-iam sentir-se muito velho. Sentia-se trinta e não três anos mais velho do que o irmão.

Ajustou o chapéu e conduziu o cavalo pela elevação, atravessando uma fila de pinheiros amarelados. O ar estava mais fresco. Notou sinais da presença de veados, algo que, noutra altura, teria sido motivo suficiente para ceder à vontade de seguir o seu trilho e levar carne fresca para a mãe. Charlie fitava cheio de esperança o chão, olhando para Ben de vez em quando, em busca de permissão para correr atrás da caça. Mas Ben não estava com vontade de caçar.

Conseguia sentir o cheiro da neve. Ainda estava muito abaixo da zona onde começara a cair, mas sentia-a no ar. Já vira bandos de gansos canadianos a caminho do Sul. O Inverno chegaria mais cedo e com mais violência. Até o correr da água no ribeiro que nascia no sopé da montanha parecia frio.

À medida que os aglomerados de árvores se tornavam mais densos e o chão mais rijo, Ben seguia a corrente da água. Conhecia tão bem a floresta como o seu celeiro. Ali, perto do larício morto, ele e Zack tinham procurado tesouros escondidos. Mais além, na pequena clareira, abatera o seu primeiro veado, com o pai a seu lado. Também tinham pescado, colhendo trutas da água com a facilidade com que se colhem amoras dos arbustos.

Em tempos, escrevera o nome da sua amada em placas de ardósia. As palavras tinham desaparecido com a força do tempo. E a bela Susie Boline fugira para Helena para se tornar guitarrista, partindo o coração de dezoito anos de Ben.

A recordação desses tempos ainda lhe dava um aperto no peito, embora fosse capaz de sofrer as tormentas do inferno para não ter de admitir ser um homem sentimental. Cavalgou para além das rochas e das memórias e subiu, sempre pelo trilho já aberto, através das árvores coloridas como mulheres num baile de sábado à noite.

À medida que o ar ia ficando mais rarefeito e frio e o cheiro a neve se tornava mais intenso, Ben assobiava baixinho. A sua estadia em Bozeman

fora muito produtiva, mas deixara-lhe saudades daquilo: do espaço, da solidão, da terra. Embora dissesse a si mesmo que trouxera um colchão apenas por precaução, a verdade é que se preparava para acampar por uma noite. Talvez duas.

Podia caçar um coelho, fritar peixe e até passar a noite com o resto do pessoal. Ou ficar sozinho. Eles conduziriam o gado até às terras baixas. Aquela neve no ar podia significar um nevão precoce e um absoluto desastre para uma manada que estivesse a pastar nos prados das montanhas. Mas Ben acreditava que ainda tinham algum tempo.

Parou por uns momentos para observar um belo prado pontilhado de vacas, limitado por um rio animado, apreciando a onda de flores silvestres do Outono e escutar o piar dos pássaros. Não compreendia por que motivo alguém poderia preferir as ruas estranguladas de uma cidade e os edifícios apinhados de gente e problemas àquilo.

O som de um disparo assustou o seu cavalo e fez Ben afastar-se de pensamentos soltos. Embora estivesse numa zona onde o disparo de uma arma pudesse significar apenas que alguém estava a caçar, ficou atento. Ao disparo seguinte, Ben conduziu automaticamente o cavalo na direcção do som e deu-lhe um pontapé para começar a avançar a trote.

Primeiro, viu o cavalo. A égua Appaloosa de Will ainda tremia e as rédeas pendiam de um ramo. O sangue libertava um odor forte e doce que provocou um aperto nas entranhas de Ben. Depois, viu-a, com a caçadeira na mão, a menos de dois metros de um urso-pardo caído. Rosnando de alerta, o cão aproximou-se, travando de imediato ao som da ordem de Ben.

Ben esperou até que ela olhasse para trás antes de desmontar o cavalo. Reparou que estava pálida e com os olhos intensamente negros.

— Está mesmo morto?

— Sim. — Will engoliu em seco. Detestava matar e derramar sangue. Até enjoava quando via uma galinha a ser morta para o jantar. — Não tive outra escolha. Atacou-me.

Ben apenas abanou a cabeça e, tirando a sua espingarda do coldre, aproximou-se.

— Grande sacana. — Não queria pensar no que poderia ter acontecido se ela tivesse falhado a pontaria, no que um urso daquele tamanho teria feito ao cavalo e ao seu dono. — É fêmea — comentou, falando em voz baixa. — Deve ter crias aqui perto.

Willa guardou a caçadeira.

— Já tinha chegado a essa conclusão.

— Queres que a arranje?

— Eu sei arranjar caça.

Ben assentiu e foi buscar a faca.

— Mas ajudo-te na mesma. É um animal grande. Lamento pela morte do teu pai, Willa.

Will pegou na faca dela, uma Bowie bem afiada e à altura da de Ben.

— Detestava-lo.

— Mas tu não, por isso lamento. — Começou a trabalhar no urso, evitando o sangue e as entranhas sempre que podia, mas conformando-se quando não corria bem. — O Nate passou lá por casa esta manhã.

— Imagino que sim.

O sangue ascendia no ar como vapor. Charlie trincava uns pedacinhos de ossos e abanava a cauda. Ben olhou por cima da carcaça do urso, fitando Willa nos olhos.

— Se quiseres ficar chateada comigo, força. Não fui eu quem escreveu aquele maldito testamento, mas farei o que tem de ser feito. Mas primeiro tenho de te perguntar que raio andas tu a fazer aqui sozinha.

— O mesmo que tu, imagino eu. Tenho homens nas terras altas e gado que tem de descer. Sou capaz de gerir o meu negócio tão bem quanto tu, Ben.

Ele aguardou um momento, esperando que ela dissesse mais. Sempre se sentira fascinado pelo som da voz dela. Era áspera e parecia sempre que estava com sono. Ben reflectira mais do que uma vez que era uma pena uma mulher tão teimosa possuir uma voz tão sensual.

— Bem, temos um ano para descobrir isso, não temos? — Vendo que o comentário não tinha provocado uma reacção, passou a língua pelos dentes. — Vais pendurar a cabeça?

— Não. Os homens é que precisam sempre de troféus para se gabarem. Eu não.

Ben sorriu.

— Gostamos bem deles. E podias aproveitar para arranjar um troféu também. És uma mulher bonita, Willa. Acho que é a primeira vez que digo isto a uma mulher com as mãos enfiadas nas entranhas de um urso.

Willa reconheceu a estratégia de charme de Ben e recusou-se a ceder-lhe. Ao longo dos últimos anos, recusar-se a ceder aos encantos de Ben tornara-se uma segunda ocupação.

— Não preciso da tua ajuda com o urso nem com o rancho.

— Mas podes contar com ela, nas duas áreas. Podemos fazer isto com tranquilidade ou ser adversários. — Deu uma sapatada distraída a Charlie, fazendo-o sentar-se a seu lado. — Importa-me muito pouco a tua opção.

Reparou que Willa estava com olheiras. Pequenas dedadas esbatidas em contraste com a pele dourada. E a boca dela, que sempre achara particu-

larmente atraente, estava tensa e séria. Preferia-a furiosa e achava-se capaz de a pôr assim.

— As tuas irmãs são tão bonitas como tu? — Quando viu que ela não respondia, esboçou um sorriso. — Mas são mais amigáveis. Terei de vos fazer uma visita, para decidir. Porque não me convidas para jantar, Will, para podermos conversar calmamente sobre os planos para o rancho? — Agora, sim, o olhar dela dardejou em direcção ao dele, fazendo-o sorrir imensamente. — Bem me parecia que era fácil. Céus, rapariga, que belo rosto. E nada lhe fica melhor do que essa raiva toda.

Ela não queria que ele lhe dissesse que era bonita, se era isso que estava a fazer. Sentia-se sempre agitada no estômago.

— Porque não te poupas à conversa e me ajudas a levantar a carcaça para escoar o sangue?

Rodando nos calcanhares, Ben observou-a.

— Podemos resolver isto rapidamente. Basta casarmo-nos e pronto.

Embora apertasse o cabo da faca com força, Will obrigou-se a exalar três demorados e suaves fôlegos. Ora, ele estava a tentar provocá-la e ela sabia que não havia nada que o deixasse mais contente do que vê-la a resmungar e a bater os pés. Em vez disso, ergueu o queixo e o seu tom de voz era frio como a água que corria no ribeiro.

— Tens tantas hipóteses de isso acontecer como as de este urso acordar para a vida e morder-te o rabo.

Ele levantou-se ao mesmo tempo que ela, tomou-lhe o pulso, ignorando os seus protestos.

— Não te quero mais do que me queres a mim. Só me pareceu mais fácil arrumarmos com o assunto de uma vez. A vida é longa — acrescentou suavemente. — Um ano é muito pouco.

— Há alturas em que um dia é tempo de mais. Deixa-me em paz, Ben. — O olhar dela ergueu-se lentamente. — Um homem que hesita em dar ouvidos a uma mulher com uma faca na mão merece tudo o que lhe acontecer.

Ben conseguiria arrancar-lhe a faca em menos de três segundos, mas decidiu deixá-la onde estava.

— Querias espetar-me, não querias? — O facto de saber que era verdade excitava-o e irritava-o. Ela costumava conseguir as duas coisas. — Mete uma coisa na tua cabeça: não quero o que é teu. E não tenciono ser vendido por terras e gado, tal como tu. — Willa empalideceu perante aquele comentário e ele assentiu. — Sabemos em que pé estamos, Will. Posso até vir a gostar de uma das tuas irmãs, mas, por agora, são apenas negócios.

A humilhação era agora tão crua como o sangue que lhe manchava as mãos.

— Seu filho da mãe.

Ele largou a mão dela, tomando-lhe a que tinha a faca, não fosse o diabo tecê-las.

— Também gosto muito de ti, linda. Agora vou pendurar o urso. Vai limpar-te.

— Fui eu que o matei, posso...

— Uma mulher que hesita em dar ouvidos a um homem com uma faca na mão merece tudo o que lhe acontecer. — Voltou a sorrir suave e lentamente. — E se tentássemos resolver isto de forma favorável a ambos?

— Não posso. — Toda a paixão e frustração que se agitavam dentro dela ecoavam naquelas duas palavras. — Sabes que não posso. Como te sentirias se estivesses no meu lugar?

— Não estou — foi a resposta dele. — Vai limpar o sangue. Temos muito que andar hoje.

Deixou-a partir, agachando-se novamente, sabendo que ela ainda estava atrás dele a tentar controlar-se. Só conseguiu descontraír completamente quando ela saiu em direcção ao ribeiro, com o cão dele a ladrar de alegria a seus pés. Suspirando, fitou as presas expostas do urso.

— Preferia levar uma dentada das tuas do que uma palavra simpática minha — murmurou. — Malditas mulheres.

Enquanto terminava a tarefa sangrenta, admitiu a si mesmo que tinha mentido. Ele queria-a. Curiosamente, quanto mais desejava o contrário, mais a queria.

* * *

Passou quase uma hora até ela falar novamente. Agora vestiam ambos casacos de pele de carneiro que os protegiam do frio e do vento, e os cavalos seguiam por quase um metro de neve, com Charlie feliz no seu encaço.

— Fica com metade da carne de urso. É justo — disse Willa.

— Obrigado.

— Ser obrigado é o grande problema, não é? Nenhum de nós quer sê-lo.

Ele compreendia-a mais do que ela saberia aceitar.

— Às vezes temos de engolir alguns sapos.

— E às vezes engasgamo-nos. — Uma das suas feridas abriu-se sem dó nem piedade. — Deixou o Adam quase sem nada.

Ben estudou o perfil de Willa.

— O Jack era um homem duro.

E Adam Wolfchild não era do seu sangue, concluía Ben. Teria sido esse o argumento decisivo na cabeça de Jack.

— O Adam merecia mais. — *E vai ter mais*, prometeu Willa a si mesma.

— Não vou discordar de ti no que diz respeito ao Adam. Mas se há alguém capaz de tomar conta de si e vencer, esse alguém é o teu irmão.

Só o tenho a ele, ia dizendo Will, antes de se deter, recordando-se de que seria um erro abrir o coração a Ben.

— Como está o Zack? Vi o avião dele, esta manhã.

— A verificar as cercas. Pode-se dizer que está feliz, tendo em conta que sorri de manhã até à noite. Ele e a Shelly babam-se com a bebé.

Todos se babavam, pensava Ben, mas não ia admitir que não conseguia tirar as mãos da sobrinha.

— É uma bebé bonita. Ainda me custa imaginar o Zack McKinnon a assentar e constituir família.

— A Shelly sabe manter a rédea curta. — Incapaz de resistir, Ben sorriu a Willa. — Já não arrastas a asa ao meu irmão, pois não?

Divertida, reposicionou-se na sela e sorriu com saudade. Em tempos, quando eram adolescentes, ela e Zack fitavam-se com olhos de bezerro.

— Sempre que olho para ele, o meu coração descontrola-se. Quando uma mulher é beijada pelo Zack McKinnon, não há quem o supere.

— Querida... — Ben inclinou-se para a frente e puxou a trança dela para trás. — Dizes isso porque nunca te beijei.

— Preferia beijar uma doninha de dois rabos.

Rindo-se, Ben fez o cavalo aproximar-se até roçar com o joelho no de Willa.

— O Zack poderá dizer-te que lhe ensinei tudo o que sabe.

— Talvez seja assim, mas acho que consigo viver sem qualquer um dos rapazes McKinnon. — Mexeu o ombro e ergueu a cabeça lentamente. — Fumo. — Sentia algum alívio agora que estavam perto de mais pessoas e a sua viagem solitária com Ben chegava ao fim. — A equipa é capaz de estar na cabina. É hora de jantar.

Se fosse outra mulher, outra mulher qualquer, ponderava Ben, ele ter-se-ia inclinado e puxado Will para si para a beijar sofregamente. Só por uma questão de princípio. Como se tratava de Will, endireitou-se na sela e pousou as mãos.

— Já comia qualquer coisa. Quero juntar a manada e levá-la para baixo. Vem aí neve.

Ela só grunhiu. Conseguia sentir-lhe o cheiro. Mas havia algo mais no ar. A princípio acreditou ser apenas uma lembrança do odor

a sangue do urso, mas o cheiro não desaparecia, tornando-se cada vez mais intenso.

— Morreu qualquer coisa — murmurou.

— O quê?

— Morreu qualquer coisa. — Ela endireitou-se na sela, verificando a vegetação e as árvores. Estava tudo quieto e silencioso. — Não sentes?

— Não. — Mas não duvidava de que ela sentisse e voltou o cavalo, seguindo-a. Tendo já percebido o cheiro, Charlie conduzia-os. — É o teu sangue índio. Talvez um dos homens tenha caçado o jantar.

Fazia sentido. Eles traziam mantimentos e a cabana estava sempre abastecida, mas era difícil resistir à carne fresca. Ainda assim, isso não explicava o aperto no estômago de Willa e o arrepio na espinha.

Ouviu-se o piar de uma águia e o seu eco, selvagem e arrepiante, seguido do silêncio profundo das montanhas. O sol cintilava na neve, que os cegava. Seguindo os seus instintos, Willa avançou pelo trilho agreste, conduzindo o cavalo pela terra incerta.

— Não temos tempo para desvios — lembrou-a Ben.

— Então segue.

Ele praguejou, esticando o braço para verificar que tinha a arma ao seu alcance. Tinham estado ursos ali. E leões-da-montanha. Pensou no acampamento, a pouco mais de dez minutos de distância, e no café que estaria a ferver no fogão.

E então viu. O seu nariz podia não ser tão sensível como o dela, mas os olhos eram. Havia manchas de sangue na neve e nos rochedos. O couro negro do animal estava encharcado. O cão deixou de correr à volta da caça e correu para os cavalos.

— Merda. — Ben estava já a descer do cavalo. — Que porcaria.

— Lobos?

Para Willa era mais do que o valor de mercado. Era o desperdício, a crueldade.

Ben começou por concordar, mas interrompeu-se. Um lobo não matava para deixar a carne. Um lobo não se servia de pedaços. Nenhum predador o fazia.

— Um homem.

Willa arquejou violentamente ao aproximar-se para avaliar os estragos. Tinham-lhe cortado a garganta e esventrado a barriga. Charlie estava encostado às suas pernas, a tremer.

— Foi abatido. Mutilado.

Willa agachou-se e pensou no urso. Não tivera outra opção senão matá-lo e a preparação do cadáver fora feita com eficácia e com as ferramentas disponíveis. Mas aquilo era selvagem, malvado e arbitrário.

— Quase à vista da cabina — comentou ela. — O sangue está congelado. Deve ter sido feito há cerca de duas horas, antes do nascer do sol.

— É uma das tuas cabeças — disse-lhe Ben depois de verificar a marca.

— Não interessa de quem é. — Mas Willa já reparara no número impresso na etiqueta amarela da orelha. A morte teria de ser registada. Levantou-se e olhou para o fio de fumo que pairava no ar. — Importa saber porquê. Perdeste alguma cabeça de gado assim?

— Não. — Ele endireitou-se para se colocar ao lado dela. — E tu?

— Só agora. Não posso crer que seja um dos meus homens. — Respirou fundo mas nervosamente. — Ou dos teus. Deve haver mais alguém aqui por perto.

— Talvez. — Ben fitava o chão com seriedade. Estavam lado a lado, unidos pelo desperdício que se exibia a seus pés. Willa não se afastou quando ele passou a mão pela trança dela nem quando pousou uma mão amiga no braço dela. — Já nevou e está vento. O trilho está bastante revolto, mas parece que algumas pegadas apontam para norte. Vou chamar alguns homens e dar uma vista de olhos.

— A cabeça é minha.

Ben olhou para ela.

— Não interessa de quem é — repetiu. — É preciso reunir as duas manadas e fazê-las descer a montanha. E temos de relatar o que sucedeu. Suponho que possa contar contigo para fazeres isso.

Willa abriu a boca, mas voltou a fechá-la. Ele tinha razão. Não tinha grande jeito para seguir trilhos, mas podia organizar uma debandada. Com um aceno de cabeça, voltou-se para o cavalo.

— Vou falar com os meus homens.

— Will. — Ben pousou uma mão sobre a dela, couro sobre couro, antes de ela montar. — Tem cuidado.

Willa içou-se para cima da sela.

— São os meus homens — respondeu, simplesmente, cavalgando em direcção ao fumo da chaminé.

* * *

Encontrou os seus homens a prepararem-se para a refeição do meio-dia quando entrou na cabina. Pickles estava diante do pequeno fogão, com as pernas robustas abertas e a barriga generosa a verter sobre a fivela do seu cinto. Ainda não tinha quarenta anos e já perdera boa parte do cabelo, facto que compensava com um bigode arruivado que crescia de ano para ano.

Conquistara a sua alcunha graças a um amor obsessivo por *pickles* e a sua personalidade era igualmente amarga.

Quando viu Willa, resmungou um cumprimento, fungou e voltou a dedicar a atenção ao fiambre que estava a fritar.

Jim Brewster estava sentado com as botas pousadas na mesa, saboreando um Marlboro. Estava na casa dos trinta e tinha um belo rosto. Exibia umas covinhas engraçadas nas faces e um cabelo escuro ondulado que tapava o pescoço. Sorriu quando viu Willa e piscou-lhe o olho atrevidamente, fazendo os seus olhos azuis brilhar.

— Temos companhia para jantar, Pickles.

Pickles retribuiu o comentário com mais um grunhido, arrotou e virou o fiambre.

— Mal chega para os dois. Mexe-me esse rabo e abre uma lata de feijão.

— Vem aí neve. — Willa atirou o casaco para um cabide e dirigiu-se ao rádio.

— Ainda temos uma semana, nas calmas.

Voltou a cabeça e cruzou o olhar com o de Pickles.

— Não me parece. Vamos começar a reunir o gado hoje. — Esperou, mantendo o olhar firme no dele. O homem detestava ter de aceitar ordens de uma mulher e ambos sabiam bem disso.

— O gado é teu — murmurou, virando o fiambre para o prato.

— Pois é. E uma das cabeças foi chacinada a meio quilómetro daqui.

— Chacinada? — Jim deteve-se, a caminho de passar uma lata de feijão a Pickles. — Leão-das-montanhas?

— Não me parece que esses gatinhos andem de navalha. Alguém abriu o animal, desfê-lo em pedaços e deixou-o ali.

— Tretas. — Muito sério, Pickles deu um passo em frente. — Isso são tretas, Will. Já perdemos duas cabeças para os leões-da-montanha. O Jim e eu andámos atrás de um ainda ontem. Ele deve ter dado a volta e apanhado outra vaca. Simples.

— Sei distinguir entre os efeitos de garras e de uma faca. — Will inclinou a cabeça. — Vai ver por ti mesmo. A leste, a cerca de meio quilómetro.

— Podes crer que vou.

Pickles vestiu o casaco brutaemente, resmungando incessantemente sobre as mulheres.

— Tens a certeza de que não foi um felino? — perguntou Jim assim que a porta bateu.

— Sim, tenho. Arranja-me um café, por favor, Jim. Vou precisar de contactar o rancho. Quero que o Ham saiba que vamos descer agora.

— Os homens dos McKinnon também estão aqui, mas...

— Não. — Willa abanou a cabeça e puxou uma cadeira. — Nenhum cowboy faria isto.

Willa contactou o rancho, escutando a estática e esperando que atenuasse. O café e o crepitar do fogo ajudavam a afastar o receio que se lhe instalara nos ossos, enquanto dava início aos preparativos para a descida. Já ia na segunda caneca quando terminou de passar a informação para o Rancho McKinnon.

Pickles entrou de seguida.

— Grandessíssimo filho da mãe.

Aceitando que o comentário seria o melhor pedido de desculpas que conseguiria dele, Willa aproximou-se do fogão.

— Subi com o Ben McKinnon. Ele está a seguir algumas pegadas. Vamos ajudar a fazer descer a manada dele com a nossa. Viram mais alguém por aqui? Campistas, caçadores, idiotas da costa leste?

— Encontrámos um acampamento ontem, quando andávamos atrás do gato. — Jim sentou-se novamente com o prato. — Mas estava inactivo há dois ou três dias.

— Deixaram latas de cerveja vazias para trás. — Pickles levantou-se. — Como se fosse o quintal deles. Deviam ser mortos.

— De certeza que a vaca não foi morta a tiro? — Jim olhou para Pickles para obter uma confirmação, facto que Willa tentou não censurar. — Sabes como são esses catraios da cidade. Disparam sobre tudo o que se mexe.

— Não foi morta a tiro. E não foi coisa de turista. — Pickles abocanhava uma colherada de feijões. — Malditos adolescentes. Malditos adolescentes drogados.

— Talvez. Se foi isso que aconteceu, o Ben encontra-os com facilidade.

Mas Willa não acreditava que pudessem ser adolescentes. Para ela seriam precisos anos para acumular tamanha raiva.

Jim brincava com os feijões no prato.

— Ah, ouvimos umas coisas. — Pigarreou. — Mandámos uma mensagem ontem à noite e o Ham acha que... bem... devias dizer-nos como estão as coisas.

Willa afastou o prato e levantou-se.

— Então vou dizer-vos como estão as coisas. — O seu tom de voz era frio e calmo. — O Rancho Mercy vai funcionar como sempre funcionou. O velho está debaixo da terra e agora quem manda sou eu. Eu dou-vos as ordens.

Jim trocou um olhar rápido com Pickles e cofiou a barba.

— Não quis dizer que pudesse ser diferente, Will. Mas não sabemos como vais fazer com as outras, no rancho. As tuas irmãs.

— Também vão ter de fazer o que eu mandar. — Tirou o casaco do cabide. — Agora, se já terminaram de comer, toca a preparar o cavalo.

— Malditas mulheres — resmungou Pickles logo que a porta fechou. — Não sei de nenhuma que não seja uma chata mandona.

— Isso é porque não conheces mulheres suficientes. — Jim foi pegar no casaco. — E esta é a tua patroa.

— Por enquanto.

— É a tua patroa hoje. — Jim vestiu o casaco e calçou as luvas. — E só podemos pensar no agora.

4.

Quando se tratava de negócios com a sua mãe — e Tess sempre interpretara qualquer contacto com Louella como negócios —, Tess preparava-se com uma dose extra de comprimidos para as enxaquecas. Porque haveria uma enxaqueca — isso era certo. Portanto, porque não antecipar?

Combinou encontrar-se com ela a meio da manhã, sabendo que era a única altura do dia em que poderia encontrar Louella em casa, no seu condomínio em Bel Air. Ao meio-dia, ela estaria já fora de casa, a arranjar o cabelo ou as unhas, a ceder ao capricho de um tratamento facial ou de um súbito anseio de ir às compras.

Pelas quatro da tarde, Louella estaria na sua discoteca, *Louella's*, a namoriscar com o empregado do bar ou a encantar as empregadas com as suas histórias e amores, nos seus tempos de corista de Las Vegas.

Tess fazia sempre por evitar a discoteca, muito embora o condomínio também não lhe enchesse as medidas.

Era um apartamento encantador e colorido na zona hispânica da Califórnia, com telhado de telha e rodeado de belos arbustos. Podia e até deveria ter sido um pequeno salão de espectáculos. Mas como a própria Tess dissera em várias ocasiões, Louella Mercy teria o condão de fazer do Palácio de Buckingham um local piroso.

Quando chegou pontualmente às onze, tentou ignorar aquilo a que Louella animadamente apelidava de arte de jardim. O jóquei sorridente em pedra, os leões ameaçadores em estuque, a Lua azul cintilante pousada num pedestal de cimento, e a fonte com a menina de rosto sereno que vertia água de uma carpa bastante aterrorizada.

As flores floresciam profusamente, em cores animadas e selvagens que feriam os olhos. O arranjo floral não demonstrava planificação nem ritmo, nenhuma ordem ou intenção. Qualquer planta que tivesse cativado

Louella era plantada ao ritmo do capricho. E Tess sabia que ela era uma mulher de caprichos.

No meio de um leito de amores-perfeitos vermelhos e cor-de-laranja estava a mais recente aquisição para o jardim: o tronco da deusa Nike. Tess abanou a cabeça e tocou à campainha que fazia soar os primeiros acordes da música “The Stripper”.

Louella abriu a porta e abraçou a filha, envolvendo-a em camadas intermináveis de seda, perfume intenso e o aroma adocicado de cosméticos em promoção. Louella jamais saía do quarto sem a maquiagem completa.

Era uma mulher alta, bem-feita, com umas pernas enormes que ainda conseguiam dar – e executavam efectivamente – um imponente pontapé no ar. A cor natural do seu cabelo tinha sido esquecida há muito tempo. Há anos que era loira, num tom tão estridente como a gargalhada aberta de Louella, sempre penteado em linhas ascendentes, num estilo ousado e suportado por litros de laca, muito admirado por apresentadores de televisão. O seu rosto era belo, apesar das camadas densas de base, pó-de-arroz e *blush*, com um desenho bonito e lábios carnudos, agora untados com vermelho brilhante. Os seus olhos eram azul-claros, tal como a sombra que pintava as pálpebras, encimados por umas sobrancelhas implacavelmente depiladas e desenhadas em forma de parêntesis escuros e finos.

Como sempre, Tess sentiu-se perdida entre o amor e a estranheza.

— Mamã.

Os lábios dela curvaram-se à medida que retribuía o abraço e revirou os olhos quando os dois lulus da Pomerânia que a mãe adorava desataram num latir insuportável, animados por terem companhia.

— Então de volta do Oeste Selvagem, não é? — O sotaque texano de Louella lembrava cordas de banjo beliscadas. Beijou Tess no rosto e depois limpou-lhe a marca deixada pelo batom com o polegar humedecido. — Bem, conta-me tudo. Suponho que tenham enterrado o sacana com a pompa toda.

— Foi... interessante.

— Aposto que sim. Vamos tomar café, querida. O Carmine está de folga, por isso teremos de nos arranjar sozinhas.

— Eu faço.

Tess preferia preparar o café a enfrentar o jovem empregado da mãe. E tentava não imaginar que tipo de serviços o rapaz lhe prestava.

Atravessou a sala de estar decorada a vermelho e dourado, em direcção a uma cozinha tão branca que feria a vista. Como sempre, não havia uma migalha à vista. Fossem quais fossem as suas tarefas diárias, o homem era imaculado como uma freira.

— Também devo ter um bolo de café por aqui. Estou esfaimada.

Com os cães a correrem aos seus pés, Louella investigava os armários e o frigorífico. Em poucos minutos instalara-se o caos na cozinha. Tess sentiu vontade de sorrir. O caos perseguia a sua mãe tão fielmente como o latir de Mimi e Maurice.

— Conheceste os teus parentes?

— Referes-te às minhas meias-irmãs. Sim.

Com algum nervosismo, Tess observou o bolo de café que a mãe tinha desenterrado. Louella partia-o em fatias enormes, usando uma faca de cortar bifés. Depois viu cada pedaço de cerca de dez milhões de calorias a ser transferido para um prato com rosas pintadas.

— E como são elas?

Com a mesma mão generosa, Louella cortou uma fatia para os cães, pousando o prato de porcelana no chão. Os cães sentiram o cheiro do bolo e rosnaram entre si.

— A filha da mulher número dois é calada e nervosa.

— É a que tem o ex-marido que gosta de bater. — Louella fez deslizar as suas amplas ancas para cima do banco com uma expressão solidária. — Pobre criatura. Uma das minhas meninas teve esse tipo de problemas. O marido batia-lhe sem piedade, por razão nenhuma. Conseguimos levá-la para um abrigo. Agora mora em Seattle. Volta e meia manda-me um postal.

Tess emitiu um som ténue de disfarçado interesse. As *meninas* da mãe eram todas as pessoas que trabalhavam para ela, desde as empregadas de mesa às de balcão, das *strippers* às ajudantes de cozinha. Louella acolhia-as todas, emprestando-lhes dinheiro e oferecendo conselhos. Tess sempre imaginara a discoteca da mãe como metade local de eventos e metade asilo temporário para bailarinas seminuas.

— E a outra? — perguntou Louella ao mesmo tempo que atacava o bolo de café. — A que é metade índia.

— Oh, essa é uma vaqueira à moda antiga. Rija como couro curtido, a passear de botas sujas. Tem pinta de quem abate uma vaca com um soco. — Divertida com a imagem, Tess serviu o café. — Não se deu ao trabalho de disfarçar que nenhuma de nós era bem-vinda. — Com um encolher de ombros, sentou-se e começou a picar a sua fatia. — Tem um meio-irmão.

— Sim, eu sei. Conheci a Mary Wolfchild. Pelo menos, lembro-me de a ver por lá. Era uma bela mulher e aquele menino dela tinha uma cara muito bonita. De anjo.

— Agora já é crescido e ainda tem cara de anjo. Vive no rancho e trabalha com cavalos ou coisa assim.

— O pai dele já o fazia, se bem me lembro. — Louella enfiou a mão

no bolso do roupão vermelho e tirou um pacote de cigarros. — E a Bess? — Libertou uma bela baforada e riu-se abertamente. — Céus, aquilo é que era uma mulher. Com ela, andava sempre a pisar ovos. Mas era admirável. Geria aquela casa de forma impecável e não tinha medo do Jack.

— Parece que ainda é ela que gere a casa.

— Bela casa. Belo rancho. — Os lábios vermelhos de Louella curvaram-se num sorriso, à medida que recordava. — Bela terra. Embora não possa dizer que lamente não ter passado mais do que um Inverno ali. A neve dava-nos pelos sovacos.

— Porque te casaste com ele? — Quando Louella arqueou a sobrancelha, Tess reposicionou-se desconfortavelmente no seu banco. — Sei que nunca te perguntei isto, mas pergunto-te agora. Gostava de saber porquê.

— É uma pergunta simples com uma resposta simples. — Louella verteu uma avalanche de açúcar no café. — Era o sacana mais sexy que já tinha visto. Aqueles olhos e a forma como pareciam perscrutar-nos. A maneira como inclinava a cabeça e sorria, sabendo o que tencionava fazer mais tarde comigo.

Lembrava-se perfeitamente. O odor a suor e a uísque, as luzes a cintilarem-lhe no olhar. E a forma como Jack Mercy entrara na discoteca quando ela estava no palco, vestindo pouco mais do que algumas penas estrategicamente colocadas e uma decoração de cabeça com nove quilos.

A forma como ele fumava um grande charuto e a observava.

Por algum motivo, ela contava que ele esperasse por ela até à última actuação e seguira com ele, sem hesitar, de casino em casino, bebendo, jogando, usando o Stetson dele.

Dentro de quarenta e oito horas estava a seu lado, numa daquelas capelas prefabricadas, com música de cassette e flores de plástico. E tinha uma aliança de ouro no dedo.

Era de esperar que usasse aquele anel por menos de dois anos.

— O problema era que não nos conhecíamos. Foi apenas desejo e febre de jogo. — Filosoficamente, Louella apagou o cigarro no prato vazio. — Não nasci para ser a mulher de um vaqueiro no Montana. Podia até ter tentado, quem sabe? Amei-o.

Tess engoliu um pedaço de bolo, engasgando-se.

— Amava-lo?

— Por uns tempos, sim. — Com o conforto da retrospectiva, Louella encolheu os ombros. — Uma mulher não podia amar o Jack por muito tempo se fosse esperta. Mas amei-o. E foi assim que te tive. E cem mil na mão. Não teria a minha menina nem a minha discoteca se o Jack Mercy não tivesse entrado naquela noite e ficado interessado em mim. Por isso, devo-lhe muito.

— Deves muito ao homem que te pôs fora de casa com uma filha nos braços? Que te mandou embora com uns míseros cem mil dólares?

— Cem mil dólares davam para muito mais há trinta anos do que dão hoje. — Louella aprendera a ser mãe e empresária com um belo empurrão. — E, do meu ponto de vista, fiz um bom negócio.

— O Rancho Mercy vale vinte milhões. Ainda achas que fizeste um bom negócio?

Louella ficou séria.

— O rancho era dele, querida. Eu só estive lá de visita.

— Estiveste o tempo suficiente para teres um filho e lebares um pontapé no rabo.

— Eu quis ter a criança.

— Mamã. — Boa parte da fúria de Tess desapareceu depois do comentário da mãe, mas a injustiça ainda gritava no seu peito. — Tinhas direito a muito mais. Eu tinha direito a muito mais.

— Talvez sim, talvez não, mas foi o negócio que se conseguiu na altura. — Louella acendeu outro cigarro e decidiu chegar atrasada à sua marcação no salão de beleza. A conversa tinha de continuar. — A vida continua. O Jack acabou por ter três filhas e agora morreu. Queres dizer-me o que te deixou?

— Um problema. — Tess tirou o cigarro da mão de Louella e fumou rapidamente. Não era um vício que aprovasse. Aliás, que pessoa sensata o faria? Mas era isso ou comer os milhões de calorias à espera no seu prato. — Tenho direito a um terço do rancho.

— Um terço do... Oh, céus. Tess, querida, isso é uma fortuna. — Louella saltou do banco. Podia ter um metro e sessenta e pesar sessenta e oito quilos, mas tinha experiência de bailarina e sabia mexer-se. Deu a volta ao balcão para esmagar as costelas da filha num poderoso abraço. — Mas porque estamos aqui sentadas a beber café? Temos de abrir uma garrafa de champanhe francês. O Carmine deve tê-lo escondido algures.

— Espera. Mamã, espera. — Vendo Louella a investir novamente sobre o frigorífico, Tess puxou-a pelo roupão. — Não é assim tão simples.

— Minha filha, a milionária. A baronesa do gado. — Louella fez saltar a rolha e entornou o champanhe. — C'um caraças.

— Terei de viver lá durante um ano. — Tess suspirou, vendo a mãe amparar o champanhe que caía com a boca. — Nós as três teremos de viver lá por um ano. Senão, não temos direito a nada.

Louella lambeu o champanhe dos lábios.

— Tens de viver no Montana por um ano? No rancho? — A voz dela começou a tremer. — Com as vacas? Tu, com as vacas.

— É esse o acordo. Eu e as outras duas. Juntas.

Com uma mão ainda a segurar firmemente a garrafa e a outra apoiada no balcão, Louella começou a rir. Riu-se tão abertamente e por tanto tempo que as lágrimas lhe corriam pelo rosto, espalhando o rímel Maybelline pela base L'Oréal.

— C'um caraças. Aquele sacana sempre soube fazer-me rir.

— Ainda bem que te diverte. O tom de Tess era frio como gelo. — Podes rir-te a noite toda enquanto eu estou para lá a ver se a relva cresce.

Com um floreado de mãos, Louella serviu o champanhe nas chávenas de café.

— Querida, podes sempre mandá-lo à merda e continuar como estás.

— E abdicar de milhões em bens? Não me parece.

— Não. — Louella ficou séria ao fitar o rosto da filha, aquele mistério que lhe saíra do ventre. Tão bonita, pensava, tão fria, tão segura. — Não, não o farias. És muito parecida com o teu pai nesse aspecto. Tu vais cumprir o ano, Tess.

E perguntava-se se a filha conseguiria obter mais dessa estadia do que um terço do rancho. Será que um ano nas terras lhe limaria as arestas de vez? Ergueu as chávenas e passou uma a Tess.

— Quando partes?

— Amanhã de manhã, bem cedo. — Respirou profundamente. — Tenho de comprar umas botas — murmurou, permitindo-se um curto sorriso e um brinde a si mesma. — Que se dane. É só um ano.

* * *

Enquanto Tess bebia champanhe com a mãe na cozinha, Lily estava à entrada de uma pastagem, a observar os cavalos. Nunca tinha visto nada tão belo como a forma como o vento soprava nas crinas dos animais tendo como cenário as montanhas altaneiras e aquele azul e branco.

Pela primeira vez em muitos meses, conseguira dormir uma noite inteira, sem comprimidos, pesadelos, apenas embalada pelo silêncio.

E agora havia só silêncio. Conseguia ouvir os ruídos das maquinarias à distância. Não mais do que um zumbido ténue. Escutara Willa a conversar com alguém sobre a colheita dos cereais, mas não quisera interferir. Preferia estar ali com os cavalos sem ninguém a incomodar e sem incomodar ninguém.

Durante três dias, ninguém interferira na sua vida. Ninguém dizia nada quando ela passeava pela casa, nem quando resolvia explorar o rancho. Os homens cumprimentavam-na com os chapéus e ela supunha que haveria comentários e murmúrios. Mas não queria saber disso para nada.

O ar dali sabia bem. Onde quer que estivesse encontrava algo bonito

para contemplar — a água que corria pelos rochedos num ribeiro, o esvoaçar de um pássaro na floresta, um veado a atravessar a estrada.

Acreditava que um ano ali seria um paraíso.

Adam ficou parado por alguns momentos, de balde na mão, a observá-la. Sabia que ela ia todos os dias para ali. Vira-a a vaguear pela casa, pelo celeiro, pelas cercas, até às pastagens. Punha-se sempre ao pé da cerca, muito quieta, em silêncio.

Muito sozinha.

Esperara, sabendo que ela precisava de estar sozinha. A cura pessoal era um assunto muito solitário. Mas também achava que ela precisaria de um amigo. Por isso, resolveu caminhar até ela, com cuidado, mas fazendo barulho suficiente para ela não se assustar. Quando ela se voltou, o sorriso era demorado e hesitante, mas era um sorriso.

— Desculpa. Estou a atrapalhar, não estou?

— Não estás a atrapalhar ninguém.

Porque aprendera a descontraír na presença dele, voltou a fitar os cavalos.

— Adoro olhar para eles.

— Podes vê-los mais de perto. — Adam não precisava do balde de cereais para os chamar até à cerca. Qualquer um dos cavalos se aproximaria dele com um simples gesto. Assim, passou o balde a Lily. — Abana-o um bocadinho.

Ela assim fez e observou, encantada, as orelhas dos animais a erguerem-se. Os cavalos agruparam-se diante da cerca. Sem pensar, mergulhou a mão nos cereais e deu de comer a uma égua castanha.

— Já estiveste perto de cavalos. — Ao comentário de Adam, Lily retirou a mão. — Desculpa. Devia ter perguntado primeiro.

— Não faz mal. — Adam só lamentava ter-lhe apagado o sorriso do rosto. Aquela luz rápida que lhe iluminara os olhos, algures entre o cinzento e o azul. Como a água cristalina de um lago, pensava ele, preso nas sombras do pôr-do-sol. — Vamos lá, Molly.

Escutando o seu nome, a bela égua seguiu pela cerca até ao portão. Adam conduziu-a ao curral e colocou-lhe arreios. Novamente alerta, Lily limpou o pó das calças e aproximou-se com hesitação.

— Chama-se Molly?

Adam manteve o olhar fixo em Molly, dando tempo a Lily para se acalmar.

— É bonita.

— É um bom animal para montar. Meigo. Tem uma passada brusca, mas esforça-se. Não é assim, minha linda? Já montaste numa sela Western, Lily?

— Eu... o quê?

— És capaz de ter montado selas inglesas. — Sem complicar, Adam esticou a manta que trouxera no dorso de Molly. — Lembrei-me de darmos um passeio pelas colinas. Podemos até ver uns alces.

Lily sentia-se hesitar entre a vontade e o receio.

— Já não monto há muito tempo... Já não me lembro.

— Nunca se esquece. — Adam estimou a altura das pernas dela e ajustou os estribos em conformidade. — Podes andar sozinha quando conheceres melhor a zona. — Então voltou-se, reparando na forma como ela olhava continuamente para a casa principal. Como se estivesse a calcular a distância para a fuga. — Não precisas de ter medo de mim.

Ela acreditava nele. Era isso que temia — o facto de ser tão fácil acreditar nele. Quantas vezes acreditara em Jesse?

Mas isso terminara. Completamente. A sua vida podia recomeçar, se o permitisse.

— Gostava de ir passear um pouco, se achas que não faz mal.

— Porque haveria de fazer mal? — Adam aproximou-se, parando instintivamente antes que ela se retraísse de novo. — Não tens de te preocupar com a Willa. Ela tem um coração bom e generoso. Mas está a sofrer.

— Eu sei que está aborrecida. Tem todo o direito. — Incapaz de resistir, Lily acariciou o focinho de Molly. — E sobretudo depois de terem encontrado a pobre vaca. Não compreendo como alguém seria capaz de tal coisa. Ela está tão zangada. E anda sempre tão ocupada. Tem sempre alguma coisa para fazer. E eu, bem, eu ando por aí.

— Queres alguma coisa para fazer?

Com o cavalo entre ambos, era fácil sorrir.

— Não, se isso implicar castrar vacas. Ouvi-as, esta manhã. — Tremeu, mas conseguiu rir-se de si mesma. — Saí de casa sem a Bess me preparar o pequeno-almoço. Acho que não ia aguentar muito tempo.

— É uma das coisas a que te habituas.

— Acho que não. — Lily suspirou, sem reparar que a sua mão estava muito próxima da de Adam, na cabeça da égua. — A Willa tem um talento natural para isto. É segura e confiante. Invejo isso, o facto de saber quem é. Para ela, sou só um empecilho e por isso nem tive coragem de falar com ela, para lhe perguntar se haveria alguma coisa em que pudesse ajudar.

— Também não precisas de ter medo dela. — Adam roçou os dedos nos dela, continuando a acariciar a égua, mesmo quando a mão de Lily desapareceu. — Mas, entretanto, podes perguntar-me. Dava-me jeito alguma ajuda. Com os cavalos — acrescentou, quando a viu fitá-lo.

— Queres que te ajude com os cavalos?

— Dá algum trabalho, sobretudo quando o Inverno chegar. — Sabendo que tinha semeado a semente, recuou. — Pensa nisso. — Então, uniu as mãos e sorriu. — Ajudo-te a subir. Podes passear com ela no curral até te habituares, enquanto preparo o meu.

Sentia a garganta tão apertada que precisou de engolir em seco antes de falar.

— Mas nem me conheces.

— Então teremos oportunidade de nos conhecermos. — Ficou como estava, com as mãos unidas, à espera dela. — Só precisas de pôr o pé nas minhas mãos, Lily, não a tua vida.

Sentindo-se algo tola, Lily agarrou a sela e deixou-o içá-la para o dorso do cavalo. Ela olhou para ele, com um olhar solene num rosto massacrado.

— Adam, a minha vida é uma confusão.

Ele apenas assentiu, enquanto ajustava os estribos.

— Vais precisar de a organizar. — Pousou a mão no tornozelo dela, desejando que ela se habituasse ao toque dele. — Mas hoje só vamos passear nas montanhas.

* * *

Aquela cabra, a deixar aquele mestiço pôr-lhe as mãos em cima. A rameirinha pensava que se podia livrar do Jesse Cooke, pensava que podia fugir e que ele não a apanhava. E pôr-lhe a polícia atrás dele. Ia pagar por essa.

Jesse observava-a pelos binóculos, dando largas à fúria que lhe fervia no sangue. Perguntava-se se o tratador de cavalos mestiço já a tinha deitado de costas. Bem, o sacaninha teria de pagar por isso também. Lily era a mulher de Jesse Cooke e em breve a lembraria disso mesmo.

A ordinária pensava que era muito esperta por ter fugido para o Montana. Estava para nascer o dia em que uma mulher enganava Jesse Cooke.

Sabia que ela não dava um passo sem falar com a mãezinha dela. Por isso, limitou-se a esperar perto da casa dela, em Virgínia. E todos os dias verificava o correio, à procura de um sinal de Lily.

A paciência seria recompensada. Chegou uma carta, como contava que acontecesse. Levou a carta para o quarto e abriu-a com vapor. Oh, Jesse Cooke não era o bobo da festa de ninguém. Leu a carta, viu para onde ia e o que faria. Ia reivindicar uma herança. E deixar o marido de fora. Nunca na vida, pensava Jesse.

Assim que fechou a carta e a colocou na caixa, partiu para o Montana. E chegou lá dois dias antes da idiota da mulher. Teve tempo suficiente para se familiarizar com a terra e arranjar um emprego no Três Rochedos.

Um emprego miserável, pensava, a consertar máquinas. Bem, ele sabia mexer em motores e havia sempre um tractor que precisava de um acerto. Quando não estava a fazer isso, punham-no a verificar cercas, dia e noite.

Mas até isso acabou por ser útil, muito útil mesmo, como agora. Um homem que andasse a supervisionar cercas com uma carrinha podia perfeitamente fazer um desvio e ver que mais se passava ali por perto.

E viu muito.

Jesse passou os dedos pelo bigode que deixara crescer e pintara da cor do cabelo, agora castanho-escuro. Era só uma precaução, um extra temporário, para o caso de Lily o ter descrito. Se o tivesse feito, andariam todos à procura de um homem de rosto sem barba e cabelo loiro. Também deixara crescer o cabelo e não tencionava cortá-lo. Como um maldito maricas, pensava, lamentando a necessidade de abdicar do seu penteado à fuzileiro.

Mas, no final, valeria bem a pena. Quando reconquistasse Lily, quando lhe recordasse quem mandava. Quem mandava nela.

Até esse dia feliz chegar, ficaria por perto. E observaria.

— Diverte-te, minha ordinária — murmurou Jesse, observando Lily acompanhar Adam a cavalo, através das suas lentes poderosas. — Estás prestes a pagá-las.

* * *

Já havia pouca luz no céu quando Willa regressou a casa. Castrar e remover os chifres era uma tarefa triste e entediante. Ela sabia que se forçava a fazê-lo e continuaria a fazê-lo. Queria que os homens a vissem por todos os ângulos, a fazer qualquer tipo de trabalho. Mudar de chefe, em qualquer situação, podia ser complicado. E as circunstâncias não eram as melhores.

E por isso tinha ficado furiosa quando uma manada de alces resolvera rebentar com uma cerca, deixando tudo numa confusão. E por isso também liderara a equipa que expulsara os animais e depois ficara a reparar a cerca.

Agora que o trabalho estava feito e os ajudantes estavam prontos para jantar e jogar às cartas nos dormitórios, suspirava por um banho e uma refeição quentes. Estava a meio das escadas, prestes a realizar o primeiro desejo quando ouviu bater à porta. Sabendo que Bess estaria certamente na cozinha, Willa voltou atrás para abrir.

Cumprimentou Ben com uma careta.

— Que queres?

— Uma cerveja fresca escorregava bem.
— Isto não é um *saloon*. — Mas abriu a porta e seguiu para a sala de estar, em direcção ao frigorífico. — Despacha-te, Ben. Ainda não jantei.
— Nem eu. — Ben aceitou a garrafa. — Mas vejo que não vou ser convidado.
— Não me apetece companhia.
— Nunca te apetece companhia. — Inclinou a cabeça para trás e bebeu a cerveja. — Já não te via desde que nos cruzámos nas terras altas. Lembrei-me de te vir dizer que não encontrei nada. Perdi o rasto. Devo dizer que quem quer que tenha estado lá em cima sabe o que são trilhos.
Willa serviu-se de uma cerveja e, como lhe doíam os pés, deixou-se cair ao lado de Ben, no sofá.
— O Pickles acha que foram miúdos. Drogados e loucos.
— E tu?
— Eu não. — Moveu um ombro. — Embora pareça a melhor explicação.
— Talvez. Não vale a pena voltar lá. Já trouxemos o gado. A tua irmã já voltou de Los Angeles?
Willa parou de girar a cabeça para descontraír os ombros e franziu o sobrolho na direcção dele.
— Estás muito interessado nos assuntos dos Mercy, McKinnon.
— Agora faz parte das minhas funções. — Gostava de a lembrar disso, tanto como gostava de olhar para ela, com o cabelo a soltar-se da trança e as botas alinhadas ao lado das dele. — Sabes novidades dela?
— Volta amanhã, por isso, se não queres saber mais nada sobre os meus assuntos, podes...
— Vais apresentar-ma? — Divertido, esticou o braço para brincar com o cabelo dela. — Talvez me interesse por ela e a mantenha ocupada e fora do teu caminho por uns tempos.
Willa afastou a mão dele com veemência, mas ele voltou a colocá-la.
— As mulheres caem todas a teus pés?
— Todas menos tu, querida. E isso é só porque ainda não descobri a melhor forma de mexer com o teu equilíbrio. — Passou a ponta de um dedo pelo rosto dela, observando os seus olhos cada vez mais sérios. — Mas estou a trabalhar para isso. E a outra?
— A outra quê?
Willa queria afastar-se alguns centímetros, mas sabia que ia parecer uma tola.
— A outra irmã.
— Anda por aí. Algures.
Ele sorriu lentamente.

— Estou a deixar-te nervosa. Que interessante.

— Precisas de acalmar esse ego.

Mas Willa começou a levantar-se. Ben travou-a, colocando uma mão no ombro dela.

— Bem, bem — murmurou, sentindo-a vibrar sob a sua mão. — Parece que não tenho prestado atenção. Anda cá.

Willa concentrou-se em manter a respiração estável, trocando a garrafa de mãos. Oh, que arrogante, pensava, que convencido. Está tão seguro de que me derreto se me tocar no sítio certo.

— Queres que vá aí — ronronou, observando o olhar dele subitamente alerta ao som daquele tom suave. — E se for?

Até se sentiria um tolo, se houvesse sangue suficiente para lhe afluir à cabeça, permitindo-lhe raciocinar. Mas só conseguia sentir a onda de luxúria que aquela voz sensual lhe provocava.

— Diria que é mais do que altura de descobrirmos. — Fechou os dedos na camisa dela, prendeu-a e puxou-a para si. Se o olhar dele não se tivesse desviado do dela para se concentrar na boca, teria percebido o movimento que se seguiu. Assim, não só ficou distante da boca que desejava, mas também encharcado com a cerveja que ela lhe despejara pela cabeça abaixo.

— És mesmo parvo, Ben. — Satisfeita consigo mesma, Willa inclinou-se para a frente, para pousar a garrafa na mesa. — Achas que eu vivia num rancho, rodeada de homens a minha vida toda, sem ser capaz de reconhecer uma estratégia dessas?

Lentamente, Ben passou a mão pelo cabelo molhado.

— Suponho que não. Se bem que...

Ben moveu-se rapidamente. Quando ela se sentiu presa debaixo dele, só lhe ocorreu que até uma cobra fazia barulho antes de atacar. Agora, restava-lhe apenas sentir-se enojada por estar deitada de costas num sofá, com o corpo de um homem robusto a prendê-la e uma sede de vingança no olhar.

— Nem deste por ela. — Ben prendeu-lhe os pulsos, puxou as mãos dela para cima. O rosto dela estava corado, mas ele sabia que não era só de irritação. A irritação não a faria tremer, nem lhe deixaria aquela súbita consciência feminina no olhar. — Tens medo que te beije, Willa? Ou tens medo de gostar?

Willa sentia o coração bater demasiado rápido, como se estivesse prestes a disparar do peito. Os lábios ardiam-lhe, como se as terminações nervosas se preparassem para a acção.

— Se quiser a tua boca na minha, aviso-te.

Ele limitou-se a sorrir, aproximando-se mais dela.

— Porque não me dizes que não queres? Vamos, diz-me. — A voz dele tornava-se mais grave, à medida que lhe mordiscava o queixo. — Diz-me que não queres que te prove. Só uma vez.

Não podia. Seria uma mentira, mas a mentira não era o que a preocupava. Não se sentia capaz de fazer passar uma única palavra pela garganta. Então optou pela alternativa e ergueu o joelho depressa e com força.

Teve o prazer de o ver empalidecer antes de cair por cima dela.

— Sai de cima de mim. Sai, seu estúpido. Estás a esmagar-me as costelas.

Aflita por não conseguir respirar, arqueou o corpo e investiu novamente, fazendo-o gemer. Conseguiu inalar um pouco de ar e depois agarrou um punhado de cabelo e puxou.

Rebolaram juntos do sofá e aterraram no chão. Willa embateu com o cotovelo na esquina da mesa. A dor e a raiva fizeram-na saltar para cima dele. Algo caiu ao chão enquanto lutavam um com o outro, praguejando e resmungando.

Ele tentava defender-se, mas ela estava claramente com vontade de o matar. E provou-o com uma mordidela debaixo do ombro. Gritando, convencido de que ela lhe arrancaria um pedaço, conseguiu apanhar-lhe o queixo e prendê-lo. Com a pressão, os dentes dela aliviaram a força.

Rebolaram, embatendo com as botas sonoramente no chão, distribuindo cotoveladas e beliscões. Willa só percebeu que se ria quando ele a prendeu ao chão. Continuou a rir, incapaz de parar para respirar, enquanto ele a fitava com ar sério.

— Achas piada? — Teve de respirar fundo para poder soprar para o rosto e afastar o cabelo dos olhos. Mas estava profundamente grato por ela não o ter conseguido arrancar do couro. — Mordeste-me.

— Eu sei. — A voz dela sibilava ao mesmo tempo que passava a língua pelos dentes. — Acho que fiquei com parte da tua t-shirt nos dentes. Solta-me, Ben.

— Para me morderes outra vez ou me dares um pontapé nos tomates? — E porque eles ainda lhe doíam bastante, estreitou o olhar e resmungou. — Lutas como uma rapariga.

— E depois? Resulta!

O humor dele começava a mudar novamente. Sentia aquela transição quente e sensual da raiva para a luxúria, do insulto para o interesse. Na posição em que estavam, os seios dela estavam suavemente encostados ao seu peito e as pernas dela estavam abertas com as dele delicadamente encaixadas.

— Sim, resulta. O facto de seres mulher até dá jeito.

Willa notou a mudança no olhar dele e hesitou entre desejo e pânico.

— Não.

A boca dele estava a um centímetro da sua e Will sentia-se novamente sem fôlego.

— Porque não? Não faz mal a ninguém.

— Não quero a tua boca na minha.

Ben arqueou a sobancelha e sorriu.

— Mentirosa.

Willa tremeu.

— Sim.

A boca dele estava quase a tocar a dela quando ouviu os primeiros gritos lancinantes.

5.

Ben rebolou e colocou-se de pé. Desta vez, correndo atrás dele, Willa observou a velocidade com que ele se movimentava. Os gritos ainda ecoavam quando ele abriu a porta da frente.

— Céus — murmurou ele ao mesmo tempo que pisava o sangue espalhado no alpendre, para abraçar Lily. — Está tudo bem, querida.

Automaticamente, colocou-se de forma a tapar-lhe o ângulo de visão e, acariciando-lhe as costas com cuidado, fitou o olhar de Willa.

Via algum choque, mas não o mesmo terror trémulo e olhos alarmados da mulher que amparava nos braços. Esta era frágil, mas Willa sabia sempre ser forte.

— Devíamos levá-la para dentro — sugeriu Ben.

Mas Willa abanava a cabeça, olhando para baixo, para a hecatombe a seus pés.

— Deve ser um dos gatos que anda pelo celeiro.

Ou era, pensou sinistramente, antes de alguém o decapitar e esventrar, abandonando-o ali, como um presente assustador.

— Leva-a para dentro, Will — repetiu Ben.

Os gritos tinham atraído mais pessoas. Adam foi o primeiro a chegar ao alpendre. A primeira coisa que viu foi Lily a chorar nos braços de Ben. O aperto que sentia no peito tinha tanto a ver com essa cena como com o que estava espalhado no alpendre.

Instintivamente, avançou, pousou a mão no ombro dela, tranquilizando-a quando ela o sacudiu.

— Está tudo bem, Lily.

— Adam, eu vi...

Sentiu-se subitamente abalada por uma onda de náusea.

— Eu sei. Vai para dentro. Olha para mim — murmurou com cuidado, ajudando-a a afastar-se de Ben e conduzindo-a em direção à porta. — A Willa leva-te lá para dentro.

— Escuta, tenho de...

— Tens de olhar pela tua irmã, Will — interrompeu Adam e, tomando a mão dela, pousou-a na de Lily.

Willa perdeu a batalha assim que sentiu a mão trémula da irmã. Com um resmungo silenciado, puxou-a.

— Vamos, precisas de te sentar.

— Eu vi...

— Sim, eu sei o que viste. Esquece isso.

Willa fechou a porta com determinação, deixando os homens a discutir o cadáver no alpendre.

— Céus, Adam, é um gato? — Jim Brewster passava a mão pela boca. — Alguém fez dele puré.

Adam olhou para trás, estudando cada homem à vez: Jim, pálido, com a maçã-de-adão a mover-se; Hank de rosto tenso; Pickles com uma espingarda ao ombro.

Havia ainda Billy Vincent, com pouco mais de dezoito anos e ansioso, e Wood Book, que confiava a barba negra. Foi Wood que falou, num tom quase frio.

— Onde está a cabeça? Não a vejo aqui. — Aproximou-se. Wood era o responsável pelo cultivo, manutenção e colheita dos cereais, e a mulher, Nell, cozinhava para o pessoal. Cheirava a Old Spice e a rebuçados de menta. Adam sabia que era um homem fiável, implacável como o rochedo de Gibraltar.

— Quem fez isto deve gostar de troféus.

As palavras de Adam travaram os murmúrios.

— Meu Deus, alguma vez viram uma coisa assim? Espalhou as entranhas do bicho por todo o lado. Mas quem faria tal coisa a um gato estúpido? O que achas...

— Cala-te, Billy, seu idiota.

A ordem viera de Ham. Suspirou uma vez e tirou o pacote de cigarros.

— Voltem todos para o refeitório. Não há nada que possam fazer aqui senão cochichar como velhotas num desfile de moda.

— Não tenho muita fome — murmurou Jim, mas ele e os outros seguiram caminho.

— Mas que grande porcaria — comentou Ham. — Suponho que um miúdo pudesse fazer uma coisa destas. Os filhos do Wood são um bocadinho selvagens mas não são maus. Cá para mim, isto requer alguma maldade. Mas eu falo com eles.

— Ham, importas-te que te pergunte o que os homens andaram a fazer na última hora?

Ham analisou o rosto de Ben através de uma nuvem de fumo.

— Andavam por aí, a lavar-se antes do jantar e assim. Não estive sempre de olho neles, se é isso que queres saber. Os homens que trabalham aqui não são de andar a torturar um gato por prazer.

Ben acenou com a cabeça. Não lhe competia fazer mais perguntas e ambos sabiam disso.

— Deve ter acontecido na última hora. Eu cheguei há algum tempo e isto não estava aqui.

Ham fumou um pouco mais, assentindo.

— Eu falo com os miúdos do Wood. — Olhou mais uma vez para o cadáver que jazia no alpendre. — Mas que grande porcaria — repetiu e afastou-se.

— São dois animais esventrados numa semana, Adam.

Adam agachou-se, tocando o pêlo com a ponta do dedo.

— Chamava-se Mike. Era velho e estava quase cego de um olho. Devia ter morrido a dormir.

— Lamento. — Ben compreendia o afecto e até a intimidade de algumas pessoas com os animais, pousando uma mão reconfortante no ombro de Adam. — Acho que tens um sério problema aqui.

— Sim. Os miúdos do Wood não faziam isto. Eles não são maus. E não andam nos montes a matar gado.

— Não, também não diria isso. Conheces bem os teus homens?

Adam ergueu o olhar. Apesar de estar a sofrer, o seu olhar era directo e forte.

— Os homens não são especialidade minha. Os cavalos, sim. — Ainda estava quente, pensava, acariciando o pêlo do animal. A arrefecer depressa, mas ainda estava quente. — Conheço-os bastante bem. Estão todos cá há muitos anos, à excepção do Billy, e esse entrou no Verão passado. Terás de perguntar à Willa. Ela saberá dizer mais. — Olhou novamente para baixo e chorou o cadáver meio cego que ainda podia caçar. — A Lily não devia ter visto isto.

— Não, não devia. — Ben suspirou e perguntou-se se ela teria realmente visto que animal era. — Eu ajudo-te a enterrá-lo.

Lá dentro, Willa caminhava nervosamente pela sala de estar. Mas como ia ela tomar conta da mulher? E porque tinha o Adam despachado tal tarefa para ela? Lily tinha-se aninhado no sofá e não parava de tremer.

Tinha dado uísque a Lily, não tinha? Até lhe dera umas sapatadinhas no ombro, sem saber que mais fazer. Tinha um problema em mãos, por

amor de Deus! E não precisava de uma fracota do Leste para a sobrecarregar ainda mais.

— Desculpa. — Era a primeira palavra que conseguia dizer desde que entrara em casa. Respirando fundo, Lily tentou novamente. — Desculpa. Não devia ter gritado daquela forma. Nunca vi nada... Estava com o Adam a ajudar com os cavalos e depois eu... eu...

— Bebe o raio do uísque, está bem? — Willa perdera a paciência, mas de imediato se arrependeu ao ver Lily a encolher-se e a beber obedientemente do copo que lhe dera. Irada consigo própria, Willa esfregou o rosto. — Acho que era de esperar que alguém gritasse perante uma cena daquelas. Não estou chateada contigo.

Lily detestava uísque — o ardor, o odor. Jesse apreciava particularmente o da marca Seagram's. E à medida que o volume da garrafa baixava, o da discussão subia. Sempre. Mas agora fingia beber.

— Era um gato? Pareceu-me ser um gato. — Lily mordeu o lábio com força para que a voz não tremesse. — Era o teu gato?

— Os gatos são do Adam. E os cães também. E os cavalos. Mas foi a mim que fizeram aquilo. Não deixaram o bicho no alpendre do Adam. Foi no meu.

— Como a cabeça de gado.

Willa parou de caminhar e olhou por cima do ombro.

— Sim, como a cabeça de gado.

— Ora aqui está uma bela chaleira de chá — disse Bess, entrando apressadamente com um tabuleiro. Assim que o pousou, começou a resmungar. — Will, mas que te passou pela cabeça para dares um copo de uísque à pobre rapariga? Ainda lhe deixa o estômago pior. — Com cuidado, Bess tirou o copo a Lily e pousou-o na mesa. — Bebe um pouco de chá, querida, e descansa. Apanhaste um grande susto. Will, pára um pouco e senta-te.

— Toma conta dela. Eu vou sair.

Embora servisse o chá com firmeza, Bess observou com desagrado a partida de Willa.

— Aquela rapariga nunca ouve o que dizemos.

— Está aborrecida.

— Estamos todos.

Lily pegou na chávena com as duas mãos e sentiu o calor espalhar-se no corpo, ao primeiro gole.

— Ela leva mais a sério. É o rancho dela.

Bess inclinou a cabeça, intrigada.

— Também é teu.

— Não. — Lily voltou a beber, ficando cada vez mais calma. — Será sempre dela.

O gato já não estava no sítio, mas ainda havia sangue entranhado na madeira. Willa foi buscar um balde com água e detergente e uma escova dura. Bess teria limpado a zona, é certo, mas aquilo não era algo que pedisse a outra pessoa para fazer.

De joelhos, iluminada pelo candeeiro do alpendre, lavou todos sinais de violência. A morte acontecia. Acreditava ser capaz de aceitar e compreender esse conceito. O gado era criado para alimentar e uma galinha que parasse de pôr ovos ia parar à panela. Os veados e os alces eram caçados para servir à mesa.

A vida era assim.

As pessoas viviam e morriam.

Nem a violência lhe era estranha. Enfiara algumas balas em carne viva e preparara muita carne de caça com as próprias mãos. O seu pai insistira nisso mesmo e ordenara-lhe que aprendesse a caçar, que observasse um vitelo a sangrar na terra. Com isso saberia sempre lidar.

Mas aquela crueldade, o desperdício, a maldade que fora despejada à sua porta não fazia parte do ciclo. Assim, apagava-a, gota a gota. E com o balde ensanguentado a seu lado, sentou-se nos calcanhares e fitou o céu.

Uma estrela morria diante dos seus olhos, desenhando o seu trilho descendente na noite e caindo no esquecimento.

Algures ali perto, uma coruja piava e ela sabia que as presas procuravam refúgio. Pois naquela noite brilhava uma Lua de caçador, cheia e cintilante. Naquela noite haveria morte na floresta, nos montes, na erva. Não havia como negá-lo.

Não devia dar-lhe vontade de chorar.

Ouviu os passos e depressa se recompôs. Estava a pôr-se de pé quando Ben e Adam surgiram da lateral da casa.

— Eu teria feito isso, Will. — Adam tirou-lhe o balde. — Não tinhas de ser tu.

— Está feito. — Esticou o braço e acariciou-lhe o rosto. — Lamento, Adam, pelo Mike.

— Ele gostava de apanhar sol no rochedo atrás do celeiro. Enterrámo-lo lá. — Olhou pela janela. — A Lily?

— A Bess está com ela. Tem mais jeito do que eu.

— Vou livrar-me disto e depois vou ter com ela.

— Está bem.

Mas Willa manteve a mão no rosto do irmão por mais alguns momentos, murmurando algo na língua da mãe de ambos. A mensagem fê-lo sorrir — não tanto pelas palavras como pela língua em que fora proferida. Ela raramente a usava; só o fazia quando era verdadeiramente importante. Adam afastou-se e deixou-a com Ben.

— Tens um problema, Will.
— Tenho vários.
— Quem quer que tenha feito isto, fê-lo quando estávamos lá dentro.
— À bulha, pensou, como duas crianças parvas. — O Ham vai falar com os filhos do Wood.
— O Joe e o Pete? — Will riu, troçando, e depois girou sobre os calcanhares. — Nem pensar nisso, Ben. Aqueles rapazes gostam de correr por aí e costumam andar à porrada, mas não iam torturar um gato velho.
Ben afagou a cicatriz do queixo.
— Viste, não viste?
— Tenho olhos, não tenho? — Precisou de respirar fundo para controlar o aperto no estômago. — Cortaram-no aos pedaços e parecia que tinha sido queimado no pêlo com um cigarro. Não foram os miúdos do Wood. O Adam deu-lhes uma ninhada de gatinhos na Primavera passada. Mimam os bichos como se fossem bebés.
— O Adam irritou alguém recentemente?
Will não olhou para Ben.
— Isto não foi contra o Adam. Foi contra mim.
— Certo. — Porque concordava, Ben assentiu. E ficou preocupado.
— Irritaste alguém recentemente?
— Além de ti?
Ele sorriu levemente e subiu um degrau para a enfrentar, olhos nos olhos.
— Andas a irritar-me desde que nasceste. Não conta. Estou a falar a sério, Willa. — Apertou-lhe a mão, entrelaçando os dedos. — Ocorre-te alguém que pudesse querer fazer-te mal?
Surpreendida pelo toque, Willa fitou as mãos unidas.
— Não. O Pickles e o Wood têm o nariz empinado, agora que sou eu a mandar. Sobretudo o Pickles. Por ser mulher. Mas não têm nada contra mim pessoalmente.
— O Pickles estava nas terras altas — sublinhou Ben. — Seria capaz de uma coisa destas para te abalar? Para assustar uma mulher?
Willa fitou-o desdenhosamente.
— Pareço-te assustada?
— Sentia-me melhor se estivesses. — Mas encolheu os ombros. — Seria capaz disso?
— Há umas horas, diria que não. Agora, não posso ter a certeza. — E isso era a parte pior. Não saber em quem confiar ou até onde confiar. — Não diria que fosse. Ele tem mau feitio e gosta de se queixar e amuar, mas não estou a vê-lo a matar animais sem motivo.

— Mas isto teve um motivo. Vamos precisar de descobrir qual.

Willa ergueu o queixo.

— Vamos?

— As tuas terras estão junto às minhas, Will. E durante o próximo ano és da minha responsabilidade. — Ben apertou com mais força quando Willa tentou tirar a mão. — É um facto e acho que temos de nos habituar a ele. Tenciono ficar de olho em ti e nas tuas terras.

— Se te aproximas muito, ainda fica negro.

— Vou arriscar. — Em todo o caso, pegou-lhe na outra mão e segurou-as. — Parece-me que o próximo ano vai ser muito interessante. Extremamente interessante. Já não lutava contigo há... talvez uns vinte anos. Cresceste bem.

Sabendo que era uma mulher pequena e pouco robusta, em comparação, manteve-se quieta.

— Tens muito jeito com as palavras, Ben. Parecem poesia. Devias sentir como o meu coração bate.

— Querida, adorava, mas eras capaz de tentar deitar-me ao chão.

Ela sorriu e sentiu-se melhor por isso.

— Não, Ben. Eu deitava-te mesmo ao chão. Agora vai-te embora. Estou cansada e quero jantar.

— Estou a ir. — *Mas ainda não*, pensou. Deslizou as mãos até aos pulsos dela e sentiu-lhe o bater violento do coração. Ninguém diria, se visse aqueles olhos negros e frios. Olhar para Willa Mercy não revelava muito. — Não me vais dar um beijo de boa-noite?

— Mas depois estragava-te para as outras mulheres com quem gostas de brincar.

— Acho que vou arriscar também. — Mas afastou-se. Não era o local nem o momento mais indicado. Ainda assim, tinha a impressão de que em breve tentaria novamente. — Eu volto.

— Sim. — Mergulhou as mãos nos bolsos, observando-o a entrar no carro. Ainda sentia o coração a bater. — Eu sei.

Esperou até deixar de ver os faróis traseiros na estrada de terra batida. Depois olhou para trás, para a casa iluminada. Queria muito um banho, uma refeição quente e uma boa noite de sono. Mas tudo isso teria de esperar. O Rancho Mercy era dela e ela tinha de falar com os seus homens.

Como proprietária, tentava manter-se longe do dormitório. Acreditava que os homens tinham direito à privacidade e aquele edifício de madeira com cadeiras de baloiço no alpendre era o seu lar. Ali dormiam, comiam e liam os seus livros, se a leitura lhes agradava. Jogavam às cartas e entravam em picardias por causa do jogo, viam televisão e queixavam-se do patrão.

Nell cozinhava as refeições na cabana que partilhava com Wood e os seus filhos e depois distribuía a comida com um carrinho. Não servia os homens e um deles ficava responsável pelas limpezas em cada semana. Assim, podiam comer como queriam. Podiam comer ainda sujos do trabalho ou em roupa interior. Podiam mentir sobre as mulheres que tinham tido ou sobre o tamanho do sexo.

Afinal de contas, estavam em casa.

Por isso, Willa bateu à porta e esperou que a mandassem entrar. Estavam todos lá dentro, à excepção de Wood, que comia a sua refeição em casa com a família. Os homens estavam sentados à mesa, Ham à cabeceira, com o chapéu caído para trás, porque já terminara a sua refeição. Billy e Jim continuavam a comer frango e o acompanhamento como dois lobos ansiosos por carne. Pickles bebia a sua cerveja e fez um ar amuado.

— As minhas desculpas por interromper a vossa refeição.

— Já estamos quase despachados — respondeu Ham. — Billy, trata dos pratos. Se comeres mais, rebentas. Queres café, Will?

— Não me importava. — Dirigiu-se ao fogão, serviu uma chávena e não acrescentou nada. Sabia que o assunto que se impunha era delicado e que teria de ser cuidadosa e directa. — Não consigo imaginar quem faria uma coisa daquelas a um gato. — Bebeu e deixou que o comentário pairasse. — Alguém tem alguma ideia?

— Já falei com os miúdos do Wood. — Ham levantou-se para se servir de café. — A Nell diz que eles estiveram em casa com ela boa parte da noite. Ora, os dois têm canivetes e a Nell mandou-os mostrarem-mos. Estavam limpos. — Torceu o nariz enquanto bebia. — O mais novo, o Pete, desatou a chorar quando soube do Mike. Está alto, o rapaz. Até nos esquecemos de que só tem oito anos.

— Já ouvi falar de miúdos que fazem porcarias dessas — resmungava Pickles para a cerveja. — Depois tornam-se assassinos em série.

Willa olhou-o de soslaio. Se havia alguém capaz de piorar qualquer assunto, esse alguém era Pickles.

— Não me parece que os filhos do Wood sejam assassinos em série em potência.

— Pode ter sido o McKinnon. — Billy acumulava os pratos na pia, esperando que Willa reparasse nele. Estava sempre ansioso por que ela reparasse nele, já que a sua paixoneta por ela era maior do que o Estado do Montana. — Ele estava aqui. — Abanou a cabeça para afastar uma madeixa de cabelo loiro dos olhos. Esfregava os pratos com mais afinco do que o necessário, para que os seus músculos flectidos ficassem bem visíveis. — E os homens dele estavam nas terras altas quando esventraram aquela cabeça.

— É capaz de ser melhor pensares antes de palrares, ó idiota.

Ham proferira o comentário sem ponta de emoção. Na sua opinião, qualquer pessoa abaixo dos trinta tinha potencial para se tornar um parvo. Billy, com o seu olhar ávido e imaginação fértil, tinha mais potencial que muitos.

— O McKinnon não é homem de abrir um gato qualquer.

— Pois, mas ele estava aqui — insistiu Billy teimosamente, concentrando-se em Willa, para ver se ela o escutava.

— Ele estava aqui — concordou Willa. — E estava lá dentro comigo. Fui eu que lhe abri a porta e não havia nada no alpendre nessa altura.

— Nada disto acontecia quando o velho era vivo — comentou Pickles, voltando a beber a sua cerveja e olhando Willa de soslaio.

— Anda lá, Pickles. — Desconfortável, Jim reposicionou-se na sua cadeira velha. — Não podemos culpar a Will por uma coisa destas.

— Só estou a constatar um facto.

— É verdade. — Willa assentia com afinco. — Nada disto acontecia quando o velho era vivo. Mas agora está morto e quem manda sou eu. E quando descobrir quem fez isto, trato dele pessoalmente. — Pousou a chávena. — Gostava que pensassem todos nisso, a ver se se lembram de alguma coisa, de ter ouvido qualquer comentário ou visto alguma pessoa. Se lhes ocorrer alguma coisa, sabem onde encontrar-me.

Quando fechou a porta, Ham deu um pontapé na cadeira de Pickles e quase o fez cair.

— Porque tens de ser sempre tão estúpido? Aquela rapariga sempre fez o melhor que pôde.

— É mulher, não é? — E isso explicava tudo, para ele. — Não podemos confiar nelas e não podemos, claro está, depender delas. Quem sabe se quem abriu a vaca e o gato não vai tentar o mesmo com um homem? — Bebeu um pouco mais de cerveja, reflectindo no seu próprio augúrio. — Vais contar com ela para tomar conta de ti? Eu não.

Billy deixou cair um prato na água. Os seus olhos estavam alerta e animados.

— Achas que alguém pode tentar fazer o mesmo a um de nós? Tentar abrir-nos com uma faca?

— Ora, cala-te lá. — Ham pousou a caneca. — O Pickles está a tentar deixar as pessoas nervosas porque a gaita dele anda aflita por ter uma mulher a mandar nele. Matar uma vaca e um gato comido pelas moscas não é o mesmo que matar um homem.

— O Ham tem razão. — Mas Jim engoliu em seco e perdeu o interesse na comida que sobrava no prato. — Mas talvez não seja má ideia termos mais cuidado por uns tempos. Agora temos mais duas mulheres no rancho. — Afastou o prato ao levantar-se. — Talvez devêssemos olhar por elas.

— Eu olho pela Will — avançou rapidamente Billy, merecendo um imediato puxão de orelhas de Ham.

— Fazes o teu trabalho, como sempre. Não vou ter um bando de maricas com medo da própria sombra por causa de um gato. — Voltou a encher a chávena e a beber. — Pickles, se não tens nada inteligente para dizer, fica calado. Isto aplica-se a todos. — Demorou-se algum tempo a fitar cada homem, olhos nos olhos. Depois, acenou com a cabeça, satisfeito.

— Vou ver o *Jeopardy*.

— Mas podes ter a certeza disto — disse Pickles, em voz baixa. — Vou andar sempre com a espingarda por perto e uma faca na bota. Se vir alguém a fazer asneira por aqui, trato do assunto. E sozinho.

Pegou na cerveja e saiu.

Jim trocou a cafeteira por uma cerveja, olhando para o rosto pálido de Billy pelo caminho. Pobre rapaz, pensou, vai ter pesadelos a noite toda.

— Só está a falar da boca para fora, Billy. Sabes como é.

— Sim, mas... — Limpou a boca com a mão. Era só um gato. Um gato velho e moribundo. — Sim, sei como é.

* * *

Willa teve pesadelos a noite toda. Acordavam-na a meio da noite, banhada num suor frio, com o coração a bater violentamente nas costelas e um grito preso na garganta. Libertou-se do emaranhado de lençóis, procurando respirar. Sozinha e a tremer, sentou-se no meio da cama, iluminada pelo luar que penetrava pelas janelas e pela brisa ténue que tamborilava no vidro.

Não se lembrava bem do que assombrara os seus sonhos. Sangue, medo, pânico. Facas. Uma cabeça de gato a correr atrás dela. Tentou rir-se não só da imagem, repousando a cabeça nos joelhos flectidos, mas também da sua reacção. A gargalhada quase se transformou num soluço.

As pernas ameaçavam desabar quando saiu da cama, mas fez um esforço para chegar ao quarto de banho, onde acendeu a luz, baixou a cabeça sobre o lavatório e lavou o rosto com água fria. Sentia-se melhor, agora que tinha lavado a transpiração do rosto. Erguendo a cabeça, observou o seu rosto no espelho.

Ainda era o mesmo rosto. Não tinha mudado. Nada tinha mudado, na verdade. Tinha apenas passado uma noite complicada. Não teria o direito de ficar abalada, ainda que um bocadinho, com tudo o que se estava a passar? Os problemas pesavam-lhe como chumbo nos ombros e esse era um peso que tinha de suportar sozinha. Não podia delegar, nem aliviar o peso.

As irmãs eram dela, como era o rancho e tudo o que o atacava. E ela lidaria com tudo.

E se havia uma mudança dentro dela, algo estranho e que ela reconhecia ser essencialmente feminino, também lidaria com isso. Não tinha tempo nem temperamento para brincar às seduções com Ben McKinnon.

Se bem que ele só estava a provocá-la. Afastou o cabelo das faces húmidas e deitou água fria num copo. Ele nunca se interessara por ela. Se agora estava interessado, era certamente porque lhe apetecia. Era mesmo típico de Ben. Quase sorria, ao deixar deslizar a água pela garganta.

Talvez o beijasse, afinal. Só para esquecerem o assunto de uma vez por todas. Como numa espécie de teste. Até era capaz de dormir melhor. Talvez essa decisão o enxotasse dos seus sonhos e pesadelos. E assim que ela parasse de pensar em como seria e no que se agitava nas suas entranhas, estaria disponível para se concentrar completamente no rancho.

Olhou para a cama e tremeu. Precisava de dormir, mas não queria voltar a ver o sangue, a visualizar os cadáveres estropiados. Por isso, não veria nada disso.

Respirou fundo antes de voltar para a cama. Afastaria os pesadelos, pensando noutro assunto qualquer. Na Primavera que ainda estava distante. Nas flores a florirem nos prados e nas brisas suaves a flutuarem pelas colinas.

Mas quando sonhou, os seus sonhos eram povoados de sangue, morte e terror.

6.

Entrada no diário de Tess.

Passados dois dias no rancho, decidi que odeio o Montana, detesto vacas, cavalos, cowboys e sobretudo galinhas. A Bess Pringle atribuiu-me as tarefas do galinheiro — essa déspota escanzelada que governa a casa como se eu fosse uma prisioneira. Fui informada da minha promoção ontem à noite. Durante um jantar — note-se — que consistia num naco de urso assado. Parece que a nossa vaqueira preferida subiu às montanhas e matou um urso-pardo. Era delicioso.

Na verdade, estava a saber-me pela vida até me dizerem o que estava a comer. Posso garantir, apesar do que já foi constatado por outros, que a carne de urso não sabe minimamente a frango. Pense o que pensar sobre a Bess — e penso muito, tendo em conta a forma como me fita —, a mulher sabe cozinhar. Vou ter de ter cuidado, senão volto à minha fase adolescente de pipa.

Houve alguma excitação em Ponderosa enquanto estive fora, de visita ao mundo real. Parece que alguém esventrou uma vaca nas chamadas terras altas. Quando disse que pensava que era isso que se fazia às vacas, a Annie Oackley fez o que pôde para me matar com o olhar. Tenho de admitir que é bem bonito. Se não fosse uma sabichona emproada, era capaz de gostar dela.

Mas estou a divagar.

A vaca morta tinha, na verdade, sido mutilada, o que originou alguma preocupação no rancho. Na véspera do meu regresso, um dos gatos do celeiro foi decapitado e deixado no alpendre na frente. Foi a desgraçada da Lily que o encontrou.

Não sei se deva ficar preocupada porque não é um acontecimento habitual por aqui ou fingir que é e trancar a porta do quarto todas as noites. Mas a rainha dos vaqueiros parece preocupada. Se as circunstâncias fossem outras, até ficaria contente. Ela irrita-me imenso. Mas tendo em conta o contexto e pensando — tentando não pensar — nos longos meses que me esperam, confesso que me sinto inquieta.

A Lily passa boa parte do tempo com Adam e os cavalos. As nódoas negras começam a desaparecer, mas continua nervosa como tudo. Não acho que se tenha apercebido do facto de o Bom Selvagem estar a arrastar uma asa enorme por ela. Até é divertido observar. Não consigo deixar de gostar dela, porque é tão indefesa e parece tão perdida. E, afinal de contas, estamos no mesmo barco, por assim dizer.

As outras personagens do filme incluem o Ham — perfeito, saído de Hollywood. O vaqueiro de pernas arqueadas e já grisalho com olhar sério e mãos calejadas. Cumprimenta-me com um puxão rápido do chapéu e diz muito pouco.

Depois temos o Pickles. Não faço ideia se o homem terá outro nome. É um pouco rabugento e dado a amuos; mais parece uma corda inchada com botas afiadas e praticamente não tem pêlo no corpo, à excepção do farto bigode ruivo. Resmunga que se farta, mas já o vi trabalhar com gado e parece saber o que faz.

Há ainda a família Book. A Nell prepara as refeições do pessoal e tem um rosto meigo e acolhedor. Ela e a Bess costumam coscuvilhar um pouco e fazer coisas típicas de rancho de que não me apetece falar. O marido dela chama-se Wood, ao que parece um diminutivo de Woodrow. Tem uma bela barba preta, um sorriso bonito e boas maneiras. Chama-me senhora e sugeriu muito educadamente que arranjasse um chapéu em condições para o sol não me queimar a pele. Têm dois filhos, com cerca de dez e oito anos, talvez, que adoram andar a correr, a saltar e a dar murros na cara um ao outro. São muito bonitos. Vi-os a praticar cuspidelas à distância nos edifícios das traseiras. Parecem ter muito jeito.

Temos o Jim Brewster que parece ser do estilo bom rapaz. É o mais mandão, parece-me, tipo patrão. É muito bonito e fica bastante interessante de calças de ganga com aquele contorno arredondado no bolso de trás que certamente será qualquer coisa nojenta como tabaco de mascar. Já me ofereceu uns sorrisos e piscar de olhos atiradiços. Até ver, consegui resistir.

O Billy é o mais novo. Mal parece ter idade para conduzir e anda de queixo caído pela nossa vaqueira preferida. Fala muito e está sempre a ser mandado calar por alguém que esteja mais ou menos perto dele. Ele não leva a mal mas raramente obedece. Sinto-me quase maternal quando o vejo.

Não vejo o advogado-cowboy desde que voltei e ainda não conheci o infame Ben McKinnon do Rancho Três Rochedos, que parece ser o arqu-inimigo da Willa. Estou certa de que isso me bastará para gostar imenso dele. Acho que terei de descobrir uma forma de arrancar toda a informação sobre os McKinnon da Bess, mas entretanto tenho um encontro marcado no galinheiro.

Vou tentar fingir que é uma aventura.

* * *

Tess não se importava de se levantar cedo. Estava sempre acordada às seis da manhã, fosse em que circunstância fosse.

Uma hora no ginásio, talvez uma reunião ao pequeno-almoço e depois dedicava-se a uma ou duas horas ao trabalho. De seguida, daria um mergulho na piscina ou participaria em outra reunião e talvez ainda fosse às compras. Talvez tivesse um encontro, talvez não, mas a vida era dela e geria-a da forma que achava mais indicada.

No entanto, levantar-se cedo para tratar das galinhas era algo inteiramente diferente.

O galinheiro era grande e parecia limpo. Aos olhos destreinados de Tess, as cinquenta galinhas Mercy pareciam uma legião de predadores pitosgas a cantarolar sinistramente.

Deixou a comida, como Bess indicara, preparou a água e depois sacudiu as mãos, fitando uma galinha poedeira.

— Tenho de levar os ovos. Acho que estás sentada num deles, por isso, se não te importas... — Receosa, esticou o braço, sempre atenta às galinhas. Imediatamente ficou claro quem mandava ali. Gritando ao primeiro contacto entre bico e pele, Tess saltou de dor. — Escuta, 'miga, tenho as minhas ordens.

A batalha foi feia. Havia penas a voar por todo o lado, as emoções estavam ao rubro. O galinheiro explodiu numa onda de cacarejos, cada vez mais intensos à medida que as outras galinhas alinhavam na confusão. Tess

conseguiu agarrar um belo ovo, limpando-o, e depois afastou-se, com o rosto corado e sem fôlego.

— Mas que bela técnica.

Ao escutar a voz, Tess soltou o ovo. Escorregou-lhe pelos dedos e estatelou-se no chão.

— Caramba. Depois de tudo...

— Assustei-a. — A agitação vinda do galinheiro atraíra Nate. Em vez de ir ao encontro de Willa, fizera um desvio, para dar com a Princesa da Califórnia com as suas calças de ganga de marca e botinhas novas à porrada com as galinhas. Mas que bela imagem. — À caça do pequeno-almoço?

— Mais ou menos. — Afastou o cabelo do rosto. — Procura alguma coisa?

— Tenho uns assuntos para tratar com a Willa. A sua mão está a sangrar — acrescentou.

— Eu sei. — Maldisposta, sugava o sangue das feridas nas costas da mão. — Aquele cérebro de alfinete atacou-me.

— Porque não está a abordar bem a questão. — Ofereceu-lhe um lenço para poder ligar a mão e avançou em direcção à galinha. E conseguiu, na opinião de Tess, parecer muito elegante, apesar da necessidade de se inclinar e dobrar para não bater com a cabeça no tecto. — Só precisa de fazer de conta que é a coisa mais natural do mundo. Com agilidade, mas sem movimentos abruptos.

Nate exemplificou, enfiando a mão por baixo da ave poedeira e retirando um ovo. Nem uma pena se agitou.

— É a primeira vez que faço isto. — Amuando levemente, segurou o balde. — Gosto de contactar com a galinha na secção dos frescos, envolvida em celofane. — À medida que ele avançava, recolhendo ovos, Tess seguia-o de perto.

— Suponho que tenha galinhas.

— Costumava ter. Agora não perco tempo com isso.

— Gado?

— Não.

Tess arqueou uma sobrancelha.

— Ovelhas? Não é um risco? Já vi muitos filmes de cowboys e guerras de coronéis.

— Também não tenho ovelhas. — Pousou um ovo no balde. — Só cavalos. Quartos de milha¹. Anda a cavalo, menina Mercy?

¹ Um dos cavalos mais populares do mundo, oriundo dos Estados Unidos da América, conhecido pela sua enorme capacidade de percorrer curtas distâncias em muito pouco tempo. (N. do T.)

— Não. — Afastou o cabelo para trás. — Mas sugeriram-me que aprendesse. E acho que assim sempre teria algo para fazer por aqui.

— O Adam pode ensiná-la. Ou eu.

— A sério? — Tess sorriu suavemente, pestanejando em jeito de sedução. — E porque faria tal coisa, senhor Torrence?

— Estou só a tentar ser solícito. — Embora ela cheirasse muito bem, reflectiu. Tinha uma aura ligeiramente obscura e quase perigosa. Completamente feminina. Pousou outro ovo no balde. — Só Nate.

— Certo. — A voz dela era agora pouco mais que um ronronar e os seus olhos sorriam sob aquelas pálpebras espessas e aguçadas. — Somos vizinhos, Nate?

— De certa forma. A minha casa fica a leste daqui. Cheira bem, menina Mercy, para quem anda à bulha com as galinhas.

— Só Tess. Estás a tentar seduzir-me, Nate?

— Só estou a retribuir a sedução. — O sorriso dele era suave e fácil. — Era isso que estavas a fazer, não era?

— De certa forma. É do hábito.

— Bem, se quiseres um conselho...

— E os advogados têm-nos aos montes... — interrompeu ela.

— Temos, sim. Aconselho-te a aliviar o ímpeto. Os rapazes daqui não estão habituados a mulheres com o teu estilo.

— Oh. — Não sabia muito bem se acabara de ser elogiada ou insultada, mas decidiu dar-lhe o benefício da dúvida. — E tu estás habituado a mulheres com estilo?

— Não posso dizer que esteja. — Fitou-a com um olhar demorado e pensativo, com os seus olhos azuis tranquilos. — Mas sei reconhecer uma quando a vejo. Vais deixá-los malucos e com ideias homicidas no período de uma semana.

Ora, aquilo sim, era um elogio.

— Sempre se anima o ambiente por aqui.

— Ao que sei, tem estado bastante animado.

— Gatos e vacas mortas. — Arrepiou-se. — Que porcaria. Ainda bem que não estava cá para ver.

— Mas agora estás aqui. Parece que está tudo — acrescentou, e Tess olhou para o balde.

— Tens muitos. E, credo, como estão sujos.

Não se imaginava a comer omeletas por uns tempos.

— Lavam-se. — Tirou-lhe o balde das mãos e começou a caminhar.

— Estás a dar-te bem?

— O melhor que posso. Não é o meu *milieu*... o meu *habitat* natural. Nate sorriu.

— O pessoal do teu... como disseste? *Milieu*? Esse pessoal costuma vir aqui muitas vezes. Mas não fica. — Baixou-se automaticamente para evitar bater com a cabeça no vão baixo da porta do galinheiro. — Esses tipos de Hollywood entram por aqui dentro, compram terras e montam casas milionárias. Acham que vão criar búfalos ou salvar os cavalos selvagens ou coisa que o valha.

— Não gostas dos californianos?

— Os californianos não encaixam no Montana. Normalmente. Depressa fogem para os restaurantes e discotecas. — Voltou-se e observou-a. — É isso que farás dentro de um ano.

— Podes crer que sim. Fica com o teu ar livre à vontade, amigo. Eu cá prefiro Beverly Hills.

— E o monóxido de carbono, as enxurradas e os terremotos.

Ela limitou-se a sorrir.

— Por favor, não me faças sentir saudades de casa.

Sentiu que ele sabia bem o que queria. Nascido e criado no Montana, um pensador ponderado e exaustivo que apreciava as cervejas frias e as mulheres modestas. Do tipo que beijaria o cavalo no final de um filme de série B sobre o Oeste. Mas, bolas, era giro.

— Porquê o Direito, Nate? Alguém processou os teus cavalos?

— Recentemente, não. — Continuou a avançar, abrandando a passada para ela o poder acompanhar. — Sempre gostei da zona. Do sistema. Ajuda-me a manter o rancho em ordem. É preciso algum tempo e dinheiro para manter uma manada e boa reputação.

— E então foste para a faculdade de Direito para complementar os rendimentos do teu rancho. Para onde? Para a Universidade do Montana? — O seu sorriso era arrogante e divertido. — Há universidades por aqui, não há?

— Ouvi dizer que sim. — Reconhecendo o sarcasmo, fitou-a intencionalmente. — Não, fui para Yale.

— Para... — Ela parou e ele ganhou algum avanço. Tess precisou de correr para o apanhar. — Yale? Foste para Yale e voltaste para brincar aos advogados rancheiros com um bando de cowboys e funcionários da terra?

— Eu não brinco com a advocacia.

Deu um puxão ao chapéu em jeito de despedida e aproximou-se do curral ao lado do celeiro.

— Yale. — Tess repetiu a informação, abanando a cabeça. Agora estava fascinada e trocou de mão o balde que ele lhe devolvera, correndo atrás dele.

— Ei, escuta. Nate...

Tess parou. Havia muita actividade no curral. Dois homens e Willa faziam algo a uma vaca pequena, algo que o animal parecia não apreciar. Tess deduziu que a estivessem a marcar e quis ver como era feito. Além disso, queria falar com Nate novamente e ele estava a dirigir-se ao local onde a acção decorria.

Amparou melhor o peso do balde, caminhou em direcção ao portão e atravessou-o. Ninguém se deu ao trabalho de olhar para ela. Estavam todos concentrados no trabalho e o animal era alvo de toda a atenção. Séria, Tess aproximou-se, inclinando-se para a frente para observar a actividade por cima do ombro de Willa.

Quando viu Jim Brewster castrar rápida, higiénica e eficientemente o vitelo, revirou os olhos e desmaiou de imediato, sem emitir um som que fosse. Foi a queda do balde e o estalar dos ovos que chamou a atenção de Willa.

— Céus, que se passou?

— Desmaiou sem dó nem piedade, Will — informou-a Jim, recebendo um ar ligeiro de reprovação.

— Estou a ver que sim. Trata do bicho. — Endireitou-se, mas Nate já tinha pegado em Tess ao colo. — Parece pesada.

— Não é peso-pluma. — Sorriu. — Está muito bem assim, Will.

— Podes apreciar essa benesse enquanto a levas para casa. Bolas. — Pegou no balde. — Consegui partir os ovos todos. A Bess vai ter uma coisinha má. — Irritada, olhou para Jim e Pickles. — Continuem com o trabalho. Vou ver como ela está. Como se não tivesse mais nada para fazer do que tratar de uma desmiolada da cidade.

— Não sejas tão dura com ela — admoestou Nate, transportando Tess pela estrada em direcção à casa principal. Sorriu levemente. — Está fora do seu *milieu*.

— Pois quem me dera que ela voltasse a entrar nele e que deixasse o meu. Esta desmaia pelos cantos, a outra anda em bicos de pés como se eu lhe fosse enfiar uma bala no meio dos olhos só por olhar para mim.

— És uma mulher intimidante, Will. — Olhou para baixo, vendo que Tess despertava nos seus braços. — Acho que está a acordar.

— Pousa-a em qualquer lado — sugeriu Will, abrindo a porta da casa. — Vou buscar água.

Tinha de admitir que Tess apresentava uma constituição interessante. Não era uma daquelas magricelas californianas, mas uma mulher elegante e com curvas que tinha o peso distribuído pelos sítios certos. Gemia e os seus olhos pestanejavam à medida que ele a transportava para o sofá. Os seus olhos, azuis como miosótis, fitavam os dele.

— Que foi? — foi o máximo que ela conseguiu perguntar.

— Tem calma, menina. Perdeste os sentidos por alguns momentos, mais nada.

— Perdi os sentidos? — Demorou alguns segundos a assimilar o significado da expressão. — Desmaiei? Mas isso é ridículo!

— E caíste com graciosidade, se queres saber. — Na verdade, tombara como uma árvore acabada de cortar, mas ocorrera-lhe que ela talvez não apreciasse a comparação. — Bateste com a cabeça?

— A cabeça? — Ainda tonta, levou a mão à cabeça. — Acho que não. Eu... — E, então, lembrou-se. — Céus, o vitelo. Mas que estavam a fazer ao animal? De que te ris?

— Imagino que tenha sido complicado para ti ver um touro a tornar-se cabeça de gado. Aposto que não se vêem coisas dessas em Beverly Hills.

— O nosso gado costuma ficar na casa de hóspedes.

Ele sorriu, divertido.

— Ora, agora sim, estás a voltar a ti.

E estava, de facto. O suficiente para perceber que estava aninhada no colo dele como um bebé.

— Porque estás comigo ao colo?

— Porque não me pareceu correcto arrastar-te pelos cabelos. Estás a ficar com cor no rosto novamente.

— Ainda não a pousaste? — perguntou Willa ao entrar para a sala com um copo de água na mão.

— Gosto de estar assim. Cheira bem.

O arrastar de voz exagerado de Nate fez Willa rir-se e abanar a cabeça.

— Pára de brincar com ela, Nate, e larga-a. Tenho mais que fazer.

— Não posso ficar com ela, Will? Não há mulheres no rancho. Às vezes sinto-me tão sozinho.

— Vocês dois são uma moca. — Num esforço para conservar uma réstia de dignidade, Tess afastou o cabelo dos olhos. — Pousa-me, seu mar-meleiro idiota.

— Sim, senhora. — E Nate deixou-a cair para cima do sofá, de uma altura considerável. Ela ressaltou uma vez, resmungou e endireitou-se.

— Bebe isto. — Com pouca paciência, Willa espetou o copo de água na mão de Tess. — E não te aproximes dos currais.

— Podes estar certa disso. — Furiosa consigo mesma e com o facto de ainda se sentir trémula, Tess bebeu a água. — O que vocês estavam a fazer ali é revoltante, bárbaro e cruel. Se mutilar um animal indefeso não é ilegal, devia ser. — Recusou-se a retribuir o sorriso aberto de Nate. — E pára de sorrir para mim, seu tolo. Imagino que não ias gostar muito que te arrancassem os tomates à tesourada.

Nate sentiu-os recolher e pigarreou nervosamente.

— Não, não posso dizer que gostasse.

— Aqui só castramos os homens quando já não precisamos deles — comentou Willa secamente. — Escuta, Hollywood, o desmame e a castração são acontecimentos comuns no dia-a-dia de um rancho. O que achas que aconteceria se deixássemos os animais todos com o material intacto? Tínhamos gado a saltar em cima de tudo o que se mexesse.

— Orgias de gado todas as noites — contribuiu Nate, calando-se de imediato ao sentir o olhar reprovador de ambas as mulheres.

— Não tenho tempo para te explicar como as coisas funcionam — continuou Willa. — Esquece isso e mantém-te longe do curral durante os próximos dois dias. A Bess arranja-te coisas para fazeres dentro de casa.

— Oh, que alegria.

— Não vejo mais nada em que te possas dar bem. Nem consegues ir buscar os ovos sem os partires todos. — Enfrentando o olhar ameaçador de Tess, voltou-se para Nate. — Querias falar comigo?

— Sim, queria. — Mas não esperava distrair-se com tanto entretenimento. — Primeiro, queria ver se estavas bem. Ouvi falar dos problemas que tens tido.

— Estou bem. — Willa tirou o copo de água da mão de Tess e bebeu o que restava. — Não posso fazer grande coisa. Os homens estão um pouco assustados e andam atentos. — Pousou o copo vazio e empurrou o chapéu para trás. — Já ouviste falar de alguém que tenha passado pelo mesmo?

— Não. — E isso preocupava-o. — Não sei o que posso fazer para ajudar, mas se puder, avisa.

— Agradeço-te. — Willa tomou a mão dele e apertou-a, um gesto que deixou Tess incomodada e pensativa. — Conseguiste tratar daquele assunto de que falámos?

O testamento dela, pensou, nomeando Adam seu beneficiário. E os documentos que transferiam a casa, os cavalos e metade da sua parte no Rancho Mercy para ele no final do ano.

— Sim. Trago-te os papéis no final da semana.

— Obrigada. — Libertou a mão dele e ajustou o chapéu. — Podes conversar com ela, se tiveres tempo para perder. — Sorriu um sorriso malandro na direcção de Tess. — Tenho de ir castrar uns touros.

Quando Willa saiu, Tess cruzou os braços e tentou acalmar-se.

— Podia aprender a odiá-la. Não ia custar nada.

— Mas não a conheces.

— Sei que é fria, mal-educada e pouco simpática, e anda numa espécie de onda de poder. Chega-me perfeitamente. — Não, pensava ela, levantando-se, não ia ficar calma. — Não lhe fiz nada para merecer aquele

tipo de atitude. Não pedi para vir para aqui e certamente não pedi para ser parente daquela bruxinha emproada.

— Ela também não. — Nate sentou-se no braço de uma cadeira, enrolando metodicamente um cigarro. Tinha pouco tempo e acreditava que era preciso dizer algumas palavras. — Diz-me uma coisa, como te sentirias se de repente ficasses sem casa? O teu lar, a tua vida, tudo o que amas? — O olhar dele era suave, enquanto acendia o fósforo e o levava à extremidade do cigarro. — Para não perderes tudo terás de confiar em estranhos e, mesmo que o consigas, não vais ficar com tudo. Boa parte do que é teu passará a ser de outras pessoas. Pessoas que não conheces, que nunca tiveste oportunidade de conhecer, que moram na tua casa, com os mesmos direitos legais que tu. Não podes fazer nada contra isso. Aliás, tens todas as responsabilidades, porque esses estranhos não sabem nada do que é preciso fazer num rancho. Tu é que tens de coordenar tudo. Eles só precisam de esperar. E se esperarem recebem tanto quanto tu, mesmo que tenhas sido tu a fazer o trabalho todo, a viver as preocupações, a sentir o esforço.

Tess abriu a boca, mas voltou a fechá-la. Posto naqueles termos, o problema ficava algo diferente.

— Mas a culpa não é minha — respondeu ela em voz baixa.

— Não, não é. Mas também não é dela. — Voltou a cabeça e estudou o retrato de Jack Mercy, por cima da lareira. — E não tiveste de viver com ele.

— Como era ele? — Interrompeu-se, admoestando-se. Não queria saber.

— Como era ele? — Nate exalou uma baforada de fumo. — Eu digo-te. Era frio, implacável e egoísta. Sabia gerir um rancho com mais eficácia do que qualquer outra pessoa que conheça. Mas não soube educar uma criança. — Recordar e reflectir sobre essa verdade enfurecia-o. Agora, o seu tom era mais assertivo. — Nunca lhe deu uma única mostra de afecto, tanto quanto sei, nem uma palavra de elogio, por mais que ela se esforçasse por ele. Ela nunca era suficientemente boa nem rápida nem esperta.

Mas Tess recusava-se a deixar-se comover pela culpa. Não iria permitir-se sentir culpa ou solidariedade.

— Podia ter-se ido embora.

— Sim, podia. Mas ela adora isto. E adorava-o. Não tens de fazer o luto pelo teu pai, Tess. Perdeste-o há muitos anos. Mas a Willa está a sofrer. Mesmo que ele não o mereça. Ele não a queria, da mesma forma que não vos quis, mas ela não teve a sorte de ter tido uma mãe.

Pronto, a culpa ia funcionar, de certa forma.

— Lamento. Mas isso não tem nada que ver comigo.

Nata fumou demoradamente o seu cigarro e depois esmagou-o com cuidado, enquanto se levantava.

— Tem tudo que ver contigo. — Observou-a e o seu olhar tornou-se subitamente frio, distante e desconfortavelmente típico de um advogado. — Se não compreendes isso, tens muito do Jack Mercy em ti. Vou indo.

Nate tocou na aba do chapéu, despedindo-se, e saiu.

Durante algum tempo, Tess ficou onde estava, fitando o retrato do homem que fora seu pai.

* * *

A vários quilómetros dali, nas terras do Três Rochedos, Jesse Cooke assobiava entre dentes enquanto mudava as peças de uma velha carrinha de caixa aberta da Ford. Sentia-se bem, animado com a conversa sobre as mutilações de animais no Mercy, ao pequeno-almoço. O facto de ter sido Lily a encontrar o gato sem cabeça tinha sido particularmente compensador e perfeito. Só lamentava não ter estado presente para o testemunhar.

Mas o Legs Monroe tinha-lhe contado, de acordo com a descrição de Wood Book do rancho Mercy, que a mulherzinha da cidade com o olho negro tinha gritado até mais não.

Maravilhoso.

Jesse assobiava uma canção *country*, enquanto os seus dedos ágeis faziam pequenos ajustes. Sempre detestara música *country*, com aquelas mulheres choramingonas a chorarem pelos seus homens e homens sem tomates a lamentarem-se por mulheres. Mas estava a adaptar-se. Não havia um companheiro de beliche que não fosse adepto e não se ouvia mais nada. Aprenderia a dar-se com aquilo. Na verdade, começava a pensar que o Montana era o local indicado para ele.

Era uma terra para homens a sério. Homens que sabiam como comportar-se e manter as suas mulheres na linha. Afinal de contas, depois de dar a Lily uma bela lição, poderiam assentar ali. Ela ia ser rica.

Essa reflexão fazia-o rir e bater o pé ao ritmo da música. Imagine-se: a tolinha da Lily a herdar um terço de um dos maiores ranchos do estado. Aquilo valia um dinheirão. E só precisaria de esperar um ano.

Jesse saiu de baixo do capô e olhou em volta. As montanhas, as terras, o céu. Tudo era imenso e forte, tal como ele. E por isso pertencia àquele local. Lily aprenderia que o seu lugar era com ele. O divórcio não significava nada para Jesse Cooke. A mulher pertencia-lhe, e se fosse preciso usar os punhos para a lembrar disso de vez em quando, paciência, estava no direito dele.

Só precisava de ser paciente. Tinha de admitir que não era fácil, pensou, passando a mão gordurosa pelo rosto. Se ela descobrisse que ele anda-

va por perto, fugia. E ele não podia permitir que ela fugisse antes que o ano acabasse.

Mas isso não significava que não andasse de olho nela entretanto. Andaria certamente muito atento àquela mulher imprestável.

Fora bastante fácil travar amizade com um grupo de empregados idiotas no Mercy. Bebera umas cervejas, jogara umas cartas e sacara algumas informações. Assim, poderia passear pelo rancho vizinho sempre que quisesse, desde que Lily não o visse.

E o dia em que Jesse Cooke, ex-fuzileiro, deixasse uma mulher enganá-lo jamais chegaria.

Enfiando novamente a cabeça debaixo do capô, Jesse voltou ao trabalho. E reviu os seus planos para uma nova visita ao rancho Mercy.

7.

Sarah McKinnon virava panquecas na chapa, satisfeita por ter o filho mais velho sentado na sua cozinha a beber o café que acabara de preparar. Agora, eram mais as vezes em que ele fazia o seu café no quarto por cima da garagem.

Tinha saudades dele.

Na verdade, tinha saudades de ter os filhos na barra da saia, a pegarem-se e a brincarem um com o outro. Por vezes, chegara a pensar que a iam levar à loucura, que nunca mais teria um minuto de sossego.

Mas agora que estava crescidos e podia beneficiar desse sossego, dava consigo a ansiar pelo barulho, o trabalho e as birras.

Quisera ter mais filhos. Desejara com todas as forças uma menina para embonecar numa casa cheia de homens. Mas ela e Stu nunca conseguiram ter um terceiro filho. Estava feliz por ter tido dois rapazes bonitos e saudáveis.

Agora tinha uma nora que adorava e uma neta para mimar. E teria mais netos. Isto se conseguisse empurrar Ben para a mulher certa.

Aquele rapaz era inacreditavelmente esquisito, pensava, observando-o de esquelha enquanto estudava o jornal matutino. Não continuava solteiro aos trinta por falta de oportunidades. Deus sabia quantas mulheres tinham entrado e saído da vida dele. E da cama, claro. Embora não quisesse pensar muito nisso.

Mas o filho nunca se deixara conquistar por uma mulher, e Sarah supunha que era melhor assim. Era preciso tropeçar antes de cair, e cair de amores era um assunto sério. Quando um homem escolhia com cuidado, normalmente escolhia bem.

Mas, bolas, queria netos.

Com um prato carregado de panquecas na mão, parou por um momento à janela da cozinha. A madrugada abriu-se no céu e ficou a observar o seu esplendor, cada vez mais rosado e iluminado, cheio de nuvens baixas.

No dormitório, os homens estariam a levantar-se e a preparar o pequeno-almoço. Dentro de momentos escutaria os pés do marido no soalho por cima dela.

Sarah sempre se levantara antes do marido, reservando aqueles primeiros momentos do dia para si, no coração da casa. Depois ele desceria, acabado de barbear e a cheirar a sabonete, com o cabelo húmido. Dar-lhe-ia um belo beijo de bons-dias, uma sapatada no rabiosque e beberia a primeira chávena de café com uma intensa sofreguidão.

Adorava aquela previsibilidade dele.

E adorava aquela terra por ser tão imprevisível.

Amava o filho, agora um homem, por ser uma maravilhosa combinação de ambos.

Pousando o prato na mesa, passou a mão pela suavidade espessa do cabelo de Ben. Recordou, com uma estranha e súbita lucidez, o seu primeiro corte de cabelo pago, aos sete anos. Como ficara orgulhoso. E que tolice a dela ao chorar por ver aqueles caracóis dourados no chão do barbeiro.

— Em que pensas, rapaz?

— Hum? — Pousou o jornal. Era permitido ler à mesa, mas só até a comida estar pronta. — Em nada de especial, linda. E tu?

Ela sentou-se e pegou numa caneca de café.

— Conheço-te, Benjamin McKinnon. Estás a maquinar alguma coisa.

— Assuntos do rancho. — Para ganhar tempo, começou a comer o pequeno-almoço. As panquecas eram tão finas que podiam flutuar sobre o prato e o bacon estava particularmente estaladiço. — Ninguém cozinha como a minha mãe — comentou ele, sorrindo-lhe.

— Ninguém come como o meu Ben.

Sarah recostou-se e esperou. Ben nada disse por alguns momentos, saboreando a comida, os aromas e a luz que entrava pela janela. Apreciando a mãe. Era tão fiável como o nascer do sol, pensava. Sarah McKinnon, com os seus olhos profundamente verdes e o cabelo loiro e brilhante. Possuía uma pele branca como o leite, tipicamente irlandesa, que parecia desafiar o sol. Tinha algumas rugas, mas tão suaves e naturais que não eram sequer visíveis. Só se via aquele sorriso, caloroso e confiante.

Era uma mulher frágil, elegante nas suas calças de ganga e camisa de xadrez. Mas ele sabia reconhecer a força nela. Não apenas a força física, embora o tivesse virado do avesso algumas vezes, soubesse montar cavalos

e tratores sem queixumes ao relento agreste do Inverno ou implacável do Verão e conseguisse carregar sacos de cereais ao ombro como uma mulher que embala um bebé.

Mas no seu âmago, onde residia a sua força maior, havia ferro. Nunca deixava ninguém ficar mal. Em toda a sua vida, nunca voltara as costas a um desafio ou a um amigo.

Se não conseguisse encontrar uma mulher igualmente forte, generosa e amável, viveria solteiro para o resto da vida. Essa ideia certamente comoveria Sarah.

— Tenho pensado na Willa Mercy.

Sarah arqueou as sobrancelhas, sentindo um repente de esperança no peito.

— Oh. Ai sim?

— Não dessa maneira, mamã. — Na verdade, sim. E muito. — Ela está numa posição difícil.

A esperança desapareceu do olhar de Sarah.

— Tenho muita pena. É uma boa menina. Não merece um desgosto destes. Ocorreu-me passar por lá, visitá-la. Mas sei que deve estar muito ocupada. — Sorriu ligeiramente. — E estou cheia de curiosidade em relação às outras. Não tive muito tempo para as observar no funeral.

— Acredito que a Will ia gostar que a visitasses. — Levando o seu tempo, voltou a comer panquecas. — Temos tudo controlado por aqui. Acho que posso ajudar um pouco mais no Mercy. Sei que a Will não vai gostar, mas uma ajuda de vez em quando sempre suaviza o trabalho.

— Se não embirrasses tanto com ela, podiam dar-se melhor.

— Talvez. — Encolheu os ombros. — A verdade é que não sei até que ponto realmente geria as coisas antes de o velho morrer. Podemos achar que ela dá conta do recado, mas sem o Mercy está com um homem a menos. E acho que não contratou mais ninguém.

— Falou-se de contratar alguém saído da faculdade para capataz. — Era assim que as novidades circulavam pelos ranchos: especulações ao telefone. — Um rapaz novo com experiência em cruzamentos. Não que o Ham não saiba o que faz, mas está a ficar velho.

— Ela não vai fazer isso. Tem muito que provar e gosta demasiado do Ham. Eu posso ajudá-la — continuou. — Não que ela respeite muito a minha licenciatura. Estava a pensar em passar por lá hoje e ver o que ela acha disso.

— Acho que isso é muito generoso da tua parte, Ben.

— Não o faço para ser generoso. — Sorriu com a caneca encostada ao lábio, um sorriso de diabrete que cultivara desde criança. — Sempre posso picá-la outra vez.

Sarah riu-se e levantou-se para ir buscar a cafeteira. Ouvira os pés do marido no soalho.

— Bem, sempre se distrai dos outros problemas.

* * *

E Willa bem precisava de se distrair. Os filhos de Wood tinham entrado no curral do touro para brincar aos toureiros com o avental vermelho de Natal da mãe. Tinham sobrevivido à aventura e apenas um torcera o pé. Willa salvara-os, içando Pete, já transpirado e assustado, por cima da cerca, e deixando um touro furioso e de olhos raiados de sangue à espera da vingança. O sermão que a seguir fizera aos dois meninos cabisbaixos não lhe dera qualquer prazer... nem o medo que lhe penetrara os ossos quando testemunhara o incidente. Acabara por ajudá-los, comprometendo-se a lavar o avental vermelho antes que Nell desse conta de que tinha desaparecido.

O episódio garantira-lhe o respeito eterno e desesperado dos dois culpados. E, esperava Willa, infundira-lhes medo suficiente para não gritarem “Touro” às fuças de um Angus negro nos próximos tempos.

Um dos tractores tinha perdido uma peça e ela precisara de mandar Billy comprar outra à cidade. Alguns alces tinham avançado sobre uma parte das cercas a noroeste e era preciso reunir o gado.

Bess estava constipada, Tess tinha partido boa parte dos ovos pela terceira vez numa semana, e Lily, o ratinho, estava temporariamente responsável pela cozinha.

Para juntar à festa, os homens andavam irritados.

— Se um homem joga póquer e tem sorte, acho que deve ficar para dar uma oportunidade aos outros de tentarem a sorte. — Pickles ajustava os chifres do animal irritado, apertando e arrancando-os ao som de Tammy Wynette, acompanhado por mugidos ofendidos.

— Se não podes perder — retorquiu Jim —, não jogas.

— Um homem tem direito de reaver o que é seu.

— E um homem tem o direito de sair quando quer. Não é assim, Will?

Ela estava a medicar o animal, enfiando a agulha num movimento ágil e eficiente. Estava mais frio. O Outono aproximava-se com rapidez. Mas o casaco que vestira ao sair de casa estava agora pendurado numa viga, pois já tinha a camisa encharcada em suor.

— Não me meto nas vossas discussões.

A testa de Pickles franziu-se entre as sobrancelhas e o bigode tremeu.

— Entre o Jim e aquele espertalhão das cartas do Três Rochedos, fiquei sem duzentos dólares.

— O JC não é um espertalhão das cartas. — Com vontade de contrariar Pickles, Jim correu em defesa do seu novo amigo. — Limitou-se a jogar melhor do que tu. Não conseguias fazer *bluff* com um cego. E só estás chateado porque ele consertou o tractor do Ham e o pôs a funcionar em condições.

Porque era a verdade incontestável, o queixo de Pickles espetou-se como uma lança.

— Não preciso de um idiota do Três Rochedos para me arranjar o tractor nem para me limpar duzentos dólares nas cartas. Teria arranjado o tractor assim que pudesse.

— Andavas a dizer isso há uma semana.

— Ia tratar disso. — Falando entre dentes, Pickles levantou-se. — Não preciso de ninguém para tomar conta disto. Não preciso que mudem o funcionamento das coisas. Já trabalho neste rancho faz dezoito anos em Maio. Não preciso de um chico esperto para me ensinar a fazer o que já sei.

— Estás a chamar chico esperto a quem? — Furioso, Jim levantou-se de um salto, encostando a cara à de Pickles. — Queres meter-te comigo, velhote? Vamos lá!

— Já chega. — Willa avançou para o meio de punhos erguidos e nós dos dedos brancos. — Já disse que chega. — Usando as duas mãos, afastou os homens. Com um olhar severo, desafiou-os a tentarem o primeiro golpe. — Ao que sei, tenho aqui dois chicos espertos que não sabem concentrar-se no trabalho quando é prioridade.

— Eu sei fazer o meu trabalho. — O queixo de Pickles estava tenso quando arregalou os olhos na direcção de Willa. — Não preciso que ele ou tu me digam o que tem de ser feito.

— Muito bem, então. E eu não preciso de concursos de masculinidade enquanto estão enterrados em tomates e chifres. Vai espairecer e, quando estiveres mais calmo, segue com a equipa que vai verificar a cerca.

— O Ham não precisa que o ajudem e tenho muito que fazer aqui.

Willa aproximou-se, medindo temperamento com temperamento.

— Eu disse para saíres e espaireceres. Depois, mete-me o traseiro no tractor e vai verificar as cercas. Faz isso agora ou faz as malas e levanta o último cheque.

Pickles estava agora completamente corado de fúria e humilhação por ter sido chamado à atenção por uma mulher com metade da sua idade.

— Achas que me podes despedir?

— Sei que posso e tu também. — Apontou para o portão. — Agora mexe-te, que só atrapalhas.

Pickles e Willa fitaram-se durante alguns segundos dolorosos. Então ele afastou-se, cuspiu para o chão e caminhou a passos largos em direcção ao portão. Ao lado de Willa, Jim soltou um suspiro entre dentes.

— Não o percas, Will. Ele é casmurro, sabemos bem, mas é um vaqueiro dos diabos.

— Ele não vai a lado nenhum. — Se estivesse sozinha, amparava o estômago nervoso com a mão. Em vez disso, agachou-se e preparou a injeção seguinte. — Assim que a fúria lhe passar, fica bem. Ele não gritou contigo por mal. Gosta de ti como de qualquer outra pessoa.

Sorrindo, Jim ergueu mais um animal.

— Isso não diz muito.

— Talvez não. — Sorriu também. — Velho chato. Quanto ganhaste na noite passada?

— Uns setenta dólares. Estou de olho numas belas botas de pele de cobra.

— És mesmo vaidoso, Brewster.

— Gosto de estar sempre bem para as senhoras. — Piscou-lhe o olho e a rotina voltou a instalar-se. — Talvez queiras sair para dançar comigo um dia destes, Will.

Era uma piada antiga que ajudava a aliviar ainda mais a tensão. Willa Mercy não dançava.

— E talvez percas os setenta dólares com ele esta noite. — Limpou o suor da testa e manteve a tom casual. — Esse tipo do Três Rochedos?

— O JC? É fixe.

— Tem notícias de lá?

— Nem por isso. — Enquanto trabalhava, Jim lembrou-se do interesse de JC no trabalho do Mercy. — Contou que a miúda do John Conner terminou tudo com ele e que ele se embebedou e desmaiou no quarto de banho.

Agora era mais fácil. Boatos antigos, nomes familiares.

— A Sissy está sempre a acabar com o Conner e ele está sempre bêbedo.

— É só para que saibas que as coisas nunca mudam.

Sorriram um para o outro, duas pessoas agachadas e com as mãos enfiadas em sangue e estrume, com a brisa fresca a espalhar o cheiro por todo o lado.

— Vinte dólares em como ele lhe compra uma bugiganga qualquer e na segunda-feira estão juntos outra vez.

— Não aposto. Não tenho jeito.

Trabalharam juntos por mais vinte minutos, comunicando com grunhidos e sinais de mãos. Quando pararam tempo suficiente para humedecer as gargantas secas, Jim mudou de posição.

— Will, o Pickles não te desafiou de propósito. Tem saudades do velho, mais nada. O Pickles tinha-lhe um respeito louco.

— Eu sei. — Willa tentava ignorar a dor chata que lhe moía o peito, estreitando o olhar. O rasto de poeira ao fundo da estrada dizia-lhe que Billy estava de volta. Ocorreu-lhe ir atrás de Pickles, afagar-lhe o ego e dar-lhe o arranjo da carrinha. — Vai jantar, Jim.

— As minhas palavras preferidas.

Willa levou a sua própria refeição, subindo para o seu Land Rover, e comeu a sua sanduíche de rosbife enquanto avançava pela estrada de terra batida, com marcas de pneus e pegadas de cascos. O caminho seguia pelas pastagens, elevações e subia, oferecendo-lhe uma paisagem de Outono de cortar a respiração.

Já estava a perder a força, pensava, suavizando à medida que as folhas caíam das árvores. Mas conseguia escutar o piar agudo e persistente de uma cotovia, que entrava pela janela aberta do carro, juntamente com o vento. Aquela melodia familiar tranquilizava-a, normalmente. Queria que assim fosse, mas não era capaz de compreender porque não conseguia acalmar.

Com um olhar atento, estudou a cerca por onde passava, satisfeita por ver que estava bem reparada, por ora. O gado pastava tranquilamente, uma vaca erguia ocasionalmente a cabeça para fitar com notável desinteresse a passagem de um veículo.

A oeste, o céu estava a ficar mais escuro e tempestuoso, lançando sombras e uma luz sinistra sobre os cumes das montanhas. Imaginava que houvesse neve nas montanhas e chuva na planície antes de a noite cair. E bem precisavam de chuva, mas duvidava que obtivessem a rega lenta e serena que a terra conseguia absorver. O mais certo seria a chuva cair em golfadas pesadas e agressivas que atingiriam as colheitas e mergulhariam como balas no solo.

Sentia já uma ansiedade de a ouvir bater no telhado com punhos firmes, de ficar sozinha, abrigada naquele som violento, escutando apenas os seus pensamentos durante algumas horas. E de olhar pela janela para um muro de chuva pesada que mascarava tudo e todos.

Talvez fosse a tempestade que se avizinhava que a estivesse a deixar tão inquieta e irritada, pensou, percebendo que verificava pela quarta vez o espelho retrovisor. Ou talvez estivesse só irritada por ter encontrado provas da presença da equipa de reparação de cercas, mas não a equipa propriamente dita.

Não havia carrinha, som de martelo, nem um único homem a passear pela linha da cerca à distância. Nada senão estrada e terra e montes a rasgarem um céu escuro.

Sentia-se demasiado sozinha. E isso não fazia qualquer sentido para ela. Gostava de estar sozinha nas suas terras. E ainda há pouco rezara por um tempo a sós, sem perguntas, respostas nem queixumes.

Mas a ansiedade não desaparecia, saltando como uma truta no estômago, avançando-lhe pela nuca como formigas iradas. Deu consigo a esticar o braço para tocar na espingarda atrás do assento. Então, muito deliberadamente, parou a carrinha e saiu para procurar sinais de vida pela terra.

* * *

Era arriscado. Ele sabia que era arriscado. Mas apetecera-lhe e agora não havia como parar. Aprovava o momento e o local que escolhera. Preparava-se uma tempestade e a equipa de reparação tinha terminado aquela parte. Teriam regressado ao rancho para jantar, provavelmente.

Não lhe dava muito tempo, mas sabia como tirar proveito da situação. Seleccionara uma cabeça de qualidade na pastagem, daquelas gordas e robustas que dariam um bom preço no mercado.

Escolhera o local com cuidado. Depois de terminar, poderia cavalgar a toda a brida e regressar ao rancho ou a um ponto mais longínquo das terras dos Mercy. Uma parte da estrada penetrava os montes que se tornavam rochosos sob um manto denso de árvores. Ninguém se cruzaria com ele naquele caminho.

Da primeira vez que o fizera, sentira-se enjoado com o primeiro esguicho de sangue. Nunca esventrara algo tão vivo e tão imenso. Por outro lado... bem... tinha sido tão... interessante. Cortar um animal tão pesado, sentindo a sua pulsação abrandar e desaparecer como um relógio sem corda.

Sentir a vida esvair-se.

O sangue era quente e pulsava. Pelo menos, pulsara a princípio, mas depois vertera, acumulando-se, vermelho e molhado, como um lago.

O animal não se debatera. Ele precisara apenas de o atrair com comida, conduzindo-o com uma corda. Quis fazê-lo no centro da estrada do rancho. Mais cedo ou mais tarde, alguém passaria por ali e, oh, mas que surpresa. Os pássaros pairariam em círculo, atraídos pelo odor da morte.

Talvez os lobos se aproximassem, seduzidos pelo cenário.

Não fazia ideia da atracção que o cheiro da morte podia exercer. Até ser ele a causá-lo.

Sorriu para o animal que comia do balde de cereais, passando a mão

pelo costado áspero e negro. Depois arranhou a gabardine, certificando-se de que estava bem protegido, rasgou-lhe o pescoço num golpe suave — pois achava que dominava o movimento cada vez melhor — e riu-se de deleite, vendo o sangue fluir.

— Vamos lá, bichinho — cantarolava enquanto o animal tombava.
E depois dedicou-se à parte mais interessante.

* * *

Pickles estava amuado. Conduzindo ao longo da comprida cerca, simulava mentalmente várias conversas possíveis. Entre ele e Jim. Entre ele e Willa. Depois, experimentou as palavras que usara ao queixar-se a Ham da forma como Willa resolvera implicar com ele e ameaçara despedi-lo.

Como se pudesse fazê-lo.

Jack Mercy tinha-o contratado, pelo que, para ele, só Jack Mercy podia despedi-lo. E Jack estava morto — paz à sua alma — por isso, não havia mais conversa.

Até podia ser ele a sugerir a demissão. Tinha umas poupanças a render no banco em Bozeman. Podia comprar um rancho e começar com calma e paciência, até construir algo mais sólido.

Gostava de ver o que aquela mandona faria sem ele. Jamais se aguentaria no Inverno, ponderava ele amargamente, muito menos durante um ano inteiro.

E talvez até levasse o Jim Brewster com ele, raciocinava Pickles, esquecendo convenientemente que estava algo irritado com ele. O rapaz tinha bom corpo, era um trabalhador dos rijos, ainda que um grande parvo a maior parte do tempo.

Era bem capaz de o fazer — comprar um terreno a norte e constituir família. Billy também podia acompanhá-lo se quisesse. *E manteria o rancho puro*, elaborava Pickles a sua fantasia. Nada de galinhas ou cereais, porcos ou cavalos, a não ser em quantidades suficientes para o trabalho do homem. Aquela merda da diversificação era só isso: merda. Do seu ponto de vista, tinha sido o único erro cometido por Jack Mercy.

Deixar aquele fedelho índio criar cavalos em terra de gado.

Não tinha nada contra Adam Wolfchild. O homem não se metia na vida dos outros, era reservado e treinava belos cavalos. Mas era uma questão de princípio. Se a rapariga conseguisse ultrapassar aquele momento, ela e o índio iam gerir o Rancho Mercy lado a lado.

E, na opinião de Pickles, iam destruí-lo.

Mulheres, resmungou para si mesmo. O lugar delas era na cozinha e não no campo a dar ordens aos homens. Despedi-lo, pois sim, continuou a

resmungar de troça, e virou à esquerda no cruzamento, para ver se Ham e Wood já tinham terminado.

Aproximava-se uma tempestade, intuiu distraidamente, vendo de seguida o veículo parado na estrada. Sorriu.

Se houvesse um carro avariado, tinha a caixa de ferramentas na carrinha. Mostraria a qualquer um no Sudoeste do Montana com dois dedos de testa que sabia mais sobre motores do que qualquer pessoa num raio de cem quilómetros.

Parou o carro e, enfiando os polegares nos bolsos da frente das calças de ganga, aproximou-se.

— Está com problemas? — começou ele, parando de repente.

A cabeça de gado estava completamente esventrada e havia sangue suficiente para se banharem. O cheiro dilatava-lhe as fossas nasais à medida que se aproximava, mal olhando para o homem agachado diante da carcaça.

— Encontrou outro? Ora, grande merda, mas que raio se passa aqui? — Inclinou-se mais para a frente. — E foi mesmo agora — começou, mas nesse momento viu a faca e o sangue que lhe escorria da lâmina. Assim como o olhar do homem que a empunhava.

— Deus nos valha! Tu? Porquê?

— Porque posso. — Viu no olhar de Pickles que agora compreendia tudo e viu quando eles se desviaram na direcção da carrinha. — Porque gosto — acrescentou, suavemente.

Com alguma pena, ergueu a faca e mergulhou-a na barriga flácida de Pickles.

— Nunca tinha matado um homem — comentou, empurrando a faca para cima, num golpe firme e implacável. — É interessante.

Interessante, reforçou mentalmente, estudando a forma como o olhar de Pickles evoluía de chocado, a traído, a adormecido. Continuou a espetar a faca para cima, em direcção ao coração, inclinando-se com o corpo que caía e, depois, montando-o.

Todo o seu fascínio pela cabeça de gado desaparecera. Aquilo era caça de primeira qualidade. Um homem tinha cérebro, pensava, libertando a faca com um ruído húmido. Uma vaca era estúpida. E um gato, apesar de esperto, era um animal pequeno.

Reflectindo, recostou-se, ponderando na forma de tornar aquele momento, aquele passo novo, algo especial. Algo que as pessoas comentassem por todo o lado e por muito, muito tempo.

Depois, sorriu e riu-se até precisar de tapar a boca com a mão sangrenta. Sabia muito bem como deixar a sua marca.

Segurou bem na faca e começou a trabalhar.

* * *

Quando Willa viu o cavaleiro a galopar pelas pastagens, parou a carrinha. Reconheceu o cavalo grande e negro de Ben e o cão Charlie que acompanhava Spook como uma sombra. A sua primeira reacção foi de alívio, embora isso não a deixasse satisfeita. Mas havia algo de sinistro no ar e ficaria contente se o próprio Diabo lhe aparecesse à frente, montado a cavalo.

Embora a visão do homem fosse bastante interessante, disfarçou ao observar a forma como Ben e o animal negro saltavam por cima da cerca, numa sinfonia de agilidade e força.

— Enganaste-te no caminho, McKinnon?

— Não. — Parou o cavalo ao lado da carrinha. Charlie, feliz por ver Willa, cumprimentou-a aliviando a bexiga no pneu da frente do veículo. — Sempre arranjaste a cerca? — Sorriu, vendo que ela o fitava. — O Zack viu que tinhas uma em baixo esta manhã. Este ano, os alces foram mesmo chatos.

— São sempre. Imagino que o Ham tenha resolvido tudo por esta altura.

— Isso é uma sandes?

Willa olhou para a segunda metade do seu jantar.

— Sim. E?

— Vais comê-la?

Com um suspiro, Willa pegou nela e passou-lha.

— Vieste atrás de mim para comeres à borla?

— Isso é só um bónus. Vou enviar umas cabeças de gado para o matadouro no Colorado, mas ocorreu-me que talvez quisesses ajudar-me com algumas centenas.

Simpaticamente, Ben partiu um canto da sandes e atirou-o para o cão expectante.

Willa observou o animal engolir o pão com carne e sorrir — um sorriso que não era muito diferente do sorriso mais arrogante e convencido do dono.

— Queres negociar o preço aqui?

— Talvez pudéssemos fazê-lo de forma mais amigável. Tomando uma bebida. — Esticou o braço para brincar com o cabelo que se soltara da trança dela. — Ainda não conheci a tua irmã mais velha.

Will engatou a primeira no carro.

— Não é o teu estilo, amigo, mas aparece, se quiseres. — Observou-o mastigar o último pedaço de sandes. — Depois do jantar.

— Também queres que leve a garrafa?

Willa limitou-se a sorrir e abrandou a velocidade. Passados alguns segundos, Ben voltou a montar o cavalo e seguiu atrás dela. Ambos sabiam que ela seguiria lentamente para que ele a pudesse acompanhar.

— O Adam vai estar em casa? — Ben ergueu a voz para que ela o conseguisse ouvir apesar do ruído do motor. — Estou interessado em comprar uns pôneis treinados.

— Pergunta-lhe. Não tenho tempo para passear, Ben.

Para o irritar, acelerou, levantando uma nuvem de poeira. Ainda assim, ficou desiludida quando virou à esquerda no cruzamento e o viu cavalgar na direcção contrária.

Queria ter discutido com ele sobre um qualquer assunto, deixando-o zangado o suficiente para ele a agarrar de novo. Ficara a cismar na forma como ele a arrebatara da última vez.

Não costumava pensar muito em homens daquela maneira. Mas era seguramente divertido pensar — daquela forma — em Ben. Mesmo se não tencionasse fazer nada quanto a isso.

Embora pudesse mudar de ideias.

Sorriu para si mesma. Podia até mudar de ideias, só para ver até onde isso a levaria. Tinha a impressão de que Ben saberia mostrar-lhe com particular nitidez e exactidão o que um homem podia fazer a uma mulher.

Talvez o irritasse ao ponto de a beijar naquela noite. A não ser que ele se distraísse com o peito generoso de Tess e o seu perfume francês. A possibilidade fê-la acelerar ainda mais, travando quando avistou a carrinha de Pickles na curva da estrada.

— Ora bolas, acabei por encontrá-lo. — E agora teria de o acalmar. Saiu do veículo, observando a linha da cerca e as pastagens de cada lado. Não via sinais do homem, nem compreendia por que motivo teria deixado a carrinha abandonada no meio da estrada. — Deve ter ido amuar para qualquer canto — resmungava, avançando em direcção ao carro para tocar a buzina.

Foi então que o viu, a ele e à cabeça de gado estendida diante da carrinha, ambos banhados num mar de sangue. Não sabia por que motivo não tinha conseguido sentir o cheiro, quando o ar estava saturado de morte e podridão. Mas agora o odor subia-lhe ao nariz e entranhava-se nas entranhas, fazendo-a correr aos tropeções até à estrada, onde vomitou violentamente o jantar.

O estômago continuava a protestar enquanto ela se dirigia para o seu carro para pressionar com força a buzina. Não parou de tocar, encostando a cabeça à estrutura da janela, num esforço para recuperar o fôlego.

Voltando a cabeça, tentou cuspir o lastro de enjoo que lhe tolhia a garganta e esfregou as mãos no rosto transpirado. Quando a sua vi-

são escureceu e vacilou, mordeu o lábio com força. Mas não conseguia obrigar-se a voltar lá, a olhar novamente. Cedendo, cruzou os braços e baixou a cabeça.

Não a levantou, mesmo quando escutou o ribombar de cascos e os latidos agrestes de Charlie.

— Ei. — Ben desmontou o cavalo, com a espingarda ao ombro. — Willa.

Um felino em posição de ataque não o surpreenderia tanto como Willa, que entretanto se voltara num salto e enterrara o rosto no peito dele.

— Ben, oh, céus. — Abraçou-o, com força. — Oh, céus.

— Está tudo bem, querida. Está tudo bem.

— Não. — Fechou os olhos com força. — Não, em frente à carrinha, a outra carrinha. Está... Céus, tanto sangue.

— Está bem, querida, senta-te um pouco. Eu vejo já isso. — Apreensivo, ajudou-a a sentar-se no apoio de pés da carrinha, franzindo o sobrolho quando ela colocou a cabeça entre as pernas e tremeu. — Fica aqui, Will.

Pela expressão no rosto dela e pelos latidos do cão, Ben imaginou que fosse mais uma cabeça de gado, ou mesmo um dos cães do rancho. Já estava furioso antes de se aproximar da carrinha abandonada. Mas então percebeu que era mais, muito mais do que uma cabeça de gado.

— Deus nos valha.

Podia não ter reconhecido o homem depois do que lhe tinha sido feito. Mas reconheceu a carrinha, as botas, o chapéu coberto de sangue ao lado do cadáver. O seu estômago revolveu-se de nojo e fúria.

Só um pensamento se impunha quando mandou Charlie parar de ladrar: quem fizera aquilo não era simplesmente doido, mas a encarnação do mal.

Voltou-se rapidamente quando escutou um som, e estendeu o braço para evitar que Willa se aproximasse.

— Não olhes. — A sua voz era grave e a mão que a impedia firme. — Não há nada que possas fazer, nem precisas de ver aquilo outra vez.

— Eu já estou bem. — Pousou a mão na de Ben e aproximou-se. — Era meu funcionário e agora olha para ele. — Esfregou os olhos com a base das mãos. — Tiraram-lhe o escalpe, Ben. Por amor de Deus. Por amor de Deus. Cortaram-no aos bocados e levaram-lhe o escalpe.

— Já chega. — As mãos dele não foram suaves quando a obrigou a fitá-lo. — Já chega, Willa. Vai para a tua carrinha e chama a polícia.

Ela assentiu, mas, vendo que não se movia, Ben abraçou-a novamente, embalando-a junto ao peito.

— Espera só um bocadinho — murmurou. — Agarra-te a mim.

— Fui eu que o mandei vir até cá, Ben. — Ela não se agarrava apenas, ela colava-se. — Irritou-me e mandei-o vir até cá ou fazer as malas e partir. Mandei-o para cá.

— Pára com isso. — Alarmado com a forma como a voz dela se partia a cada palavra sua, beijou-lhe o cabelo. — Sabes bem que não tens culpa nenhuma disto.

— Era meu funcionário — repetiu, mas afastando-se, trémula. — Tapa-o, Ben. Por favor. Ele precisa de ser tapado.

— Eu trato disso. — Tocou-lhe no rosto, desejando poder restabelecer alguma da sua cor. — Fica na carrinha, Will.

Esperou até a ver entrar no veículo e depois tirou a lona manchada de óleo da carrinha de Pickles. Teria de servir.

8.

Da janela da cozinha, Lily conseguia ver a floresta e a ascensão das montanhas em direcção ao céu. A noite caía mais depressa à medida que Outubro avançava para Novembro. Da janela, conseguia ainda ver o sol cair nos cumes. Estava no Montana há menos de duas semanas, mas já sabia que assim que o sol caísse por trás daquelas colinas ensombradas, a noite viria rapidamente e o ar ficaria mais fresco.

A escuridão ainda a assustava.

Ansiava pelas madrugadas e ainda mais pelos dias. Havia tanto para fazer que podia dedicar horas às suas tarefas. Sentia-se grata por poder ser útil novamente, por se sentir parte de alguma coisa. Em muito pouco tempo habituara-se a contar com aquele amplo manto de céu, a altivez das montanhas, a infinitude da terra. Aprendera a contar com o som dos cavalos, do gado e dos homens. E com o seu cheiro.

Adorava o seu quarto, a privacidade e a graça que lhe providenciava, assim como toda a casa, pelo seu espaço e madeira envernizada. A biblioteca estava recheada de livros e ela podia ler todas as noites, se assim desejasse, ou escutar música, ou deixar a televisão baixinho.

Ninguém queria saber o que ela fazia à noite. Ninguém criticava os seus pequenos erros, nem lhe levantava a mão.

Para já.

Adam era tão paciente. E era meigo como uma mãe quando tratava dos cavalos. E com ela também, na verdade. Quando ele conduzia as mãos dela pela pata de um cavalo para a ensinar a diagnosticar contracturas, não a apertava. Ensinara-a a escovar o pêlo, a tratar um casco partido, a misturar suplementos alimentares para uma égua grávida.

E quando a surpreendera a dar uma maçã a um potro às escondidas, não lhe dera uma descompostura. Apenas sorriera.

As horas em que trabalhavam juntos eram das melhores da vida dela. Aquele novo mundo que se lhe proporcionava enchia-a de esperança, fazia-a sonhar com a possibilidade de um futuro.

Mas agora tudo podia terminar.

Tinha morrido um homem.

Lily tremia só de pensar, de admitir que um homicídio entrara no seu admirável mundo novo. De um só golpe, a vida de um homem tinha chegado ao fim, e ela sentia-se novamente indefesa e incapaz de controlar o que estaria para acontecer.

Sentia-se envergonhada por pensar mais em si mesma e no que lhe poderia acontecer do que no homem que acabara de morrer. Era verdade que não o conhecera. Com a agilidade de uma presa, Lily evitara facilmente todos os homens do Rancho Mercy. Mas ele fazia parte do seu novo mundo e era egoísta da sua parte não pensar nele em primeiro lugar.

— Céus, que confusão.

Lily saltou quando Tess entrou de rompante na cozinha e a sua mão apertou com força o pano da louça que se esquecera que tinha na mão.

— Fiz café. Mesmo agora. Eles... ainda está aqui alguém?

— A Will ainda está a falar com a polícia, se é a isso que te referes.

Tess seguiu para o fogão, encolhendo o nariz ao espreitar para a cafeteira.

— Deixei-me estar no meu canto, por isso não sei muito bem o que se passou. — Dirigiu-se à despensa, abrindo e fechando a porta intermitentemente. — Haverá alguma coisa mais forte do que café por aqui?

Lily torcia o pano nas mãos.

— Acho que há vinho, mas não me parece bem incomodarmos a Willa com isso.

Tess limitou-se a revirar os olhos e abriu o frigorífico, amuada.

— Esta garrafa de Chardonnay, adequada ainda que inferior, é tanto nossa como dela. — Retirando-a, perguntou: — Tens um saca-rolhas?

— Vi um há pouco. — Obrigou-se a pousar o pano. Já tinha limpado o balcão duas vezes. Abrindo uma gaveta, tirou o saca-rolhas e passou-o a Tess. — Eu... ah... fiz sopa. — Apontou para a panela no fogão. — A Bess ainda está com febre, mas conseguiu comer uma taça cheia. Acho... espero que se sinta melhor amanhã.

— Hum-hum. — Tess tirou dois copos de vinho e serviu. — Senta-te, Lily. Acho que precisamos de falar.

— Acho melhor ir buscar mais café.

— Senta-te. Por favor.

Tess sentou-se no banco de madeira ao balcão e esperou.

— Está bem.

Lily sentou-se do outro lado da mesa envernizada e cruzou as mãos no colo. Tess passou-lhe um copo e ergueu o seu.

— Imagino que falaremos das nossas vidas um dia, mas este não parece ser o momento mais indicado. — Tirou do bolso o único cigarro que encontrara no seu kit de emergência, brincando com ele antes de pegar na caixa de fósforos. — Isto é um caso sério.

— Sim. — Automaticamente, Lily levantou-se e pegou num cinzeiro que pousou na mesa. — Coitado do homem. Não sei qual deles era, mas...

— Era o careca, com um bigode farto e uma barriga ainda maior — esclareceu Tess e, com um encolher de ombros, acendeu o cigarro.

— Oh. — Agora que podia associar um rosto ao nome, Lily sentia-se ainda mais envergonhada. — Sim, lembro-me dele. Foi esfaqueado, não foi?

— Acho que foi pior do que isso, mas não conheço os pormenores, a não ser que foi a Will que o encontrou, numa dessas estradas que dão a volta à propriedade toda.

— Deve ter sido horrível para ela.

— Sim. — Tess sorriu e pegou no seu vinho. Podia não gostar muito da irmã mais nova, mas não desejaria aquele tipo de experiência a ninguém. — Mas ela lida bem com isso. Eles fazem-nos rijos, aqui. Enfim... — Bebeu, achando o vinho menos mau do que esperava. — E tu? Ficas ou vais?

Mais por vontade de mover as mãos do que de beber, Lily pegou no copo.

— Não tenho mais para onde ir. Imagino que voltes para a Califórnia.

— Pensei nisso. — Tess recostou-se, estudou a mulher diante de si. Mantinha o olhar baixo e as mãos ocupadas. Tinha a certeza de que a tímida Lily já tinha reservado um voo para algum lado. — Mas, afinal de contas, todos os dias morre gente em Los Angeles. Há miúdos que se matam por terem grafitado uma parede no território errado. Há assassinatos motivados pela droga em cada esquina. Tiroteios, esfaqueamentos, assaltos, massacres. — Sorriu. — Céus, como amo aquela cidade.

Vendo a expressão chocada de Lily, Tess atirou a cabeça para trás e riu-se.

— Desculpa — conseguiu dizer, passados alguns momentos, levando a mão ao peito. — Quero dizer que, por pior que pareça e por mais perto que esteja de nós, é apenas uma morte. Por comparação, não é nada de especial, nem suficientemente importante para me impedir de obter o que é meu.

Lily voltou a beber, esforçando-se por pensar com clareza.

— Vais ficar. Vais ficar.

— Sim, vou ficar. Não mudou nada.

— Pensei... — Fechando os olhos, Lily deixou escapar uma onda de alívio que se entrelaçou com a vergonha que ainda sentia. — Estava certa de que partirias e então eu também teria de partir. — Abriu novamente os olhos, revelando um azul suave e tranquilo com insinuações de um cinzento assombrado. — É terrível. Aquele pobre coitado morreu e só consigo pensar em como isso me afecta.

— Estás a ser honesta. Não o conhecias. Ei. — Porque havia algo em Lily que a comovia, Tess pegou na mão da irmã. — Não te martirizes por causa disso. Todos temos muito a perder. Temos direito de pensar no que nos pertence.

Lily observou as mãos unidas. As de Tess eram tão bonitas, com o brilho dos anéis e a força invejável e confiança que os dedos transmitiam. Ergueu o olhar.

— Não fiz nada para merecer isto. Nem tu.

Tess apenas assentiu e, retirando a mão, ergueu o copo novamente.

— Também não fiz nada para merecer ser ignorada a minha vida toda. Nem tu.

Willa entrou na cozinha e parou quando viu as duas mulheres sentadas à mesa. O seu rosto ainda estava pálido e os movimentos algo atordoados. Depois da sequência de perguntas através da qual revivera a descoberta do corpo, ficara muito feliz por ver a polícia partir.

— Bem, mas que confortáveis. — Enfiou as mãos nos bolsos enquanto avançava em direcção à mesa. Ainda sentia os dedos a tremer. — Pensava que iam fazer as malas. Não contava dar convosco a conversar.

— Estávamos a falar sobre isso. — Tess arqueou a sobrancelha, mas não fez qualquer comentário quando Will ergueu o copo de vinho e bebeu. — Não vamos a lado nenhum.

— Ai sim? — Porque o vinho lhe parecia uma bela ideia, Willa atravessou a cozinha em direcção aos armários e tirou um copo. — Depois ficou ali parada, incapaz de se mexer ou pensar.

Ainda não tinha tido oportunidade de pensar na possibilidade de perder o rancho. A ideia estivera presente, a certeza de que as duas mulheres que lhe tinham sido impostas acabariam por fugir. E com elas iria a sua vida.

Mas só agora, ao saber que elas tencionavam ficar, pensava realmente na possibilidade. E com alguma ansiedade.

Cedendo, encostou a cabeça à porta do armário e fechou os olhos.

Pickles, céus. Será que veria para o resto da sua vida a imagem dele

e do que lhe tinha sido feito? Aquele sangue todo a torrar ao sol. A forma como os olhos dele, hirtos de terror, a fitavam.

Mas o rancho estava a salvo, por agora.

— Oh, céus, oh, céus.

Não se tinha apercebido de ter pronunciado aqueles gemidos em voz alta, até Lily pousar a mão no seu ombro. Encolhendo-se com o toque, Willa endireitou-se de imediato.

— Fiz sopa. — Lily sentia-se tola por ter oferecido, mas não lhe ocorria mais nada. — Devias comer qualquer coisa.

— Não me parece que consiga comer agora. — Willa afastou-se, com medo de que aquela proximidade a fizesse ceder. Voltou para a mesa e, diante do olhar fascinado de Tess, serviu-se de vinho.

— Que bom — murmurou Tess, observando com admiração Willa a beber o vinho como se fosse água. — Mas que bom. Quanto tempo consegues fazer isso até cáires?

— Vamos ter de descobrir.

Voltou-se quando ouviu a porta da cozinha abrir-se, soltando um suspiro de alívio quando Ben entrou. Não queria sentir-se zangada por se ter apoiado nele, por lhe ter caído nos braços, por o ter deixado fazer o trabalho sujo enquanto esperava, demasiado fraca para ajudar. Mas custava-lhe engolir.

— Meninas. — Num gesto que imitava o hábito de Willa, Ben tirou-lhe o copo da mão e bebeu. — Um brinde ao final de um dia de merda.

— Bebo a isso. — Tess assim fez, observando-o. O cavaleiro andante. E belo de se ver. — Eu sou a Tess. Deves ser o Ben McKinnon.

— Muito prazer. Lamento que as circunstâncias não sejam as melhores.

Levou a mão ao queixo de Willa e fê-la olhar para ele.

— Vai deitar-te.

— Tenho de falar com os homens.

— Não, não tens. Tens de te deitar e tentar não pensar nisto por uns momentos.

— Não vou enterrar a cabeça debaixo dos cobertores porque...

— Não há nada que possas fazer — interrompeu-a. Ela tremia. Conseguiu sentir o esforço dela para o evitar, mas os tremores repercutiam-se nas pontas dos dedos. — Estás enjoada e cansada. E tiveste de reviver aquela experiência dezenas de vezes. O Adam levou os polícias para conversarem com o pessoal do dormitório e a ti só te resta tentar dormir um pouco.

— Os homens estão...

— Quem os vai animar amanhã e depois, se te fores abaixo?

Ben inclinou a cabeça quando ela se calou.

— Agora, sobe e deita-te, se não queres que te deite eu. Seja como for, é isso que vais fazer. Agora.

Willa sentia as lágrimas formarem-se nos olhos e o choro rebentar na garganta. Mas era demasiado orgulhosa para as derramar diante dele, por isso afastou a mão, deu meia-volta e saiu furiosa da sala.

— Estou impressionada — murmurou Tess quando a porta da cozinha fechou. — Não sabia que alguém conseguia mandar nela.

— Ela era capaz de reagir, mas ia-se abaixo. A Will não se permitte isso. — Franziu o sobrolho, fitando o vinho, desejando ter conseguido convencê-la com carinho e não à força. — Não conheço muitas pessoas capazes de passar pelo que ela passou hoje sem se irem abaixo.

— Será que ela deve ficar sozinha? — Lily levava as mãos ao rosto, de preocupação. — Podia subir com ela, mas... não sei se ia gostar disso.

— Não, ela fica melhor sozinha. — Mas Ben sorriu, feliz pela sugestão. — Não é propriamente um fim-de-semana num *resort* para nenhuma das duas, mas bem-vindas ao Montana, ainda assim.

— Adoro estar aqui. — Assim que o disse, Lily corou, sentindo-se desconfortável ao som do riso trocista de Tess. — Querem comer alguma coisa? Fiz sopa. E temos várias combinações para sandes.

— Meu anjo, se este cheiro é da tua sopa, vou querer uma tigela.

— Bom. Tess?

— Claro, porque não? — Uma vez que Lily parecia ansiosa por servir, Tess deixou-se estar onde estava, tamborilando com os dedos na mesa. — A polícia acha que foi alguém do rancho?

Ben sentou-se diante dela.

— Imagino que concentrem as atenções aqui, mas isso não significa que alguém de fora não pudesse ter arranjado forma de o fazer. Com um cavalo, um carro. — Encolheu os ombros e passou a mão pelo cabelo. — É fácil passar do Três Rochedos para o Mercy. Ora, eu também lá estive.

Ben arqueou uma sobrancelha em resposta ao olhar especulativo de Tess.

— Claro que posso dizer-te que não fui eu, mas não me conheces. Também é possível chegar até ali pelo Rancho Rockin R., pela casa do Nate ou pelas terras altas.

— Bem... — Tess serviu mais vinho. — Já reduzimos o leque de possibilidades, certo?

— Mas digo-te que qualquer pessoa que conheça as montanhas, a terra à sua volta, se pode esconder durante meses e andar por onde quiser. E é muito difícil dar por ela.

— Obrigada por nos tranquilizares. — Olhou de soslaio para Lily que pousava as tigelas fumegantes na mesa. — Não é, Lily?

— Prefiro saber tudo. — Lily sentou-se na extremidade do banco, ao lado de Tess, e cruzou as mãos novamente. — Pode-se tomar precauções quando se sabe tudo antecipadamente.

— É precisamente isso. Diria mesmo que seria boa ideia nenhuma das duas andar longe da casa sozinha por uns tempos.

— Não sou muito de me afastar. — Embora se sentisse algo desconfortável, Tess comeu um pouco de sopa. — E a Lily parece muito próxima do Adam. — Olhou para Ben. — Não é um suspeito, pois não?

— Não sei o que a polícia pensa, mas posso dizer-vos que o Adam Wolfchild seria incapaz de matar e tirar o escalpe a um homem. — Olhou de soslaio quando escutou a colher de Tess cair na mesa. Ter-se-ia recriminado, se isso servisse de alguma coisa. — Desculpa, pensava que conheciam os pormenores.

— Não. — Tess preferiu investir no vinho do que na sopa. — Não sabíamos.

— Ela viu isso? — perguntou Lily, retorcendo as mãos no colo. — Ela encontrou-o assim?

— E terá de viver com essa imagem para sempre. — Ambos teriam, pensava Ben, pois seria impossível apagá-la da memória. — Não as quero assustar, só quero que tenham cuidado.

— Podes contar com isso — prometeu-lhe Tess. — Mas e ela? — perguntou, apontando o polegar para cima. — Só conseguiremos mantê-la perto de casa se a algemarmos.

— O Adam olha por ela. E eu também. — Esperando conseguir aliviar a tensão, comeu um pouco mais de sopa. — E ficar por perto não será assim tão difícil, se puder contar com este tipo de iguarias.

Ambas as mulheres saltaram de alerta quando a porta se abriu. Adam entrou, deixando entrar também o frio da noite.

— Já não precisam de mim.

— Junta-te à festa — convidou Adam. — O menu desta noite é sopa e vinho.

Adam estudou Lily solenemente.

— Acho que prefiro café. Não, senta-te — disse, quando viu que Lily se levantava. — Eu vou buscar. Vim cá para ver a Willa.

— O Ben obrigou-a a deitar-se um pouco. — Os nervos e o alívio faziam Lily falar descontroladamente. — Precisava de descansar. Posso arranjar-te uma sopa. Devias comer alguma coisa. Há muito para comer.

— Eu vou buscar. Senta-te.

— Tens pão. Esqueci-me de tirar o pão. Eu devia...

— Devias sentar-te. — Adam falava calmamente, enquanto servia a sopa. — E tentar descontrair. — Serviu uma segunda tigela e colocou ambas na mesa. — E devias comer. Eu vou buscar o pão.

Lily fitava-o, surpresa, observando-o a mover-se com eficácia na cozinha. Nenhum dos homens da sua vida tinha alguma vez pegado num prato, a não ser que quisesse repetir. Olhou para Ben, em busca de uma expressão de troça, mas ele continuava a comer como se não houvesse nada de anormal num homem a servir comida.

— Queres que fique cá uns dias, Adam, para te ajudar?

— Não, mas obrigado. Teremos de levar um dia de cada vez. — Sentou-se diante de Lily e fitou-a. — Estão todos bem?

Ela assentiu, pegou na colher e tentou comer.

— O Pickles não tinha família — continuou Adam. — Acho que tinha uma irmã, no Wyoming. Vou tentar encontrá-la, se possível. Mas diria que teremos de tratar nós de tudo, assim que libertarem o corpo.

— O Nate podia tratar disso. — Ben partiu um pedaço de pão. — A Willa passa-lhe essa responsabilidade se lho sugerires.

— Certo, vou fazer isso. Queria que soubesses que acho que ela não conseguiria ultrapassar isto sem ti.

— Eu estava lá por acaso. — Ainda o deixava nervoso a forma como ela se aninhara nos seus braços. E a forma como se tinham encaixado na perfeição. — Quando o choque lhe tiver passado, é capaz de lamentar o facto de eu ter estado presente.

— Estás enganado. Ficar-te-á muito grata, tal como eu. — Adam voltou a palma para cima, onde se via uma cicatriz longa e fina entre as linhas do coração e da cabeça. — Irmão.

Os lábios de Ben desenharam um sorriso quando olhou para a cicatriz que ele próprio tinha na mão. E recordou-se do dia em que dois rapazes tinham feito um juramento de sangue solene, nas margens de um rio à meia-luz de um desfiladeiro.

— Oh-oh, hora de rituais masculinos. — Absurdamente comovida, Tess deu um toque a Lily para sair do banco. — É a minha deixa para vos abandonar ao vinho do Porto e aos charutos, enquanto subo e faço algo criativo com as minhas unhas dos pés.

Agradecendo, Ben sorriu.

— Aposto que também são muito bonitas.

— Querido, são maravilhosas.

Fora simples decidir que gostava dele. E faltava pouco para decidir confiar nele.

— Acho que tenho de me juntar ao Adam e agradecer o facto de estares presente. Boa noite.

— Eu também vou subir. — Lily pegou na taça meio vazia de sopa de Tess.

— Não vás. — Adam pousou a mão no ombro dela. — Ainda não comeste.

— Devem querer conversar. Posso levá-la para cima comigo.

— Não fujas por minha causa. — Certo de ter percebido o ambiente que pairava naquele momento, Ben deslizou para fora do banco. — Tenho de ir para casa. Obrigado pela sopa, Lily. — Esticou o braço para lhe acariciar o rosto, mas, sentindo a sua automática atitude defensiva, baixou-o como se nada se tivesse passado. — Come enquanto está quente — aconselhou. — Amanhã passo por cá, Adam.

— Boa noite, Ben. — Adam manteve a mão no ombro de Lily, dando-lhe um toque persuasivo para a fazer sentar-se novamente. Depois pegou na outra mão dela, entrelaçou os dedos com os seus e esperou que ela olhasse para ele. — Não tenhas medo. Não deixarei que nada te aconteça.

— Tenho sempre medo.

As mãos dela estavam tensas, mas Adam acreditava ser o momento de arriscar, por isso deixou-a ficar assim.

— Vieste para uma terra estranha, cheia de gente estranha e ficaste. Isso é coragem.

— Só vim para aqui para me esconder. Não me conheces, Adam.

— Conhecer-te-ei quando me deixares. — Adam libertou uma das mãos, erguendo a sua para a acariciar na zona magoada do seu queixo. — Quero conhecer-te, Lily, quando estiveres preparada.

— Porquê?

Os olhos dele sorriram e o coração dela palpitou.

— Porque compreendes os cavalos e dás restos aos meus cães. — O sorriso dele deslocou-se para os lábios quando ela corou. — E porque fazes uma sopa muito boa. Agora, come — ordenou, libertando-lhe a mão. — Antes que arrefeça.

Observando-o timidamente, Lily pegou na colher e começou a comer.

No piso de cima, armada com um livro que escolhera na biblioteca e uma garrafa de água mineral que tirara do bar, Tess passeava pelo quarto. Decidira ler até trocar os olhos, na esperança de que isso lhe proporcionasse uma noite de sono ininterrupto e sem sonhos.

Possuía uma imaginação demasiado fértil. E por essa razão começava a trilhar um bom percurso enquanto argumentista. E por essa razão também cada pormenor que Ben partilhara com ela se agitaria no seu cérebro até conseguir formar imagens horríficas.

Esperava com fervor que aquele romance extenso, cuja capa prometia muitas aventuras e paixão, agitasse outros devaneios mais interessantes.

Então passou diante do quarto de Willa e escutou um pranto amargo e exausto. Hesitou, desejando ter subido pelas outras escadas.

Desejou ainda que o soluçar desesperado não a tivesse comovido. Quando uma mulher forte chorava, as lágrimas acorriam dos cantos mais profundos e obscuros do coração.

Ergueu o braço para bater à porta, mas limitou-se a encostar a mão à madeira. Talvez se se conhecessem melhor ou se fossem completas estranhas ela conseguisse entrar. Se não houvesse fantasmas entre ambas, ou quaisquer ressentimentos, talvez ela pudesse abrir aquela porta e oferecer... algo.

Mas sabia que não seria bem-vinda. Não haveria conforto entre mulheres, muito menos entre irmãs. E lamentando — muito — que fosse essa a realidade, continuou o percurso até ao seu quarto, fechando, trancando a porta com cuidado.

E então deixou de acreditar que dormiria um sono imperturbável.

* * *

Na escuridão da noite, quando o vento redemoinhava e ameaçava, e a chuva caía com violência e vigor, ele sorria, deitado.

Revivia cada momento da matança, segundo a segundo, alimentando uma curiosa excitação.

No momento, fora quase como se o acto estivesse a ser perpetrado por outra pessoa. Alguém com uma visão tão nítida, com os nervos de tal forma contidos que quase parecia sobre-humano.

Desconhecia essa capacidade em si.

Desconhecia ser capaz de apreciar tanto o momento.

Pobre Pickles. Para evitar rir-se em voz alta, levou as mãos à boca, como uma criança prestes a rir-se na missa. Não tinha nada contra o velhote, mas tinha aparecido no momento errado, e o que teve de ser teve de ser.

O que tem de ser tem de ser, repetiu mentalmente, rindo-se com as mãos na boca. Era isso que a sua mamã costumava dizer. Mesmo quando estava drogada, gostava de proferir estas máximas. O que tem de ser tem de ser. Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje. Deitar cedo e cedo erguer. O sangue é mais espesso do que a água.

Recuperado, suspirou e pousou as mãos na barriga.

Recordava-se de como a faca mergulhara no ventre de Pickles. E em todas aquelas camadas de gordura, pensava, dando sapatadinhas na sua própria barriga. Tinha sido como esventrar uma almofada. E depois aquele som suculento, como o que se faz quando se marca uma mulher com um belo chupão.

Mas o melhor, o melhor de tudo, tinha sido retirar o que restava do cabelo de Pickles. Não daria grande troféu, porque era muito fino e ralo, mas a forma como a faca abria aquela maldita aba tinha sido fascinante.

E o sangue. Céus, como ele sangrava.

Sonhava agora ter podido investir mais algum tempo no acto, talvez fazendo uma curta dança de vitória. Mas da próxima vez...

Precisou de abafar nova gargalhada. Pois haveria uma próxima vez. O gado e os animais de estimação já não o satisfaziam. Os humanos eram muito mais interessantes.

Teria de ter muito cuidado e também de saber esperar. Se matasse outro em pouco tempo, perderia o efeito da antecipação. E queria poder escolher a próxima vítima, em vez de encontrar uma acidentalmente.

Talvez o fizesse a uma mulher. Levava-a para o meio do arvoredo, onde escondera os seus troféus. Podia arrancar-lhe as roupas, enquanto ela lhe implorava que não a magoasse. E depois ia violá-la implacavelmente.

Sentia-se excitado só de pensar na possibilidade e começou a acariciar-se enquanto visualizava o plano. Iria certamente saber escolher o momento, observando a presa, testemunhando o seu olhar de pânico à medida que lhe explicava cada acto que tencionava executar.

Assim só podia ser melhor. Porque assim saberia o que lhe acontecia.

Mas precisava de praticar. O passo seguinte seria uma mulher e ele ainda não tinha aperfeiçoado o método.

Sem pressa, pensava em devaneio, começando a masturbar-se com mais afinco.

Sem qualquer pressa.